

INVENTÁRIO

DOS LUGARES DE MEMÓRIA DO

TRÁFICO ATLÂNTICO

DE ESCRAVOS E DA HISTÓRIA DOS

AFRICANOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL

*Inventory of Sites of Memory
of the Atlantic Slave Trade and
the History of Enslaved Africans in Brazil*

INVENTÁRIO

DOS LUGARES DE MEMÓRIA DO

TRÁFICO ATLÂNTICO

DE ESCRAVOS E DA HISTÓRIA DOS
AFRICANOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL

*Inventory of Sites of Memory
of the Atlantic Slave Trade and
the History of Enslaved Africans in Brazil*

Coordenação de Pesquisa / Organização da Publicação

Research Coordination / Organization of Publication

Hebe Mattos

Martha Abreu

Milton Guran

Assistentes de Pesquisa / *Research Assistants*

Daniela Yabeta; Denise Vieira Demétrio; Fernanda PiresRubião; Livia Nascimento Monteiro; Vanessa Gonçalves e Eline Cypriano.

Apoio acadêmico / *Academic Support*

Ana Maud (Coordenação Labhoi), Mariza de Carvalho Soares e Paulo Knauss.
Adriana Pereira Campos; Agenor Sarraf Pacheco; Alexandre Almir; Alisson Eugênio;
Ana Carolina Prado; Ana dos Anjos; Ane Luise S. M. Santos; Andrea Ferreira Delgado;
Antonio Cesar Caldas Pinheiro; Beatriz Gois Dantas; Beatriz Loner; Beatriz Mamigonian;
Camila Agostinni; Carolina Martins; Carolina Vianna Dantas; Claudia Damasceno Fonseca;
Claudio Honorato; Cristina Wissenbach; Enidelce Bertin; Fábria Barbosa Ribeiro;
Fabiane Popinigis; Flávio Gomes; Giovana Xavier, Henrique Espada Lima; Isabel Guillen;
Jaime Rodrigues; Janira Sodré Miranda; João José Reis; Juciene Apolinário; Juliana Farias;
Keila Grinberg; Lopes da Fonseca; Luis Nicolau Pares; Luiz Geraldo Silva;
Magno Francisco de Jesus Santos; Marcio Soares; Marcus Carvalho; Maria Antonieta Antonacci;
Maria Helena P.T. Machado; Lisa Earl Castillo; Maria Loiola; Maria do Carmo Russo;
Maristela Pinho da Silva; Mariana Bracks Fonseca, Mathias Assunção; Mundinha Araujo;
Nicolau Parés; Nilma Acciole; Paulo R. S. Moreira; Rafael Sanzio; Rafael Soares de Oliveira;
Regina Helena de Faria; Ricardo Moreno; Rodrigo Weimer; Sandro Silva; Sarah Amaral;
Sérgio Ferretti; Silvia Brügger; Solange Barbosa; Suzana Barbosa; Thiago Campos;
Urano de Cerqueira Andrade; Valéria Gomes Costa; Victor Hugo Cardoso; Vinicius P. Oliveira;
Walter Luiz Carneiro Mattos Pereira; Wlamyra Albuquerque.

Agradecemos à Fundação Pierre Verger, Lysuel Calvet, Maria Buzanovsky, Memorial Mãe Menininha do Gantois e Rafael Sanzio A. dos Anjos pela cessão das imagens publicadas neste livro.

We are grateful to the Pierre Verger Foundation, Lysuel Calvet, Maria Buzanovsky, Memorial Mãe Menininha do Gantois and Rafael Sanzio A. dos Anjos for their permission to use the images published in this book.

A publicação deste livro celebra os 20 anos do Projeto Rota do Escravo – Resistência, Liberdade, Herança, e foi possível graças aos recursos do Edital Porto Maravilha Cultural (2013), da CDURP - Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região do Porto do Rio de Janeiro. Contou com o apoio CNPq, através do Projeto Universal, da FAPERJ pelo Edital 03/2013 – Temáticos, e do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.

The publication of this book celebrates the 20 years of activities of Slave Route – Resistance, Liberty, Heritage Project, and was made possible by funds from the “Porto Maravilha Cultural” public bid (2013), sponsored by the Company for the Urban Development of Rio de Janeiro’s Port Region – CDURP. It was also supported by the CNPQ (Universal Project), FAPERJ (by edict 03/2013 – for theme projects) and the UFF’s Post-Graduate Program in History.

Hebe Mattos, Martha Abreu e Milton Guran (Org.)

INVENTÁRIO

DOS LUGARES DE MEMÓRIA DO

TRÁFICO ATLÂNTICO

DE ESCRAVOS E DA HISTÓRIA DOS
AFRICANOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL

***Inventory of Sites of Memory
of the Atlantic Slave Trade and
the History of Enslaved Africans in Brazil***

1ª Edição

Niterói
PPGH - UFF
2014

SITES OF MEMORY: INSCRIBING THE HISTORY OF THE SLAVE TRADE AND SLAVERY IN GEOGRAPHY

The valorization and preservation of heritage linked to the slave trade and slavery – finally recognized as crimes against humanity – has become an important issue in countries and regions that were affected by this tragedy.

The role that heritage can play in the commemoration of this this tragedy and in the education of young people, on the one hand, and in national reconciliation and the construction of social cohesion, on the other – is increasingly recognized and consolidated.

The reflection on the duty of memory has advanced significantly in recent decades, highlighting the liberating and cathartic virtues of the approach used to confront this past, however painful or shameful it may be. Thus visiting the scenes of this crime – even places where certain acts of this tragedy took place – has become crucial to evoke emotion, provoke questioning and create much-needed awareness. The inscription of this tragic history in national geographies and topographies constitutes one of the ways of combating not only forgetfulness, but also denials and falsification .

Thus, in recent decades, efforts have been made in some countries to inventory, preserve and valorize the sites and places related to this story in order to establish itineraries of memory. These initiatives were inspired by the holistic approach on natural and cultural heritage developed by UNESCO through its various Conventions (the 1972 Natural and Cultural Heritage Convention, the 2003 Intangible Cultural Heritage Convention, the 2001 Underwater Heritage Convention and finally the 2005 Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions)

These initiatives responded to the demands and aspirations of the populations most involved in the process of re-appropriating the places of their history and memory, who contributed to their transformation into itineraries of memory and take part in their management. Without the mobilization of these people and the efforts of courageous and tenacious activists and researchers, these actions would not have existed.

Since its creation in 1994, The Slave Route Project: Resistance, Liberty, Heritage, has understood the importance of this heritage for developing the awareness and education of new generations. It is for this reason that inventorying and promoting sites and places of memory were considered a priority.

In 1995, in Accra, Ghana, the project launched a cultural tourism program in conjunction with the WTO (World Tourism Organization) on the slave route in Africa, to encourage the identification, rehabilitation, restoration and promotion of sites, buildings and places of memory of the slave trade throughout the African continent. In addition to the question of memory, the aim was to promote a concept of tourism that could reconcile the ethical and moral demands of preserving this heritage with the development of cultural tourism's economic potential.

LUGARES DE MEMÓRIA:

INSCREVER A HISTÓRIA DO TRÁFICO NEGREIRO E DA ESCRavidÃO NA GEOGRAFIA

A valorização e preservação do patrimônio ligado ao tráfico negreiro e à escravidão – finalmente reconhecidos como crimes contra a humanidade – tornou-se uma questão importante em países e regiões que foram afetados por esta tragédia.

O papel que o patrimônio pode desempenhar – por um lado, em homenagem às vítimas da tragédia e na educação dos jovens e, por outro lado, na reconciliação nacional e na construção da coesão social – é cada vez mais reconhecido e consolidado.

A reflexão sobre o dever de memória progrediu de maneira significativa nas últimas décadas, destacou as virtudes libertadoras, catárticas da abordagem utilizada para enfrentar esse passado, por mais doloroso ou vergonhoso que seja. Assim, visitar os locais do crime – mesmo em lugares onde certos atos desta tragédia ocorreram – tornou-se crucial para evocar a emoção, provocar o questionamento e a necessária tomada de consciência. A inscrição desta história trágica em geografias e topografias nacionais surgiu como um dos meios de lutar não só contra o esquecimento, mas também contra as recusas e falsificações.

Por isso, nas últimas décadas, esforços têm sido feitos em alguns países para inventariar, preservar e valorizar os espaços e lugares relacionados a esta história a fim de estabelecer rotas da memória. Essas iniciativas foram inspiradas na abordagem holística do patrimônio natural e cultural desenvolvido pela UNESCO através de suas diversas Convenções (a de 1972 sobre patrimônio cultural material, a Convenção sobre Patrimônio Cultural Imaterial de 2003, e a Convenção de 2001 sobre o patrimônio subaquático e, finalmente, a Convenção de 2005 sobre a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais).

Essas iniciativas responderam às demandas e aspirações das populações mais envolvidas no processo de reapropriação dos lugares de sua história e memória, que contribuem para a sua transformação em rotas de memória e participam da sua gestão. Sem a mobilização dessas pessoas e os esforços de ativistas e pesquisadores corajosos e tenazes, essas ações não existiriam.

Desde a sua criação em 1994, o projeto *A Rota do Escravo: resistência, liberdade, herança* entendeu a importância deste patrimônio para conscientizar e educar as novas gerações. É por isso que o inventário e a promoção de locais e lugares de memória foram considerados como ações prioritárias.

Desde 1995, o projeto lançou em Accra, Gana, um programa de turismo cultural em conjunto com a OMT (Organização Mundial do Turismo) na rota do tráfico em África para incentivar a identificação, reabilitação, restauração e promoção de locais, edifícios e lugares de memória do tráfico negreiro em todo o continente africano. Além da questão da memória, houve interesse em promover um conceito de turismo que pudesse reconciliar as exigências éticas e morais da preservação do patrimônio memorial com o aproveitamento do potencial econômico do turismo cultural.

A similar program was launched in 1999, in Sainte.Croix (in the U.S. Virgin Islands), in order to celebrate the historical, symbolic, cultural and economic importance of the slave trade and slavery's heritage in the region.

To help these countries formulate appropriate policies, The Slave Route Project has developed a methodology for the inventory of sites of memory and contributed to the development of inventories in Africa, Europe, islands in the Indian Ocean and the Latin Caribbean. The project subsequently is developing a methodological guide based on the knowledge acquired from these experiences to help enhance the skills of the managers of these sites and places of memory. The purpose of this Guide is to provide guidelines for partners who wish to inventory and promote sites of memory, without falling into the trap of "admiring" stone buildings and forgetting the enslaved people who built them.

In reality, primacy was given to build heritage, such as fortifications, houses, factories and furniture which, according to the criteria that prevailed, bore witness to the richness of heritage, leading many to honor the achievements of the slaveowners rather than the memory of the victims. This is a real risk in some islands of the Caribbean and the Indian Ocean that are major tourist destinations, given that the overriding commercial obligation to satisfy tourists – most of whom coming from Western countries – may lead them to overvalue colonial legacy. It often happens that when showing the big houses and achievements of the masters, some touristic guide have tendency to forget to mention that these mansions, forts and facilities were built by with the knowledge and skills of enslaved people. Thus, they run the risk of not achieving the first aim of itineraries of memory: to, pay, above all, tribute to the victims of this crime against humanity, their resistance against oppression and the social, cultural and economic creativity they showed to survive the dehumanization to which they were destined.

We invite all to reconsider the prevailing criteria used to appreciate the aesthetic, historical and touristic value of the heritage produced by this history. Indeed, it is important to reflect and consider criteria that take into account the specificity of this memory and the specific views and perceptions of the victims regarding the symbolic, aesthetic, memorial and social value they assign to the sites of memory.

Through its program devoted to places of memory, The Slave Route project wished to rediscover routes of the slave trade and of slavery and link the countries and regions of the world that share this history. Its ambition is to gradually create a global mapping of these sites and places and facilitate the development of an inter-regional tourism of memory, as well as a new solidarity between Africa and its diasporas in the countries where they are established.

Countries, on both sides of the Atlantic Ocean, of the Mediterranean and in the Indian Ocean are increasingly interested in the inventory and preservation of the heritage linked to this history. In most cases this heritage is in danger because people are unaware of its existence and historical value. This is compounded by negligence and lack of funds, but also by the greed of some economic operators who are only interested in the real-estate value of these sites.

Faced with this situation, countries have adopted different strategies to preserve their heritage, with some deciding to include their more emblematic sites of memory in the UNESCO's World Heritage List, which grants them a special status and establishes obligations to preserve and promote them.

Um programa semelhante foi lançado em 1999 em St. Croix (nas Ilhas Virgens Americanas) para o Caribe com intuito de celebrar a importância histórica, simbólica, cultural e econômica do patrimônio do tráfico negreiro e da escravidão naquela região.

Para ajudar os países a formular políticas adequadas, o projeto *A Rota do Escravo* desenvolveu uma metodologia para o inventário de lugares de memória e contribuiu para a realização de inventários em África, na Europa, nas ilhas no Oceano Índico e no Caribe latino. O projeto, posteriormente, desenvolveu um guia metodológico a partir do saber adquirido com essas experiências, para ajudar a fortalecer as capacidades dos administradores desses lugares de memória. Este guia pretende orientar os parceiros que querem inventariar e promover locais de memória e se prevenir contra a armadilha da “pedra construída”.

Na realidade, foi dada a primazia ao patrimônio construído, como fortificações, casas, fábricas, móveis, em suma realizações que, de acordo com critérios que prevalecem, testemunhariam sobre a riqueza do patrimônio, levando muitas vezes a honrar os feitos dos escravistas em vez da memória das vítimas. Em algumas ilhas com grande afluência turística do Caribe e do Oceano Índico, o risco é real tendo em vista que a obrigação comercial de satisfazer os turistas – na sua maioria de cultura ocidental – pesa e, por vezes, leva a supervalorizar o legado colonial. Ao mostrar as casas grandes e as realizações dos senhores, não há explicações sobre o fato de que essas mansões, os fortes e as instalações foram construídos por pessoas em regime de escravidão. Assim, corre-se o risco de não atingir o primeiro objetivo das rotas da memória: o de homenagear, antes de tudo, às vítimas desse crime contra a humanidade, sua resistência contra a opressão, sua criatividade social, cultural e econômica para sobreviver à coisificação à qual eram destinadas.

Convidamos todos a reconsiderar os critérios dominantes para a apreciação do valor estético, histórico e turístico do patrimônio resultante desta história. De fato, é importante refletir e considerar critérios que levam mais em conta a especificidade desta memória e as visões e percepções específicas das vítimas sobre o valor simbólico, estético, memorial e social que elas dão aos locais de memória.

Através de seu programa sobre lugares de memória, o projeto *Rota do Escravo* quer redescobrir as rotas do tráfico e da escravidão e, portanto, vincular os países e regiões do mundo que compartilham essa história. Sua ambição é criar, ao longo do tempo, um mapeamento mundial dos lugares e facilitar o desenvolvimento de um turismo de memória interregional, mas também uma nova solidariedade entre a África, suas diásporas nos países onde elas são estabelecidas.

Cada vez mais países, em ambos os lados do Oceano Atlântico, no Mediterrâneo e no Oceano Índico, estão interessados no inventário e na preservação do seu patrimônio relacionado a essa história. Este patrimônio está, na maioria dos casos, em perigo, por causa da ignorância de sua existência e de seu valor histórico que se soma a negligências e a falta de recursos, mas também à ganância por parte de alguns agentes econômicos interessados no valor imobiliário e fundiário dos locais.

Diante desta situação, os países adotaram diferentes estratégias para a preservação do patrimônio: alguns decidiram incluir seus locais de memória mais emblemáticos na lista do patrimônio mundial da UNESCO, o que lhes confere um estatuto especial e implica obrigações de preservação e promoção específicas.

Others have chosen to include the sites in their national cultural heritage, which also guarantees some protection. In some cases, autonomous community initiatives and/or local authorities decide to inventory some places and establish itineraries of memory, thus catering to their specific needs. Finally, other countries use all these different solutions simultaneously.

The Valongo Quay, in Rio de Janeiro, is a place of memory with a history that is emblematic for more than one reason. This place witnessed the largest disembarkation of Africans in the Americas, chained and thrown into the hell of human trafficking. More than half a million men, women and children, torn from their land and their families, arrived in this port after the terrible “Middle Passage”, and before being « re-exported » to other destinations in Brazil and the Americas. It was in the vicinity of this port that thousands who did not withstand this barbaric treatment gave their last gasp and were pitched into common graves, along with dead animals and the waste of the slave society. But it was also these places that saw the beginnings of resistance in the slave ships and where the first African societies were recreated to overcome dehumanization. The Valongo Quay tells the history of Brazil which is terrible, cruel and unfortunately still so little-known.

It is a story of Man’s degradation that should capture the attention of all humanity, in order to draw lessons regarding the cruelty of human beings but also their ability to resist and their resilience. For all these reasons, the Valongo Quay deserves recognition as a World Heritage site. While waiting the result of the process of nomination that Brazil may wish to launch, UNESCO granted it the status of “Site of memory associated with the Slave Route” to emphasize its importance for the place in the Brazilian and world geography of memory. The commemorative plaque recording this fact was placed at the Quay by Rio de Janeiro’s Mayor, with the presence of members of the The Slave Route project’s International Scientific Committee, which met in the city of Rio de Janeiro in November 2013, with financial support from Rio’s city hall.

This book which is dedicated to the victims of Valongo Quay is the result of research and inventory undertaken by dozens of researchers from all over Brazil.

It constitutes a pioneering initiative aimed at contributing to the raising of awareness of the need to preserve and promote sites and places of memory and of history tracing the Brazil’s African legacy. This study paves the way for future broader research and invites the various actors of this memory to complete it, using the rigorous methodology developed by The Slave Route project, based on its various experiences throughout the world.

Ali Moussa
Chief of UNESCO’s History and Memory for Dialogue Section
Coordinator of The Slave Route Project

Outros optaram por inscrever os locais em seu patrimônio cultural nacional, o que também garante alguma proteção. Em outros países, as iniciativas comunitárias autônomas e/ou as autoridades locais estão empenhadas em inventariar alguns locais e estabelecer rotas de memória atendendo assim às suas necessidades específicas. Finalmente, alguns países utilizam simultaneamente todas essas diferentes soluções.

O Cais do Valongo no Rio de Janeiro é um lugar de memória que possui uma história emblemática por mais de uma razão. Este lugar assistiu ao maior desembarque de africanos em todas as Américas. Acorrentados e jogados no inferno do tráfico de seres humanos. Neste cais chegaram mais de meio milhão de homens, mulheres e crianças arrancados de suas terras e de suas famílias, após a terrível “viagem do meio” e antes de serem “reexportados” para outros destinos no Brasil e nas Américas. Foi nos arredores desse porto que os milhares que não suportaram esse tratamento bárbaro deram seu último suspiro e foram jogados em valas comuns com animais mortos e resíduos da sociedade escravocrata. Mas é também nesses lugares que as resistências começaram nos navios negreiros e continuaram para negar a barbárie da escravidão e que as primeiras sociedades africanas foram recriadas para sobreviver à desumanização. O Cais do Valongo conta a história do Brasil, terrível, cruel e, infelizmente, ainda tão mal compreendida.

É uma história de degradação do Homem que deve chamar a atenção de toda a humanidade, para tirar lições sobre a barbárie dos homens, mas também de sua capacidade de resistência e resiliência. Por todas essas razões, o Cais do Valongo mereceria ser um local reconhecido como um lugar que pertence ao Patrimônio Mundial. Na pendência de tal reconhecimento, a UNESCO decidiu conceder a condição de “local de memória associado à Rota do Escravo” para enfatizar a sua importância para as rotas da memória que fazem parte das geografias nacionais desta história. A placa comemorativa lembrando este fato foi colocada no Cais pela prefeitura do Rio, com a presença de membros do Comitê Científico Internacional do projeto *A Rota do Escravo* que se reuniu na cidade do Rio de Janeiro em novembro de 2013, com o apoio financeiro da prefeitura carioca.

Este livro é dedicado às vítimas do Cais do Valongo. Resultado de um trabalho de pesquisa e de catalogação efetuados por dezenas de pesquisadores de todas regiões do Brasil. É uma iniciativa pioneira para contribuir no processo de tomada de consciência da necessidade de preservar e de promover os lugares de memória da história da herança afro-brasileira. Este trabalho abre portas para futuras pesquisas mais amplas e convida os diferentes atores desta memória a completá-lo, dentro da metodologia rigorosa desenvolvida pelo projeto *A Rota do Escravo*, a partir de suas diferentes experiências através do mundo.

Ali Moussa
Chefe da Seção de História e Memória para o diálogo a Unesco
Coordenador do Projeto *A Rota do Escravo*

PRESENTATION

The work of organizing the Inventory of Sites of Memory of the Atlantic Slave Trade and the History of Enslaved Africans in Brazil was coordinated by the Oral History and Image Laboratory (LABHOI) of the Fluminense Federal University in association with the International Scientific Committee of the UNESCO “Slave Route: Resistance, Liberty, Heritage” Project. It congregates 100 Sites of Memory and was developed with the participation of various Brazilian historians, anthropologists and geographers through countless consultations and exchanges of information. Without the generous contribution of these professionals, whose work also included preparing the preliminary drafts of the entries and indication of the bibliography or reference sources, it would not have been possible to assemble this wide-ranging material.

The advance of historical research on the slave trade and slavery in our country permitted the selection of 100 indications, but we are certain that we are far from exhausting the Inventory. This work should be seen as a point of departure for new and future actions in the federal, state and municipal spheres in the fields of historical research and teaching, heritage education, publicizing and development of cultural tourism of Sites of Memory of the Slave Trade and the History of Enslaved Africans in Brazil.

In order to focus on the action and legacy of those who had recently arrived, we prioritized written or oral documentary evidence of Africans’ historical and cultural presence. If we had chosen to include the Sites of Memory of descendants of Africans in Brazil, we know that the list would be interminable. Our inventory is about the places where it is possible to remember the arrival of Africans or identify the marks of their presence and intervention.

Enslaved in their continent between the 16th and 19th centuries, often in internal wars between the countless kingdoms that existed in the various regions of Africa touched by the slave trade, Africans of different languages and origins became “slaves”, a legal category at that time in Brazil. Here they reorganized their identities, creating new meanings for their African references. In the entries we use both “slave”, a legal term at that time, and “enslaved”, an adjective that emphasizes the compulsory nature of slavery in Brazil. When referring to the new African identities created in the Americas, we follow the diversity of expressions used by the specialists consulted which reflect different chronologies, historiographical approaches and regional usage.

Distinguishing between Africans and Afro-descendants proved to be a difficult task but the effort was well worthwhile. The reader will be impressed by the sheer scale and variety of the actions of enslaved Africans in Brazil. To achieve a better understanding and greater visibility of the Sites of Memory of the Atlantic Slave Trade and the History of Africans, we organized the 100 sites according to the following 7 themes: 1. Ports of arrival, places of quarantine and sale; 2. Illegal disembarkation; 3. Candomblé Houses and Temples; 4. Churches and Brotherhoods; 5. Work and Daily Life; 6. Revolts and Quilombos; 7. Intangible Heritage.

Hebe Mattos, Martha Abreu e Milton Guran

APRESENTAÇÃO

O trabalho de organização do *Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil* foi coordenado pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense em parceria com o Comitê Científico Internacional do Projeto da UNESCO “Rota do Escravo: Resistência, Liberdade, Herança”. Reúne 100 Lugares de Memória e foi construído com a participação de diversos historiadores, antropólogos e geógrafos do país através de intensas consultas e trocas de informações. Sem a generosa contribuição desses profissionais, inclusive na redação preliminar dos verbetes e na indicação da bibliografia ou fontes de referência, não teria sido possível a reunião desse amplo material.

O avanço da pesquisa histórica sobre o tráfico e a escravidão em nosso país permitiu a seleção de 100 indicações, mas temos certeza de que estamos longe de esgotar o Inventário. Esse trabalho deve ser entendido como um ponto de partida para novas e futuras ações nos âmbitos federal, estadual e municipal, tanto no campo da pesquisa histórica, como no do ensino, educação patrimonial, divulgação e desenvolvimento do turismo cultural dos Lugares de Memória do Tráfico e História dos Africanos Escravizados no Brasil.

Com o objetivo de focalizar no trabalho a ação e o legado dos recém-chegados, demos prioridade às evidências documentais, escritas ou orais, da presença histórica e cultural dos africanos. Se tivéssemos optado por reunir os Lugares de Memória dos descendentes de africanos no Brasil, sabemos que a lista seria interminável. Nosso inventário é sobre os locais onde é possível lembrar a chegada dos africanos ou identificar as marcas de sua presença e intervenção.

Escravizados em seu continente entre os séculos XVI e XIX, muitas vezes em guerras internas entre os inúmeros reinos que existiam nas diversas regiões da África tocadas pelo tráfico, africanos de diferentes línguas e origens tornaram-se “escravos”, categoria jurídica de época no Brasil. Aqui reorganizaram suas identidades, criando novos sentidos para suas referências africanas. Nos verbetes, utilizamos tanto “escravo”, termo jurídico de época, quanto “escravizado”, adjetivo que sublinha o caráter compulsório da escravidão no Brasil. Para nos referirmos às novas identidades africanas criadas nas Américas, respeitamos a diversidade de expressões utilizadas pelos especialistas consultados, refletindo diferentes cronologias, abordagens historiográficas e usos regionais.

De início, a separação entre africanos e afrodescendentes foi uma tarefa difícil, mas o esforço foi recompensado. O leitor certamente ficará impressionado com as dimensões das ações dos africanos escravizados no Brasil. Para melhor compreensão e maior visibilidade dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos, organizamos os cem Lugares em sete diferentes temáticas, apresentadas a seguir: 1. Portos de chegada, locais de quarentena e venda; 2. Desembarque ilegal; 3. Casas, Terreiros e Candomblés; 4. Igrejas e Irmandades; 5. Trabalho e Cotidiano; 6. Revoltas e Quilombos; 7. Patrimônio Imaterial.

Hebe Mattos, Martha Abreu e Milton Guran



Cais do Valongo, no Rio de Janeiro (RJ). Ludmilla Almeida, do grupo de capoeira angola Volta ao Mundo, e José Estevam, do grupo de capoeira angola Gungaê, jogam capoeira (2013).
Foto de Maria Buzanovsky

*Valongo Quays, in Rio de Janeiro (RJ). Ludmilla Almeida, of the "Volta ao Mundo" Capoeira Angola group, and José Estevam, of the "Gungaê" Capoeira Angola group, play capoeira (2013).
Photo by Maria Buzanovsky*

PORTOS DE CHEGADA, LOCAIS DE QUARENTENA E VENDA

A execução do tráfico atlântico de africanos escravizados envolveu a construção de portos, locais de quarentena e venda de africanos recém-chegados nas diversas cidades portuárias, ao longo do período colonial. A partir do final do século XVIII, o comércio negreiro começou a perder legitimidade no mundo Atlântico, até tornar-se ilegal na maioria dos países que o praticavam no início do século XIX. Em 7 de novembro de 1831, o governo imperial brasileiro promulgou a primeira lei proibindo a entrada de escravos africanos no país, prevendo pesadas penas para quem vendesse, transportasse ou comprasse africanos traficados em território brasileiro.

Entretanto, até a lei de 1850, as autoridades admitiram os horrores do tráfico. Mesmo condenado internacionalmente, o Brasil tolerou o contrabando de mais de 750 mil pessoas para o Brasil. Os comerciantes de africanos não cumpriram a lei de 1831, mas tiveram que buscar maior discrição para seus negócios e procurar locais de desembarque afastados dos centros urbanos.

Em 4 de setembro de 1850, finalmente, uma nova lei, conhecida como Lei Euzébio de Queiroz, foi aprovada no Parlamento. Após sua promulgação, apesar da continuidade do contrabando, a repressão ao tráfico avançou significativamente até sua completa extinção.

PORTS OF ARRIVAL, PLACES OF QUARANTINE AND SALE

The execution of the Atlantic trade of enslaved Africans involved the construction of ports, places of quarantine and sale of recently-arrived Africans in various port cities throughout the colonial period. As from the end of the 18th century, the slave trade began to lose legitimacy in the Atlantic world until becoming illegal in most countries that engaged in it at the beginning of the 19th century. On November 7, 1831, the imperial Brazilian government enacted the first law forbidding the entry of African slaves and stipulating heavy penalties for those who sold, transported or bought trafficked Africans in Brazilian territory.

However, until the law promulgated in 1850, the authorities acquiesced in the horrors of the slave trade. Despite international condemnation, Brazil tolerated the contraband of more than 750 thousand people to Brazil. The traders did not observe the 1831 law but had to carry out their business more discretely, seeking places to disembark Africans that were far from urban centers.

Finally, on September 4, 1850, a new law known as the Euzébio de Queiroz Law was approved by parliament. Although contraband did not cease immediately after its promulgation, the repression of the trade advanced significantly until its complete extinction.

CAIS DO VALONGO – RIO DE JANEIRO – RJ

Em 1774, o Vice-Rei Marquês do Lavradio determinou que o comércio de africanos passasse a ficar “fora dos limites da cidade” do Rio de Janeiro. O novo local escolhido para esse comércio foi o Valongo, entre a Pedra do Sal e a Gamboa. Com propósito de não contaminar a cidade, a ideia era isolar os recém-chegados que esperariam ali a venda para depois saírem diretamente pelo mar, através do Cais do Valongo e de outros trapiches próximos. Estima-se que passaram pela região quase 1 milhão de africanos. A partir de 1831, com a proibição do tráfico de africanos pelo Governo Imperial, a entrada de escravos pelo Valongo diminuiu significativamente e os comerciantes tiveram que buscar maior discrição no comércio de africanos. Procuraram locais mais seguros para o tráfico, em geral em praias isoladas, mas não muito distantes dos pólos dinâmicos da economia brasileira, como as regiões cafeeiras do sudeste, que requisitavam mão de obra escrava africana.

Consultor / *Consultant*: Claudio Honorato

In 1774, the Viceroy Marquês do Lavradio determined that the commercialization of Africans be undertaken “outside the limits” of the city of Rio de Janeiro. The new location chosen for this commerce was the Valongo Wharf, between the Pedra do Sal and Gamboa. With the aim of preventing the contamination of the city, the idea was to isolate the recently-arrived Africans who would wait there to be sold and be shipped out directly through the Valongo Wharf or nearby warehouses. It is estimated that nearly a million Africans arrived and were dispatched in this region. As from 1831, with the prohibition of the trafficking of Africans by the Imperial Government, the number of slaves who entered via the Valongo fell significantly and traders had to be more discrete in the commercialization of Africans. They sought safer places for the slave trade, generally using beaches that were isolated but not too far from the dynamic centers of the Brazilian economy, such as the coffee-growing regions of the southeast where there was a demand for African slave labor.

Referência / *Reference*:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

CAFUA DAS MERCÊS – SÃO LUÍS – MA

Construído em meados do século XVIII, na Praia Grande, tradicional bairro das casas comerciais do Maranhão, a Cafua das Mercês era o antigo mercado de escravos que servia para receber os africanos que desembarcavam no Portinho e ali mesmo eram vendidos. O prédio possui fachada em estilo colonial, com apenas uma porta principal cercada de seteiras que serviam como as únicas entradas de luz e ventilação. Hoje no local funciona o Museu do Negro, um espaço destinado à preservação da memória da presença africana no Maranhão.

Consultor / *Consultant*: Carolina Martins

Built in the mid-18th century in Praia Grande, traditional commercial district of Maranhão, the Cafua das Mercês was formerly the slave market that received the Africans who disembarked in Portinho and were sold there. The building has a colonial style façade with only one main door surrounded by gun holes that served as the only entrances for light and ventilation. It now houses the Museum of the Negro a space devoted to the preservation of the African presence in the present-day state of Maranhão.

Referência / Reference:

MUSEU CAFUA DAS MERCÊS (MUSEU DO NEGRO). Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Disponível em: <http://www.cultura.ma.gov.br/>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

RUA DO BOM JESUS (ANTIGA RUA DOS JUDEUS) – RECIFE – PE

Desde o tempo da ocupação holandesa, a Rua dos Judeus era a mais importante do bairro do Recife, possivelmente em decorrência de seu traçado natural de velha estrada, que conduzia viajantes procedentes de Olinda. Passou a se chamar Rua do Bom Jesus a partir de 1870. Embora não se saiba a localização exata, ali teria existido um mercado de escravos africanos, registrado pelo desenhista Zacharias Wagener (1614-1668) em sua obra “*Mercado de Escravos do Recife*”.

Consultor / Consultant: Marcus Carvalho

Since the Dutch occupation the Rua dos Judeus (Street of the Jews) had always been the most important street of the district of Recife, possibly due to its natural contours of an old road, used by travelers coming from Olinda. Its name was changed to Rua do Bom Jesus in 1870. Although its exact location is unknown it is thought to have been the site of an African slave market, recorded by the artist Zacharias Wagener (1614-1668) in his work “Recife Slave Market”.

Referências / References:

SILVA, Maria Carolina Medeiros da. A presença judaica na urbanização do Recife nos séculos XVII e XX. I *Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco*, 2007. Disponível em: <http://www.pgh.ufrpe.br/brasilportugal/anais/8a/Maria%20Carolina%20Medeiros%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

CAIS DA CIDADE BAIXA – SALVADOR – BA

Localizado na Cidade Baixa, no bairro portuário e comercial da antiga freguesia da Conceição da Praia, onde também ficava a alfândega. Ali eram recebidos os escravos desembarcados em Salvador antes da proibição do tráfico de africanos, promulgada pelo governo imperial em 07 de novembro de 1831. Antes, e mesmo depois dessa data, o local também era utilizado para embarque de escravos e posterior distribuição na rota do tráfico interno.

Consultor / Consultant: João José Reis

Located in the Cidade Baixa, in the port and commercial district of the former parish of Conceição da Praia, where there was also the customs house. The slaves who disembarked in Salvador were received here before the prohibition of the slave trade, promulgated by the imperial government on November 7, 1831. Before, and even after this date, the site was also used for the embarkation and subsequent distribution of slaves along the internal trade route.

Referência / Reference:

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro: Versal; Odebrecht, 2005.

PORTO DE SÃO MATEUS – SÃO MATEUS – ES

O porto de São Mateus, às margens do rio homônimo, no extremo norte do Espírito Santo, era um porto fluvial muito próximo à costa atlântica brasileira, entre as províncias do Rio de Janeiro e da Bahia. Foi o principal escoadouro da produção agrícola: do café das fazendas da região e especialmente da farinha de mandioca, produzida em larga escala, base da economia regional. Ao longo do século XIX, esse porto tornou-se importante mercado de escravos. Por ele entraram muitos escravos africanos, mesmo após a promulgação da lei de 1850, que estabeleceu novas medidas de repressão ao tráfico de africanos.

Consultores / Consultants: Adriana P. Campos e Maria do Carmo de Oliveira Russo

The port of São Mateus, located on the banks of the river of the same name in the far north of Espírito Santo, was a river port that lay very close to the Brazilian Atlantic coast between the provinces of Rio de Janeiro and Bahia. It was the main outlet for agricultural production: of coffee from the region's plantations and especially manioc flour which was produced on a large scale and constituted the basis of the regional economy. During the 19th century it became an important slave market. Many African slaves disembarked here even after the enactment of the 1850 law, which established new measures to repress the trafficking of Africans.

Referência / Reference:

RUSSO, Maria Do Carmo de Oliveira. Cultura política e relações de poder na região de São Mateus: o papel da Câmara Municipal (1848/1889). *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Programa de Pós-Graduação em História. Vitória, 2007.

CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS – RIO DE JANEIRO – RJ

Os africanos recém-chegados (os pretos novos) que não conseguiam resistir aos sofrimentos da viagem tinham como destino final uma vala comum onde seus corpos eram depositados e incinerados. O Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro registra, entre 1824 e 1830, um total de 5.868 mortes de pretos novos na Freguesia de Santa Rita. Com o aumento populacional da área, o cemitério passou a representar um problema. Criticado por exalar mau cheiro pela região próxima, acusado de gerar doenças na cidade, ele foi fechado em 1830. Os vestígios arqueológicos do Cemitério dos Pretos

Novos foram recentemente descobertos, após obra de reforma em uma casa particular. No local foi criado o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos. As investigações realizadas comprovaram a presença de uma população predominantemente jovem, originária da África Central.

Consultor / *Consultant*: Claudio Honorato

The recently-arrived Africans ("pretos novos" or new blacks) who did not manage to survive the journey were placed in a common grave and their bodies burnt. The archive of the Metropolitan Diocese of Rio de Janeiro recorded a total of 5.868 deaths between 1824 and 1830. With the increase in the area's population, the cemetery began to constitute a problem. Criticized on account of spreading a bad smell throughout the neighboring area and accused of causing disease in the city, it was closed in 1830. The archaeological remains of the cemetery of the New Blacks were discovered recently after renovation works on a private residence. The New Blacks Research and Memory Institute was established on the site. The investigations undertaken confirmed the presence of a predominantly young population originating from Central Africa.

Referências / *References*:

PEREIRA, José Julio Medeiros de S. À flor da terra : O Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2006.

Portal Arqueológico dos Pretos Novos. Disponível em: <http://www.pretosnovos.com.br>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

LAZARETO DA GAMBOA – RIO DE JANEIRO – RJ

O Lazareto abrigava africanos que precisavam de quarentena, pois chegavam com moléstias epidêmicas ou contagiosas. A construção original, de 1810, foi realizada por três negociantes de escravos: João Gomes Valle, José Luiz Alves e João Álvares de Souza Guimarães. Os negociantes alegavam que a Ilha do Bom Jesus, local oficial para a quarentena, era muito distante do Valongo, causando prejuízos aos seus negócios. Por terem custeado a obra, recebiam, a título de ressarcimento, um aluguel no valor de 400 réis por cada escravo recolhido nas suas instalações. Localizado atrás do Monte da Saúde, na Gamboa, o Lazareto tinha capacidade para receber de uma só vez aproximadamente mil escravos. O edifício não existe mais, o terreno pertence ao Banco Central do Brasil.

Consultor / *Consultant*: Cláudio Honorato

The Lazareto (leper hospital) housed Africans who needed to remain in quarantine because they had arrived with epidemic or contagious diseases. The original building, dating from 1810, was constructed by three slave traders: João Gomes Valle, José Luiz Alves and João Álvares de Souza Guimarães. The traders alleged that Bom Jesus Island, the official place for quarantine was very far from Valongo, hampering their business. As they had financed the construction, they received a rent of 400 réis for each slave admitted to their facilities. Located behind the Monte da Saúde, in Gamboa, the Lazareto could house about one thousand slaves at a time. The building no longer exists and the land belongs to the Brazilian Central Bank.

Referência / Reference:

HONORATO, Cláudio de Paula. Valongo: o Mercado de Escravos do Rio de Janeiro, 1758-1831. *Dissertação de Mestrado* – PPGH-UFF. Niterói, 2008.

MERCADO DO VALONGO – RIO DE JANEIRO – RJ

As atividades de recepção e manutenção do comércio de africanos escravizados, como alimentação, transporte, cura de doenças e enterramentos envolveu o trabalho de muitos escravos africanos. A Rua do Valongo (atual Rua Camerino), caminho entre a cidade e o cais, era o local dos barracões, galpões e sobrados onde se amontoavam até 400 escravos em condições insalubres e desumanas.

Consultor / Consultant: Claudio Honorato

The reception and maintenance activities of the commerce of enslaved Africans, such as the provision of food, transportation, curing of diseases and burials, involved the work of many African slaves. The Rua do Valongo (present-day Rua Camerino), which linked the city to the wharfs, was the site of the sheds, warehouses and two-storey houses where up to 400 slaves were housed in insalubrious and inhumane conditions.

Referência / Reference:

HONORATO, Claudio de Paula. Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro, 1758 a 1831. *Dissertação de mestrado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Rio de Janeiro, 2008.

PORTO DE JAGUARÃO – JAGUARÃO – RS

Inúmeros escravos africanos entraram pela antiga cidade portuária, situada no Rio Jaguarão, entre o Uruguai e o Brasil, ao longo do século XIX. Eles vinham de diversas regiões da África e do Brasil para o trabalho nas charqueadas. Na antiga Praça do Comércio, hoje o Mercado Público da cidade, realizava-se a compra e a venda de escravos. Ao longo do século XIX, Jaguarão também era caminho para os escravos traçarem rotas de fuga e ganharem a liberdade no vizinho Uruguai.

Consultor / Consultant: Keila Grinberg

During the 19th century countless slaves entered through the old port city located on the Jaguarão River, between Uruguay and Brazil. They came from various regions of Africa and Brazil to work in the “charqueadas” (slaughterhouses and dried-meat processing plants). Slaves were bought and sold in the former Praça do Comércio, now the city’s municipal market. Throughout the 19th century Jaguarão was the place where slaves planned their escape routes to neighboring Uruguay.

Referência / *Reference*:

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa da Gama. Territórios negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico. In: *Ensino de História no Cone Sul: Patrimônio Cultural, Territórios e Fronteiras*. Jaguarão: Evangraf, 2012. p. 261-272.



Ilha de Itamaracá (Itamaracá - PE) – Foto de Pierre Verger, s/d

Itamaracá Island (Itamaracá - PE) – Photo by Pierre Verger, undated

DESEMBARQUE ILEGAL

Apesar da existência da lei de 1831, há muitas notícias sobre desembarques ilegais de africanos ao longo da costa brasileira, nas décadas de 1830 e 1840, em regiões distantes dos centros urbanos e mais protegidas da observação pública. Mesmo após a lei de 1850, há registros de contrabando de africanos em diversos locais do litoral brasileiro. Os desembarques ilegais, em geral em praias pouco frequentadas, contavam com a tolerância das autoridades e com o apoio dos fazendeiros de áreas próximas ao litoral e da população local.

ILLEGAL DISEMBARKATION

During the 1830s and 40s, despite the law enacted in 1831 law, there were many instances of illegal disembarkations of Africans along the Brazilian coast in regions far removed from urban centers and thus hidden from public observation. Even after the promulgation of the 1850 law, there are records of the contraband of Africans in various places along Brazil's coast. The illegal disembarkations, which usually took place on relatively deserted beaches, were tolerated by the authorities and supported by plantation owners and the local population in these coastal areas.

ILHA DE ITAMARACÁ – ITAMARACÁ – PE

Em 1846, um navio negreiro fracassou na tentativa de desembarcar em Barra de Catuama (PE), em local não muito distante de Recife, e foi parar em uma das praias da Ilha de Itamaracá. Para conseguir aportar, o capitão do navio vendeu 30 cativos. Para obter a anuência das autoridades locais no desembarque, negociou mais 11 africanos. Apesar de todas as negociações, uma porção da carga acabou sendo roubada pela população local. O que restou foi apreendido pela polícia. A carga e o dono dela foram levados para o Recife. Porém, como o proprietário era uma pessoa influente, naquela mesma noite todos os africanos boçais aprisionados foram trocados por escravos crioulos, resolvendo o problema.

Consultor / *Consultant*: Marcus Carvalho

In 1846 a slave ship failed in an attempt to disembark Africans in Barra de Catuama (PE), not far from Recife, and ended up on one of the beaches of Itamaracá Island. In order to be able to dock, the ship's captain sold 30 captives. To obtain the approval of local authorities for the disembarkation, he sold 11 more Africans. Despite all the negotiations, a part of the cargo was stolen by the local population. What remained was seized by the police. The cargo and its owner were taken to Recife. However, as the owner was an influential person, that same night all the recently-arrived Africans ("africanos boçais") were exchanged for slaves born in Brazil "crioulos", thus solving the problem.

Referência / *Reference*:

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. A repressão tráfico atlântico de escravos e a disputa partidária nas províncias: os ataques aos desembarques em Pernambuco durante o governo praeiro, 1845-1848. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 27, p. 151-167, 2009. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/33897_4314.PDF. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

BARRA DE CATUAMA – GOIANIA – PE

Em 17 de abril de 1837, o Diário de Pernambuco publicou uma carta defendendo o tráfico de escravos, apesar do comércio de africanos ter sido proibido pelo governo imperial em 07 de novembro de 1831. Notícias sobre desembarque ilegal de africanos pelo litoral de Pernambuco espalharam-se rapidamente e atraíram compradores de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. Alguns engenhos, localizados próximos ao litoral, foram utilizados como mercado de escravos. Dentro desse contexto, Barra de Catuama, próximo de Itamaracá e não muito distante de Recife, destacava-se como um dos pontos favoritos para desembarque clandestino de africanos.

Consultor / *Consultant*: Marcus Carvalho

On April 17, 1837, the Diário de Pernambuco newspaper published a letter defending the slave trade, despite its prohibition by the imperial government on November 7, 1831. News of the illegal disembarkation of Africans on the Pernambuco coast spread rapidly and attracted buyers from Alagoas, Paraíba and

Rio Grande do Norte. Some sugar plantations located near the coast were used as slave markets. Barra de Catuama, near Itamaracá and not very far from Recife, was one of traffickers' favorite spots for the clandestine disembarkation of Africans.

Referência / Reference:

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. A repressão tráfico atlântico de escravos e a disputa partidária nas províncias: os ataques aos desembarques em Pernambuco durante o governo praieiro, 1845-1848. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 27, p. 151-167, 2009. Disponível em: http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/33897_4314.PDF. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

PRAIA DE PORTO DE GALINHAS – IPOJUCA – PE

Em abril de 1846, dizia o cônsul inglês em Pernambuco, que naqueles últimos dezoito meses todos os negreiros que tentaram desembarcar entre o Cabo de São Roque e o Rio São Francisco foram atacados pelas autoridades locais. A carga tomada, em parte ou totalmente, costumava ser redistribuída entre os próprios apreensores e aliados. Este foi o caso do iate *Mariquinhas*. A embarcação, que havia retornado do continente africano em janeiro de 1846, pertencia a um “notório” traficante de escravos, de acordo com o cônsul inglês. Ao chegar a Porto de Galinhas, sua carga foi simplesmente tomada e distribuída entre diferentes senhores de engenho. O cônsul inglês contou que até o dono da carga foi severamente surrado, só escapando de morrer porque eram tantos os assaltantes que terminaram batendo um no outro.

Consultor / Consultant: Marcus Carvalho

In April 1846 the British consul in Pernambuco said that all the slave ships that had tried to disembark between the Cabo de São Roque Cape and the Rio São Francisco River during the previous eighteen months were attacked by the local authorities. The cargo seized used to be redistributed between the apprehenders and their allies. This happened in the case of the schooner Mariquinhas. The ship, which had returned to the African continent in January 1846 belonged, according to the British consul, to a “notorious” slave trader. On arriving in Porto de Galinhas, its cargo was simply seized and distributed among different sugar plantation owners. The consul said that the owner of the cargo was severely beaten up, only escaping death because his attackers were so numerous that they ended up fighting each other.

Referências / References:

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. A repressão tráfico atlântico de escravos e a disputa partidária nas províncias: os ataques aos desembarques em Pernambuco durante o governo praieiro, 1845-1848. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 27, p. 151-167, 2009. Disponível em:

http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/33897_4314.PDF. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

BAÍA DE CAMAMU – CAMAMU – BA

No dia 23 de outubro de 1886, o crioulo Bernardo, filho da africana Angélica, impetrou uma ação de liberdade contra seu senhor, o Capitão Domingos Francisco do Nascimento, através do curador Abdon Ivo de Moraes Vieira. O jovem alegou que sua mãe fora importada como escrava depois da proibição ao tráfico de africanos, ocorrida em 07 de novembro de 1831. De acordo com testemunhas, Angélica foi trazida da África pelo navio negreiro de Miguel Gahagem Champlone e desembarcada em um dos pontos clandestinos de desembarque de africanos que havia na Barra Grande de Camamu, sul da Bahia, sendo posteriormente vendida. O juiz Aristides José de Leão considerou a ação de Bernardo nula e seu procurador apelou da sentença. O processo foi remetido para o tribunal da Relação em 03 de maio de 1888, portanto às vésperas da abolição da escravidão (13 de maio de 1888). Felizmente para Bernardo a liberdade seria conquistada em poucos dias.

Consultor / *Consultant*: Daniela Yabeta

On October 23, 1886, the “crioulo” Bernardo, son of the African Angélica, filed a writ of freedom against his master, Captain Domingos Francisco do Nascimento, through the attorney Abdon Ivo de Moraes Vieira. The young man alleged that his mother was imported as a slave after the prohibition of the trafficking of Africans on November 7, 1831. According to witnesses, Angélica was brought from Africa by the slave ship belonging to Miguel Gahagem Champlone and disembarked in one of the clandestine spots for the disembarkation of Africans that existed on the Barra Grande de Camamu, south of Bahia, which was subsequently sold. The judge declared Bernardo’s action null and his attorney appealed. The case was referred to the appeals court on May 3, 1888, thus on the eve of the abolition of slavery (May 13, 1888). Fortunately for Bernardo he was to conquer his freedom a few days later.

Referência / *Reference*:

SILVA, Ricardo Tadeu Caires. A participação da Bahia no tráfico interprovincial de escravos (1851-1881). In: III Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2007, Florianópolis. 3º. *Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. São Leopoldo: Oikos, 2007. v. 1. p. 49-50. Disponível em: <http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos3/ricardo%20tadeu.pdf>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

ILHA DE ITAPARICA – PONTINHA/VERA CRUZ – BA

A ilha de Itaparica foi o local em que se verificou aquele que teria sido o último desembarque de escravos na Bahia no período ilegal do tráfico transatlântico de escravos. Em 29 de outubro de 1851, a goleta Relâmpago, vinda de Lagos (Nigéria), tentou desembarcar cerca de 500 escravos, foi perseguida por um navio de guerra brasileiro e encalhou na Pontinha, a alguma distância de onde ficava o engenho da Pontinha, de Hygino Pires Gomes, para onde os cativos seriam levados. No desembarque precipitado, muitos africanos morreram afogados, outros de fome e exaustão em terra, obrigados a correr para fugir das autoridades. Apenas 285 sobreviveram.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

The Island of Itaparica was the site of the last disembarkation of slaves in Bahia during the period when the transatlantic slave trade was still illegal. On October 29, 1851, the Relâmpago, a gullet coming from Lagos (Nigeria), tried to disembark nearly 500 slaves, was pursued by a Brazilian warship and went aground on Pontinha, not far from the Pontinha sugar plantation which belonged to Hygino Pires Gomes, and where the captives were taken. Many Africans drowned during the hurried disembarkation or died of hunger and exhaustion on land in their attempt to flee from the authorities. Only 285 survived.

Referências / References:

TAVARES, Luís Henrique Dias. *O desembarque da Pontinha*. CEB, 1971.

VERGER, Pierre. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos dos séculos XVII a XIX*. Bahia: Corrupio, 1988.

PRAIA DE MANGUINHOS E BUENA – SÃO FRANCISCO DE ITABAPOANA – RJ

A localidade conhecida como “Porto de Manguinhos” foi um importante espaço de desembarque clandestino de africanos mesmo após 1850. Além dos traficantes de escravos de São João da Barra, vila da qual faziam parte as praias de Manguinhos e Buena, a região também era utilizada para desembarque de africanos por traficantes de Quissamã, Bom Sucesso, Carapebus e Macaé.

Consultor / Consultant: Daniela Yabeta

The place known as “Porto de Manguinhos” was an important location for the clandestine disembarkation of Africans even after 1850. As well as being used by the slave traffickers of São João da Barra, a village that Manguinhos and Buena beaches belonged to, the region was also used for the disembarkation of Africans by traffickers from, Quissamã, Bom Sucesso, Carapebus and Macaé.

Referência / Reference:

PEREIRA, Walter Luiz Carneiro de Mattos . Tráfico ilegal de africanos e conexões interprovinciais. In: *V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 2011, Porto Alegre. *V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 2011. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/pereira%20walter%20luiz.pdf>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

PRAIA DE JOSÉ GONÇALVES E PRAIA RASA – ARMAÇÃO DE BÚZIOS – RJ

As praias de José Gonçalves e Rasa foram usadas como últimos pontos do tráfico clandestino de africanos na região do antigo Cabo Frio. Por ali foram desembarcados, entre 1844 e 1845, aproximadamente 7.040 africanos. O difícil acesso foi importante para a continuidade dos desembarques ilegais, mesmo com a intensificação do combate ao tráfico após 1850. Os caminhos partiam dessas praias, atravessavam a serra, seguiam pela Baía Formosa, onde ficava a fazenda do traficante José Gonçalves (nome de uma das praias) e atingiam Campos Novos, ponto final para revenda dos escravizados. A maioria dos

africanos desembarcados nessas praias ia para as fazendas do norte fluminense. Entretanto, como muitos ficavam nas propriedades ligadas ao tráfico, ainda hoje existe grande concentração de afrodescendentes na região. Na afirmação de suas identidades, reivindicam a titulação do “Quilombo da Rasa” e constroem uma memória sobre os fatos ali ocorridos durante o cativeiro e o pós-abolição. Nas discussões para mudar o nome da praia, a população do quilombo optou pela manutenção de José Gonçalves.

Consultor / *Consultant*: Nilma Teixeira Accioli

José Gonçalves and Rasa beaches were the last places used for the clandestine trafficking of Africans in the former Cabo Frio region. Around 7.040 Africans were disembarked there between 1844 and 1845. The fact that the place was hard to access was important for the continuation of illegal disembarkations, even with the greater repression suffered by the slave trade after 1850. The routes started on these beaches, crossed the mountains, went through Formosa Bay, where the plantation of the trafficker José Gonçalves (name of one of the beaches) was located and ended at Campos Novos, where the slaves were sold. Most of the slaves who were disembarked on these beaches went to the plantations of the northern part of Rio de Janeiro. However, as many of them remained on plantations linked to the slave trade, the region has many Afro-descendants. In an affirmation of their identities, they are demanding the official recognition of the communal ownership rights of “Quilombo da Rasa” and building a memory of the facts that occurred there during captivity and after abolition. During discussions to change the name of the beach, the population of the “quilombo” chose to keep the name of José Gonçalves.

Referências / *References*:

ACCIOLI, Nilma Teixeira. *José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira*. Disponível em http://www.bn.br/portal/arquivos/pdf/nilma_accioli_pnap.pdf. Acesso em: 20 de julho, 2012.

CANTARINO, Eliane. Os negros da Rasa. *Relatório de identificação sobre a comunidade negra da Rasa de acordo com o artigo 68 ADTCF-CF/1988*. Rio de Janeiro: Convênio Fundação Cultural Palmares-MinC-ITERJ, 1998.

CATEDRAL DO SANTÍSSIMO – CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

Na Igreja Matriz de São Salvador de Campos dos Goytacazes, atual Catedral do Santíssimo, os escravos da região eram batizados. Na primeira metade do século XIX, não obstante a ilegalidade do tráfico atlântico após a lei de novembro de 1831, houve senhores que insistiram em continuar batizando os africanos adultos adquiridos clandestinamente. A combinação do apego senhorial à propriedade escrava com a preocupação de certos párocos de cumprirem o dever de erradicar o pecado original suplantava o temor do desrespeito à lei. Em 1832, por exemplo, foram batizados cerca de cento e noventa escravos africanos adultos; em 1835, quarenta e cinco africanos receberam o sacramento. Cinco anos depois, cento e setenta adultos foram batizados e só a partir de 1845, os registros sobre africanos começaram a diminuir. Em virtude da flagrante irregularidade, os senhores que se arriscaram descumprindo a lei declaravam aos párocos que haviam comprado os batizando em data anterior à lei de 1831. Alguns padres, receosos de alguma acusação de irregularidade, tomaram o cuidado de, por vezes, exigir a assinatura dos senhores ou de testemunhas nos registros de batismo.

Consultor / Consultant: Marcio Soares

The slaves of the region were baptized in the Parish Church of São Salvador de Campos dos Goytacazes, the present-day Cathedral of the Blessed Sacrament. During the first half of the 19th century, and despite the illegality of the Atlantic trade after the November 1831 law, some slave owners insisted on continuing to baptize adult Africans acquired in a clandestine fashion. A combination of masterly attachment to slave ownership and the preoccupation of certain parish priests to fulfill their duty to eradicate original sin, overcame the fear of not observing the law. In 1832, for example, around a hundred and ninety adult Africans were baptized; in 1835, forty five Africans received the sacrament. Five years afterwards, a hundred and seventy adults were baptized and it was only after 1845 that these numbers began to fall. Due to the blatant illegality, the masters who took risks by disobeying the law declared to the priests that they had bought those to be baptized before the 1831 law. Some priests, fearing an accusation of irregularity, took the precaution of sometimes asking plantation owners or witnesses to sign the baptismal records.

Referência / Reference:

Livros de Batizados de Escravos, n.11 – 14 (1830-1851). Arquivo da Igreja Matriz de São Salvador

ILHA DA MARAMBAIA – MANGARATIBA – RJ

Durante a segunda metade do século XIX, a ilha da Marambaia pertencia ao comendador Joaquim José de Souza Breves e era utilizada por ele como porto clandestino de desembarque de africanos. Entre janeiro e fevereiro de 1851, foram apreendidos na localidade pela Polícia da Corte (oficiais de Marinha e imperiais marinheiros) mais de 650 africanos recém desembarcados, a maioria procedente da região do Congo, Angola e Benguela. Após a abolição (1888) e a morte do comendador (1889), os ex-escravos de Breves continuaram vivendo na ilha. Hoje, as famílias descendentes desses ex-escravos, moradoras da Marambaia há várias gerações, tentam a titulação do território como remanescente de quilombo de acordo com o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988.

Consultor / Consultant: Daniela Yabeta

During the second half of the 19th century, the island of Marambaia belonged to Commander Joaquim José de Souza Breves and was used by him as clandestine port for disembarking Africans. Between January and February 1851 the Court Police (Imperial navy officers and sailors) impounded more than 650 Africans who had recently disembarked, mostly from the Congo, Angola and Benguela regions. After abolition (1888) and the death of the commander (1889), Breves' ex-slaves continued to live on the island. Today the families that descend from these ex-slaves, residents of Marambaia for several generations, are trying to obtain communal ownership of their land as a remnant "quilombo" community in accordance with Art. 68 of the Act of the Transitory Constitutional Provisions of the Federal Constitution of 1988.

Referências / References:

YABETA, Daniela. A capital do Comendador: a Auditoria Geral da Marinha no julgamento sobre

a liberdade dos africanos apreendidos na Ilha da Marambaia (1851). *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Departamento de História. Rio de Janeiro, 2009.

CHALHOUB, Sidney. *A Força da Escravidão. Ilegalidade e Costume no Brasil Oitocentista*. São Paulo. Cia das Letras, 2012.

BRACUÍ – ANGRA DOS REIS – RJ

A fazenda de Santa Rita do Bracuí, no litoral sul da Província do Rio de Janeiro, pertencia, no século XIX, ao comendador José Joaquim de Souza Breves. Na localidade, era produzida cachaça para o comércio com a África e eram recebidos os africanos recém-chegados da travessia atlântica. Em dezembro de 1852, às margens dessas terras, dois anos depois das novas medidas de repressão ao tráfico de africanos, o Brigue norte-americano Camargo fez desembarcar ilegalmente 540 africanos procedentes de Quelimane, Moçambique. Os africanos desembarcados na fazenda destinavam-se às plantações de café do alto da Serra, no Vale do Paraíba paulista e fluminense. Um caminho de terra pela Serra ligava o litoral a Bananal, município com inúmeras fazendas de café.

Consultor / *Consultant*: Thiago Campos

In the 19th century the Santa Rita do Bracuí plantation, on the southern coast of the Province of Rio de Janeiro, belonged to Commander José Joaquim de Souza Breves. There he produced “cachaça” (Brazilian rum) for the trade with Africa and received Africans who had recently arrived after the Atlantic crossing. In December 1852, near these lands and two years after the passing of the new measures designed to repress the trafficking of Africans, the US Camargo illegally disembarked 540 Africans who had come from Quelimane, Mozambique. The destination of the Africans who were disembarked in the plantation were the coffee plantations of the mountain regions in the São Paulo and Rio de Janeiro areas of the Paraíba Valley. A dirt road through the mountains linked the coast to Bananal, a municipality where there were many coffee plantations.

Referências / *References*:

ABREU, Martha. “O caso do Bracuhy” In: MATTOS, Hebe e SCHNOOR, Eduardo. (Orgs.) *Resgate: Uma Janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro: Top Books, 1995. pp.167-195.

PESSOA, Thiago Campos. O Império dos Souza Breves: Política e escravidão nas trajetórias dos Comendadores Joaquim e José de Souza Breves. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Departamento de História. Niterói, 2010.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO SÃO FRANCISCO – SÃO SEBASTIÃO – SP

No período da ilegalidade do tráfico de escravos, após 1831, o Sítio Arqueológico de São Francisco teria sido um local intermediário entre o além-mar e as plantações de café do Vale do Paraíba. Os

objetos encontrados no local, contextualizados na dinâmica da região, permitem atestar as relações de africanos com a sociedade mais ampla, incluindo livres e pobres pertencentes à população caiçara local.

Consultor / *Consultant*: Camilla Agostini

During the period after the slave trade had been made illegal in 1831, the Archaeological Site of São Francisco was an intermediate location between Africa and the coffee plantations of the Paraíba Valley. The objects found at the site, contextualized in the region's dynamics, offer proof of the relations of Africans with broader society, including freed slaves and poor people who belonged to the local "caiçara" Indian population.

Referências / *References*:

Agostini, Camilla. Mundo Atlântico e Clandestinidade. Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX. *Tese de doutorado*, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2011. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2011_Camilla_Agostini-S. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

Bornal, Wagner Gomes. Sítio histórico São Francisco: um estudo sob a ótica da arqueologia da paisagem. *Tese de doutorado*, São Paulo: USP, 2008. Acesso em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-10072008-095643/pt-br.php>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

ILHA DO BOM ABRIGO – CANANÉIA – SP

A Ilha do Bom Abrigo, nas proximidades das ilhas de Cananeia e Comprida, província de São Paulo, comprovadamente, recebeu africanos escravizados. O lugar, afastado dos grandes portos do tráfico e com litoral recortado, era alvo constante de suspeitas da polícia paulista de desembarque de africanos novos. Um “brigue todo negro” aportou ali em setembro de 1833, com o objetivo de reabastecimento, mas as autoridades suspeitavam que o navio fizesse contrabando de escravos em Cananeia e na vizinha baía de Paranaguá. Em 1850, um navio incendiado foi encontrado em ilha da região. Tratava-se da barca *Trenton*, construída nos Estados Unidos e vendida em Vitória (ES) para José Rufino Gomes. O navio teve seu nome mudado para *Edelmonda*, foi despachado para o Rio de Janeiro e registrado como *Lembrança*, destinando-se ao comércio no Rio Grande do Sul. Na verdade, a embarcação foi à África e trouxe africanos, desembarcados na Ilha Grande e em Mangaratiba (RJ) e na Ilha do Bom Abrigo. No processo aberto na Auditoria Geral de Marinha colheram-se vários indícios do tráfico: varões de ferro nas escotilhas, grande quantidade de água, feijão e farinha, além de “uma porção de tangeras já servidas (...) de que costumam usar os negros novos”.

Consultor / *Consultant*: Jaime Rodrigues

There is clear evidence that Bom Abrigo Island, near Cananeia and Comprida Islands in the province of São Paulo, received enslaved Africans. Far from the big ports of the slave trade and with its craggy coastline, it was constantly suspected by the São Paulo police of being a location for the disembarkation of new Africans. A “totally black brig” docked there in September 1833 in order to take on provisions, but the

authorities suspected that the ship was smuggling slaves using Cananeia and neighboring Paranaguá bay. In 1850, a gutted ship was found on one of the region's islands. It was the Trenton, built in the United States and sold in Vitória (ES) to José Rufino Gomes. The ship's name was changed to Edelmonda and it was dispatched to Rio de Janeiro where it was registered as Lembrança for use in Rio Grande do Sul. In fact the vessel went to Africa and brought back Africans who were disembarked on Ilha Grande Island and in Mangaratiba (RJ) and on Bom Abrigo Island. The investigation conducted by the General Navy Audit Office found various signs of slave trafficking: iron rods covering the portholes, a large amount of water, beans and flour, besides "several used loin cloths (...)..which new blacks usually wore".

Referência / Reference:

RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas. Editora da Unicamp/CECULT, 2000.

FORTALEZA DA ILHA DO MEL – PARANAGUÁ – PR

A baía de Paranaguá foi cenário para um dos episódios mais marcantes da história da repressão ao tráfico de escravos no Brasil, que ficou conhecido como “o incidente Cormorant”. O cruzeiro da marinha britânica Cormorant entrou na baía de Paranaguá em 29 de junho de 1850 em busca do brique Sereia, que tinha desembarcado cerca de 800 africanos em Macaé (RJ) poucas semanas antes. Lá encontrou, ancorados na ilha da Cotinga, pelo menos cinco navios sendo preparados para a travessia transatlântica. A baía de Paranaguá, um excelente porto natural, com a conivência das autoridades locais, servia de local de preparação de navios e também de desembarque de africanos desde pelo menos o final da década de 1830. Ao rebocar três navios para fora da baía em 1º de julho, o Cormorant foi atacado por tripulantes de navios negreiros instalados na fortaleza da Ilha do Mel. As notícias do incidente, classificado como uma afronta à honra nacional, aceleraram a discussão e aprovação da lei conhecida como “lei Eusébio de Queirós”, em 4 de setembro de 1850. Nela, o governo brasileiro assumiu a repressão ao tráfico de escravos com o qual havia sido conivente até então.

Consultor / Consultant: Beatriz Gallotti Mamigonian

Paranaguá bay was the scene of one of the most famous episodes of the repression of the slave trade in Brazil, which became known as the “Cormorant incident”. The Cormorant, a British Navy cruiser entered Paranaguá bay on June 29, 1850 looking for the Sereia, a brig which had disembarked around 800 Africans in Macaé (Rio de Janeiro) a few weeks before. It found at least five ships being prepared for the transatlantic crossing anchored off the island of Cotinga. Paranaguá bay, an excellent natural harbor, had been used, with the acquiescence of the local authorities, to prepare ships and also disembark Africans since at least the end of the 1830s. When it was towing three ships out of the bay on July 1, the Cormorant came under attack from the crews of slave ships using the Ilha do Mel fortress. The news of the incident, classified as an affront to Brazilian honor, speeded up the discussion and approval of the law known as the “Eusébio de Queirós law”, on September 4, 1850, through which the Brazilian government assumed its responsibilities in the repression of the slave trade with which it had previously been complicit.

Referências / References:

Discurso Ministro Paulino José Soares de Sousa na Câmara dos Deputados em 15/07/1850, Anais da Câmara dos Deputados; Arquivo Nacional da Grã Bretanha, Série Foreign Office 420/11. Confidential Print. Correspondence respecting the Slave Trade of Brazil, Hudson para Palmerston, 27/7/1850;

LEANDRO, José Augusto. “Em águas turvas: navios negreiros na baía de Paranaguá”, *Esboços*, Florianópolis, 10, 2003, p. 99-117.

ILHA DO CAMPECHE E ARMAÇÃO DA LAGOINHA – FLORIANÓPOLIS – SC

Entre 5 e 6 de maio de 1851, desembarcaram ilegalmente “pouco mais ou menos” 200 africanos. Vieram em um patacho denominado *Destro*, que cruzou por um ou dois dias entre a Ilha do Campeche e a Armação da Lagoinha. Foram levados para iates que os conduziram para diversos lugares da província. O patacho seguiu para armar-se no lugar dos Zimbros do Município de Porto Belo, mesmo após a lei de 4 de setembro de 1850, que tinha estabelecido novas medidas de repressão ao tráfico de africanos. O proprietário da Ilha e da Fazenda da Lagoinha era o 1o. Tenente da Armada Joaquim Salomé Ramos de Azevedo.

Consultor / Consultant: Beatriz Mamigonian

Around 200 Africans disembarked illegally on May 5 and 6, 1851. They came in a barquentine called Destro, which made the crossing for one or two days between Campeche Island and Armação da Lagoinha. They were taken by schooners to various places in the province. The barquentine then proceeded to prepare for another trip in the place of the Juniper trees of the Municipality of Porto Belo, even after the law of September 4, 1850, which had established measures to repress the trafficking of Africans. The owner of the island and the Lagoinha Plantation was the First Lieutenant of the Army Joaquim Salomé Ramos de Azevedo.

Referência / Reference:

Correspondência do Ministério da Justiça com as Províncias.

PP-SC p MJ 28/05/1851; PP-SC p MJ 16/05/1852, *Arquivo Nacional*, IJ1 886

PRAIA DO BARCO (CAPÃO ALTO OU CAPÃO DA NEGRADA) – CAPÃO DA CANOA – RS

O desembarque clandestino de abril de 1852, procedido pelo navio Palmeira, é tido como o último afluxo de cativos oriundos da África para a província do Rio Grande do Sul. Ocorreu na Praia do Barco, localidade também chamada de Capão Alto ou Capão da Negrada, no município de Capão da Canoa, então pertencente a Conceição do Arroio, atualmente denominada Osório. Relatos coletados junto a moradores da região, da comunidade remanescente de quilombos de Morro Alto, apontam

para a existência de um naufrágio deste navio e mesmo para a identificação de seus destroços em momentos de maré baixa. Segundo esta narrativa, alguns negros escaparam e se estabeleceram como livres na região. Não obstante, muitos teriam sido vendidos em um leilão clandestino e, posteriormente, alguns deles foram apreendidos como africanos livres pelas autoridades.

Consultores / *Consultants*: Paulo Roberto Staudt Moreira, Rodrigo de Azevedo Weimer e Vinícius Pereira de Oliveira.

The clandestine disembarkation of April 1852 carried out by the Palmeira is considered to constitute the last influx of captives from Africa to the province of Rio Grande do Sul. It took place on Barco Beach, a place also known as Capão Alto or Capão da Negrada, in the municipality of Capão da Canoa, which then belonged to Conceição do Arroio, present-day Osório. Accounts gathered from local inhabitants, who belong to the remnant “quilombo” community of Morro Alto, reveal that this ship sank and that its wreckage can be seen low tide. According to this narrative, some negroes escaped and established themselves as free men in the region. However, many were sold in a clandestine auction and some were subsequently apprehended as free Africans by the authorities.

Referências / *References*:

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. ‘Boçais e malungos em terras de brancos – o último desembarque de Escravos nos arredores de Santo Antônio da Patrulha: 1852’ In BEMFICA, Coralia; et al (org.) *Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá*. Porto Alegre: EST, 2000.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. *De Manoel Congo a Manoel de Paula, um africano ladino em terras meridionais*. Porto Alegre: EST Edições, 2006.

celebrar-se a transferencia, e a este para que o faça no municipio da nova residencia do escravo.

CAPITULO II.

Do lançamento e cobrança da taxa.

Art. 14. A taxa dos escravos é:

1.º De 20\$000 na cidade do Rio de Janeiro.

2.º De 16\$000 nas capitães das provincias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, S. Pedro, Maranhão e Pará.

3.º De 12\$000 no perimetro de 13.200 metros além da cidade, comprehendidas as ilhas muito proximas do municipio e incluidas nos limites; e em todas as outras cidades.

4.º De 8\$000 nas villas e povoações.

Consideram-se povoações as que tiverem pelo menos 25 casas habitadas e aproximadas umas das outras e não separadas por longos intervallos de plantações.

Art. 15 Metade das taxas constantes do artigo antecedente fará parte da receita geral, continuando a pertencer ao fundo de emancipação a outra metade, nos termos da Lei n. 2940 de 31 de Outubro de 1879, art. 18, § 2.º n. 6, e da Lei n. 2040 de 28 de Setembro de 1871, art. 3.º, § 1.º, n. 1.

Art. 16. São isentos da taxa:

1.º Os escravos que não tiverem a idade completa de 12 annos.

2.º Os que se acharem nas prisões e deposito publicos, somente enquanto ahi permanecerem mediante prova produzida pela parte interessada.

3.º Os empregados no serviço da lavoura.

4.º Os que se acharem fugidos, á vista da justificação, que deverão apresentar os respectivos donos.

5.º Os que fizerem parte da tripolação das embarcações de barra fóra.

Paragrapho unico. Para serem isentos da taxa os escravos, de que trata o n. 5 deste artigo, se deverá exhibir certidão de matricula na Capitania do Porto.

Estes escravos assim empregados na vida maritima consideram-se residentes nos lugares onde forem domiciliados seus donos ou as pessoas que os tiverem sob sua administração.



Terreiro do Gantois – Ilê Maroíá Laji (Salvador,- BA) – Mãe Menininha na década de 1930. Autor desconhecido. Acervo Memorial Mãe Menininha

Gantois candomblé temple– Ilê Maroíá Laji (Salvador,- BA) – Mãe Menininha during the 1930s. Unknown author. Memorial Mãe Menininha archive

CASAS, TERREIROS E CANDOMBLÉS

A presença das religiões africanas no Brasil pode ser identificada em fontes históricas desde quando os africanos chegaram ao Brasil por meio do tráfico transatlântico de escravizados. Procedentes principalmente da África Ocidental, atuais Nigéria e Benin; ou da África Central, atuais Angola, Congo e Moçambique, os recém-chegados procuraram recriar seu patrimônio cultural e religioso sob as novas condições de vida. Evidenciando a impressionante vitalidade da tradição oral e das formas de organização religiosa dos povos africanos no Brasil, centros religiosos fundados ao longo do século XIX podem ainda hoje ser encontrados.

CANDOMBLÉ HOUSES AND TEMPLES

The presence of African religions can be identified in historical sources since the arrival of Africans in Brazil through the transatlantic slave trade. Coming mainly from West Africa, present-day Nigeria and Benin, or Central Africa, contemporary Angola, Congo and Mozambique, the recently-arrived Africans sought to recreate their cultural and religious heritage in their new conditions of life. Demonstrating the impressive vitality of the oral tradition and forms of religious organization of the African peoples in Brazil, religious centers founded during the 19th century can still be found today.

TERREIRO DO GANTOIS – ILÉ IYÁ OMI AXÉ IYAMASSE – SALVADOR – BA

O Candomblé do Gantois teria sido fundado entre as décadas de 1860 e 1880, no alto do Gantois, bairro da Federação. A denominação Gantois provavelmente está associada ao fato do terreno ter sido arrendado de Eduardo Gantois, um conhecido traficante de escravos belga e dono de várias propriedades imóveis. Divergências ocorridas na linha sucessória da Casa Branca do Engenho Velho teriam motivado a criação do terreiro por Tia Julia, liberta nagô, casada com o africano liberto de nação jeje, Francisco Nazareth de Etra. Conforme a tradição oral, entre seus filhos, Maria Pulqueria da Conceição Nazaré sucedeu a mãe na liderança do terreiro por volta de 1910. Pulqueria faleceu em 1918, sendo substituída por uma irmã de sangue, Maria da Glória, e depois pela filha desta, Maria Escolástica da Conceição Nazaré (1894-1986), a Mãe Menininha. Como na Casa Branca, Oxóssi e Xangô ocupam lugares privilegiados no panteão.

Consultores / *Consultants*: Sarah Amaral e Lisa Earl Castillo

The Terreiro do Gantois was probably founded between the 1860s and 1880s, in the upper part of the Gantois, district of the Federation. The origin of the name Gantois is probably due to the fact that the site was leased from Eduardo Gantois, a well-known Belgian slave trader and owner of various properties. Disputes that occurred in the line of succession of the Casa Branca do Engenho Velho led to the creation of the temple by Tia Julia, a freed Nagô slave, married to the freed African of the Jeje nation, Francisco Nazareth de Etra. According to oral tradition, her daughter, Maria Pulqueria da Conceição Nazaré, succeeded her as leader of the temple in around 1910. Pulqueria died in 1918 and her place was taken first of all by her sibling, Maria da Glória, and then by the latter's daughter, Maria Escolástica da Conceição Nazaré (1894-1986), known as Mãe Menininha. As in the case of the Casa Branca, Oxóssi and Xangô occupy a privileged place in the pantheon.

Referências / *References*:

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

VERGER, Pierre F. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador / São Paulo: Corrupio / Círculo do Livro, 1981.

CASA DAS MINAS – KWEREBENTAN TO ZOMADONU – SÃO LUÍS – MA

A Casa Mina Jeje de São Luís foi criada na primeira metade do século XIX pelos chamados minas, procedentes do Daomé. A Casa das Minas teria sido fundada pela rainha Nan Agontime, viúva do Rei Agonglô (1789-1797), vendida como escrava por Adondoza (1797-1818). A atual sede teria sido fundada em 1847, em terreno comprado por libertos, na Rua de São Pantaleão, esquina com o Beco das Minas. Segundo a tradição oral, a primeira chefe da Casa foi Maria Jesuína. Durante a abolição e nas primeiras décadas do século XX, a Casa das Minas teria se expandido significativamente e encontrado apoio entre intelectuais maçons e libertos. A Casa das Minas foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2002.

Consultor / Consultant: Martha Abreu

The Casa (Candomblé temple) Mina Jeje of São Luís was created during the first half of the 19th century by the so-called minas who came from Dahomey. The Casa das Minas was probably founded by Queen Nan Agontime, widow of King Agonglô (1789-1797), sold into slavery by Adondoza (1797-1818). The current temple was probably founded in 1847, on a plot of land bought by freed slaves, in the Rua de São Pantaleão, on the corner of the Beco das Minas. According to oral tradition, the first head of the Casa was Maria Jesuína. During abolition and the first half of the 19th century, the Casa das Minas grew significantly and found support among freemason intellectuals and freed slaves. The Casa das Minas was recognized as a heritage site by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN) in 2002.

Referências / References:

VERGER, Pierre. *Uma rainha africana mãe-de-santo em São Luís*. São Paulo: Revista USP, 6:151-158. Jun. Ago. 1990.

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o Sincretismo no Brasil*. São Paulo/Edusp, São Luis / Fapema, 1995.

TERREIRO DO PAI ADÃO – ILÉ OBÁ OGUNTÉ – RECIFE – PE

O Terreiro do Pai Adão, localizado na Estrada Velha de Água Fria, no bairro de Água Fria, foi criado pela africana Inês Joaquina da Costa, Tia Inês, cujas primeiras notícias no Brasil datam de 1875. Tia Inês faleceu em 1905. Após sua morte, a casa de culto foi assumida pelo crioulo Felipe Sabino da Costa, mais conhecido como Pai Adão. Os descendente de Pai Adão preservam o terreiro até hoje. Trata-se de antiga casa de culto nagô, ainda está em atividade e foi tombada por Decreto Estadual nº 10.712, de 5 de setembro de 1985.

Consultor / Consultant: Luiz Geraldo Silva

The Terreiro do Pai Adão, located on the Estrada Velha de Água Fria, in the district of Água Fria, was founded by the African Inês Joaquina da Costa, Tia Inês, whose presence in Brazil was first recorded in 1875. Tia Inês died in 1905. After her death the leadership of the house of worship was assumed by the “crioulo” Felipe Sabino da Costa, better known as Pai Adão. Pai Adão’s descendants have preserved the “terreiro” to this day. It is an old Nagô house of worship that still performs its activities and was recognized as a heritage site by State Decree nº 10.712, of September 5, 1985.

Referência / Reference:

LINS, Anílson. *Xangô de Pernambuco: a substância dos orixás segundo os ensinamentos contidos no Manual do Sítio de Pai Adão*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CASA DE TIO HERCULANO – LARANJEIRAS – SE

Embora Herculano tenha chegado a Laranjeiras na condição de escravizado, não se sabe ao certo quando conseguiu a liberdade. Ao falecer na mesma cidade, em 1907, revelou, através de seu inventário, que havia conseguido adquirir algumas posses. Dentre elas, destacava-se a casa que era sede do terreiro nagô que então dirigia, na rua Comandaroba. Nos documentos oficiais, Herculano aparecia como Herculano da Costa ou Herculano Barbosa, provável nome de família de seu antigo senhor. Herculano foi casado com Bernarda, com quem teve 8 filhos. Seus descendentes até hoje se encarregam da guarda dos santos. A Casa foi restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011.

Consultor / *Consultant*: Beatriz Góis Dantas

Although Herculano arrived in Laranjeiras as a slave, little is known about how he obtained his freedom. When he died in the same city in 1907 his estate revealed that he had managed to acquire some property, including the house which was the headquarters of the Nagô “terreiro” that he directed in Rua Comandaroba. In official documents Herculano appeared as Herculano da Costa or Herculano Barbosa, probably the family name of his former master. Herculano was married to Bernada, with whom he had eight children. Their descendants guard the saints to this day. The Casa was restored by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN) in 2011.

Referência / *Reference*:

DANTAS, Beatriz Góis. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

TERREIRO DA CASA BRANCA DO ENGENHO VELHO – ILÊ AXÉ IYÁ NASSÔ OKÁ – SALVADOR – BA

O Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho foi o primeiro Monumento Negro tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 1986. Segundo a tradição oral, os axés do candomblé ketu-nagô teriam sido plantados nas primeiras décadas do século XIX, na Ladeira do Berquió, próxima da Igreja da Barroquinha, no centro de Salvador. Na segunda metade do século XIX, o terreiro se transferiu para o Engenho Velho da Federação, então subúrbio da cidade, onde hoje se encontra. A primeira liderança foi da africana liberta da Costa da África Francisca Silva, conhecida como Iyá Nassô, título mais alto do culto de Xangô do Império de Oyó. Marcelina Silva (Obatossi), também africana liberta da Costa da África, foi sua sucessora. Ambas foram juntas à África, na década de 1830, mas apenas Marcelina retornou.

Consultores / *Consultants*: Rafael Soares Oliveira e Lisa Earl Castillo

The Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho was the first Negro Monument recognized as a heritage site by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN), in 1986. According to oral tradition the “axés” (sacred energy of the candomblé deities) of the Ketu-Nagô candomblé were planted during the first decades of the 19th century, in the Ladeira do Berquió, near Barroquinha Church in the center of Salvador.

During the second half of the 19th century the “terreiro” was transferred to the Engenho Velho da Federação, then a suburb of the city, where it is currently located. The first leader was Francisca Silva, a freed African from the Gold Coast, known as Iyá Nassô, the highest title of the Xangô do Império de Oyó cult. Marcelina Silva (Obatossi), also a freed African from the Gold Coast, succeeded her. They went to Africa together during the 1830s but only Marcelina returned.

Referências / References:

CASTILLO, Lisa Earl e PARÉS, Luis Nicolau. Marcelina da Silva e seu mundo: novos dados para a historiografia do candomblé Ketu. Salvador, Afro-Ásia, 36, 111-151, 2007. http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia36_pp111_151_CastilloPares.pdf Acesso em: 15 de abril 2013.

SILVEIRA, Renato. *O Candomblé da Barroquinha: processo de constituição do primeiro terreiro baiano de Keto*. 1. ed. Salvador: Edições Maianga, 2006. v. 1. 648p .

OLIVEIRA, Rafael Soares. Feitiço de Oxum: um estudo sobre o Ilê Axé Iyá Nassô Oká e suas relações em rede com outros terreiros. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ciências Sociais, Salvador, 2005.

TERREIRO DO ALAKETU – ILÊ MAROIÁ LAJI – SALVADOR – BA

De nação nagô-ketu, o Terreiro do Alaketu foi fundado pela liberta Maria do Rosário, originária da aristocracia do reino de Ketu. Localizado no bairro de Matatu desde a década de 1830, quando Maria do Rosário e sua filha compraram terrenos na região, é um dos mais antigos candomblés da Bahia ainda em funcionamento. O terreiro foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2005.

Consultor / Consultant: Nicolau Parés

The Terreiro of Alaketu belongs to the Nagô-Ketu nation and was founded by the freed slave Maria do Rosário, a member of the aristocracy of the Ketu kingdom. Located in the district of Matatu since the 1830s, when Maria do Rosário and her daughter bought plots of land in the region, it is one of Bahia's oldest still active candomblé temples. The “terreiro” was recognized as a heritage site by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN) in 2005.

Referências / References:

SILVEIRA, Renato da. “Sobre a fundação do Terreiro do Alaketu”, *Afro-Ásia*, 29-30 (2003), 345-79. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n29_30_p345.pdf. Acesso em: 14 de novembro, 2012.

CASTILLO, Lisa Earl. “O terreiro do Alaketu e seus fundadores: história e genealogia familiar, 1807-1867” *Afro-Ásia*, 43 (2011), 213-259. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/AA_43_LCastillo.pdf. Acesso em: 14 de novembro, 2012.

TERREIRO DO BOGUM – ZOOGODÔ BOGUM MALÊ HUNDÓ – SALVADOR – BA

O Terreiro do Bogum, de nação jeje-mahi, foi fundado no bairro do Engenho Velho da Federação. Está na ativa desde pelo menos a década de 1860, quando era liderado pelos africanos José Moraes, Isidoro Melandras e Raquel. Naquele período, existia uma estreita relação com o terreiro homônimo de Cachoeira (BA). Desde o início do século XX, sua liderança foi exclusivamente feminina. Recentemente foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC) e está em processo de tombamento junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Consultor / *Consultant*: Nicolau Parés

The Terreiro do Bogum, of the Jeje-Mahi nation, was founded in the district of Engenho Velho da Federação. It has been functioning since at least the 1860s, when it was led by the Africans José Moraes, Isidoro Melandras and Raquel. At that time there were close ties with the homonymous temple in Cachoeira (BA). It has been led exclusively by women since the beginning of the 20th century. It was recently recognized as a heritage site by the Artistic and Cultural Heritage Institute of Bahia (IPAC) and is also soon to be recognized by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN).

Referências / *References*:

DUARTE, Everaldo. “O terreiro do Bogum e o Parque São Bartolomeu”, in Ana Luzia Menezes Formigli et al. (orgs.), *Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura*. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998, pp. 19-22.

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007, pp. 196-97, 209.

ROÇA DO VENTURA – TERREIRO ZOOGODÔ BOGUM MALÊ SEJA HUNDÉ – CACHOEIRA – BA

Os africanos Tio Xareme e Ludovina Pessoa, em meados do século XIX, nas imediações da cidade de Cachoeira, no antigo caminho do Engenho do Rosário, fundaram a Roça de Cima, terreiro de nação jeje. No final desse século, Ludovina Pessoa, junto com sua filha de santo, Maria Luiza Sacramento, fundou na Roça do Ventura, vizinha da Roça de Cima, o Terreiro do Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé, ainda em funcionamento.

Consultor / *Consultant*: Nicolau Parés

In the mid-19th century, the Africans Tio Xareme and Ludovina Pessoa founded the Roça de Cima, a “terreiro” of the Jeje nation, near the city of Cachoeira on the former road to the Rosário Sugar Mill. At the end of the same century Ludovina Pessoa, together with his daughter, Maria Luiza Sacramento, who was a saint’s daughter, founded the Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé Terreiro, in the Roça do Ventura, next to the Roça de Cima, and which is still functioning.

Referência / Reference:

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007, pp. 196-97, 209.

CANDOMBLÉ DO CAPIVARI – SÃO FÉLIX – BA

O Candomblé do Capivari localiza-se a cerca de 6 km da cidade de São Félix, na margem direita do riacho Capivari, logo após a entrada do antigo Engenho de Nossa Senhora da Natividade da Fazenda Capivari. Foi fundado pelo africano Anacleto Urbano da Natividade Tosta, escravo nagô e feitor do referido engenho. Tio Anacleto de Omolú foi autorizado pelo seu senhor a manter o terreiro após mostrar suas qualidades de “curador” na epidemia de cólera de 1860, que vitimou dezenas de escravos do plantel do engenho Natividade e das redondezas. O barracão foi construído em volta de um imponente pé de cajá consagrado ao orixá Irôco e, por isso, o terreiro é conhecido também como “candomblé do cajá”. Permanece na ativa até hoje.

Consultor / Consultant: Nicolau Parés

The Candomblé Temple of Capivari is located nearly 6 km from the city of São Félix, on the right bank of the Capivari stream, straight after the entrance to the former Nossa Senhora da Natividade sugar mill of the Capivari Plantation. It was founded by the African Anacleto Urbano da Natividade Tosta, a Nagô slave and foreman of this sugar mill. Tio Anacleto de Omolú was authorized by his master to maintain the temple after demonstrating his qualities as “healer” during the 1860 cholera epidemic, which killed dozens of slaves at the Natividade sugar mill and in neighboring areas. The temple was built around a big hog plum tree dedicated to the “orixá” (candomblé deity) Irôco and because of this the “terreiro” is also known as the “candomblé temple of the hog plum”. It is still functioning.

Referências / References:

PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007, pp. 196-97, 209.

NASCIMENTO, Luiz Claudio Dias. “Terra de macumbeiros”. Redes de sociabilidades africanas na formação do candomblé jeje-nagô em Cachoeira e São Félix – Bahia. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2007.

ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ – SALVADOR (BA) E RIO DE JANEIRO (RJ)

O Ilê Axé Opô Afonjá foi fundado em 1910, no bairro de São Gonçalo, por Eugênia Ana dos Santos (1869-1938), Mãe Aninha, filha de pai e mãe africanos. Conta-se que um terreiro anterior a 1910 foi fundado por Mãe Aninha, Bamboxé e Joaquim Vieira da Silva (Obasaniá), os dois últimos africanos, no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro, em 1886. Um primeiro assentamento para Xangô

Afonjá teria sido feito próximo à Pedra do Sal, Rio de Janeiro.

Consultor / Consultant: Nicolau Parés

The Ilê Axé Opô Afonjá Temple was founded in 1910, in the district of São Gonçalo, by Eugênia Ana dos Santos (1869-1938), Mãe Aninha, whose parents were both Africans. A temple is said to have been founded before 1910 by Mãe Aninha, Bamboxé and Joaquim Vieira da Silva (Obasaniá) – the latter were both Africans – in the Saúde district in Rio de Janeiro, in 1886. A first “assentamento” to Xangô Afonjá was said to have been made near the Pedra do Sal, Rio de Janeiro.

Referências / References:

ROCHA, Agenor Miranda. Os candomblés antigos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Mauad, 2000, p. 25.

AUGRAS, Monique e SANTOS, João Baptista. “Uma casa de Xangô no Rio de Janeiro”. IN: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (org.), *Somàvo. O Amanhã nunca termina. Novos escritos sobre a religião dos voduns e orixás*. São Paulo, Empório, 2005.

PEDRA DO SAL – RIO DE JANEIRO – RJ

Tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), em 1987, a Pedra do Sal é considerada um marco cultural da africanidade brasileira, espaço ritual consagrado e o mais antigo monumento vinculado à história do samba carioca. Como nas redondezas se carregava o sal, popularizou-se como Pedra do Sal. Segundo o parecer do historiador Marcelo Moreira Ipanema, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), ali se instalaram os primeiros negros da Saúde, encontraram-se as Tias Baianas, soaram os ecos das lutas populares, das festas de candomblé e das rodas de choro. A Pedra do Sal sofreu um impressionante corte, na década de 1830, quando foi aberta a Rua Nova de São Francisco da Prainha (hoje Sacadura Cabral). Realizada com o braço escravo, a obra contou com a presença de muitos africanos, como Mariano Mina, Vicente Moçambique, Antonio Benguela, Antonio Congo, Manoel Mina e Ignacio Moçambique.

Consultor / Consultant: Martha Abreu

Recognized as a heritage site by the State Cultural Heritage Institute (INEPAC), in 1987, the Pedra do Sal is considered to be a cultural landmark of Brazilian African influence and its traditional ritual space is the oldest monument linked to the history of “samba carioca”. As salt was loaded in the neighborhood it became popularly known as Pedra do Sal. According to the historian Marcelo Moreira Ipanema, member of the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), the first negroes of the Saúde district settled there and the “Tias Baianas” (negro women from) Bahia met, amidst the sound of popular games of combat, candomblé rituals and “choro” (a form of popular instrumental music) players. A large part of the Pedra do Sal was removed in the 1830s to make way for the Rua Nova de São Francisco da Prainha (present-day Rua Sacadura Cabral). The works were carried out by slave labor, including many Africans such as Mariano Mina, Vicente Moçambique, Antonio Benguela, Antonio Congo, Manoel Mina and Ignacio Moçambique.

Referência / *Reference*:

MATTOS, Hebe e ABREU, MARTHA. Relatório Histórico-antropológico sobre o Quilombo da Pedra do Sal: em torno do santo, do samba e do porto. In: O'Dwyer, Eliane Cantarino. *O fazer antropológico e o reconhecimento de direitos constitucionais. O caso das Terra de Quilombo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, E-papers, 2012



Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Recife-PE) – Foto de Pierre Verger, s/d

Church of Our Lady of the Rosary of the Blacks (Recife-PE) – Photo by Pierre Verger, undated

IGREJAS E IRMANDADES

A presença de africanos também pode ser identificada na prática da religião católica. Africanos de diversas procedências converteram-se, fundaram irmandades, participaram de festas e construíram igrejas em devoção aos santos católicos negros, como Santo Elesbão, Santa Efigênia, São Benedito e Santo António do Categeró, mas, especialmente, a Nossa Senhora do Rosário. Por todo o território brasileiro, ao longo do período colonial e de todo o século XIX, o catolicismo tornou-se também africano. Para além do patrimônio arquitetônico, as inúmeras igrejas pertencentes a irmandades de “Homens Pretos”, como eram oficialmente chamadas, representam hoje marcos visíveis dos africanos no conjunto da população católica.

CHURCHES AND BROTHERHOODS

The presence of Africans can also be identified in the practice of the Catholic religion. Africans of various origins became converts, founded brotherhoods, participated in feasts and built churches in devotion to negro catholic saints, such as Saint Elesban, Saint Ephigenia, Saint Benedict and Saint Antônio do Categeró, but especially, Our Lady of the Rosary. Throughout Brazil, during the colonial period and the whole 19th century, Catholicism also became African. More than an architectural heritage, the countless churches that belong to the brotherhoods of the “Black Men”, as they were officially called, nowadays represent visible marks of Africans in the Catholic population as a whole.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS – RECIFE – PE

Criada no Bairro do Recife em 1654 e com capela erigida entre 1662 e 1667, a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos tem, desde 1770, sua igreja localizada no mais populoso bairro da vila do Recife dos séculos XVII e XVIII, o de Santo Antônio. Sua Igreja, na rua Estreita do Rosário, foi palco dos mais vastos “reinados” negros da capitania de Pernambuco, os quais eram controlados desde fins do século XVII por “Angolas” e “Crioulos”. Como decorrência desses antigos reinados, dali partiam, no século XIX, os principais maracatus do Recife, a exemplo do Leão Coroado, fundado em 1863 e ainda hoje ativo.

Consultor / *Consultant*: Luiz Geraldo Silva

Founded in the District of Recife in 1654 where they built a chapel between 1662 and 1667, the brotherhood of Our Lady of the Rosary of the Black Men have had church since 1770 in Santo Antonio, the most heavily populated district of Recife in the 17th and 18th centuries. Its church, in the Rua Estreita do Rosário, was the stage for the largest negro “reinados” of the Pernambuco Capitaincy, which was controlled since the end of the 18th century by “Angolas” (Africans from Angola) and “crioulos”. Due to these old “reinados”, the main “maracatus” of Recife in the 19th century such as the Leão Coroado, founded in 1863 and still active today, left from there.

Referências / *References*:

SILVA, Luiz Geraldo. Religião e identidade étnica. Africanos, crioulos e irmandades na América portuguesa. *Cahiers des Amériques Latines*. Paris, v. 44, n. 3, p. 77-96, 2003.

MACCORD, Marcelo. *O Rosário de D. Antonio. Irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872*. Recife/São Paulo. Editora Universitária/Fapesp, 2005, p.61-93.

IGREJA E IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS – OLINDA – PE

Localizada no bairro do Bonsucesso, a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é fruto da religiosidade católica de matizes africanas dos primeiros séculos da colonização, sendo bem documentada a partir de 1627. As referências relativas à existência da irmandade que a construiu datam de meados do século XVI. Atualmente, além do culto católico, se processa diante dela um culto realizado por representantes de terreiros e maracatus da Cidade de Olinda na segunda-feira anterior à semana do Carnaval.

Consultor / *Consultant*: Luiz Geraldo Silva

Located in the district of Bonsucesso, the church of Our Lady of the Rosary of the Black Men is the result of the African influenced Catholic religiosity of the first centuries of colonization and was well documented as from 1627. The references to the existence of the brotherhood that built it date from the mid-16th century. As well as the Catholic service, a ceremony is also performed in front of it by representatives of “terreiros” and “maracatus” (a cultural manifestation of folkloric music and dance from Pernambuco) from the city of Olinda on the monday before carnival week.

Referências / References:

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Anais Pernambucanos* (Vol.5). 2ª. Ed. Recife. FUNDARPE, 1983, p. 31-32.

FREYRE, Gilberto. *Olinda. Segundo guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE IGARASSU
– IGARASSU – PE**

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Igarassu pertence a uma irmandade cujo compromisso data de 1706 e foi feito nos moldes do compromisso da irmandade do Rosário de Olinda (PE). Só poderiam fazer parte do grupo gente de cor preta, crioulos, “crioulos da terra”, “angolas”, “cabo verde”, “são tomé” e “moçambique”. O documento também estabelecia a instituição de um Rei Congo. Os reis do Congo eram eleitos entre africanos e sua condição era confirmada pelo chefe de polícia, que expedia um diploma ao eleito. As ruínas da Igreja são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O local foi palco da coroação de Maria Sêrgia de Santana (1898-2003), conhecida como D. Mariú, rainha do Maracatu Nação Estrela Brilhante.

Consultor / Consultant: Isabel Guillen

The Church of Our Lady of the Rosary of the Black Men of Igarassu belongs to a brotherhood whose statutes date back to 1706 and were drawn up along the lines of the statutes of the brotherhood of the Rosary of Olinda (PE). Members had to be black, “crioulos” or Africans from Angola, Cape Verde, São Tomé and Mozambique. The document also established the institution of a “Rei Congo”. The kings of Congo were elected by Africans and confirmed by the chief of police who gave a diploma to the elected person. The church’s ruins have been recognized as a heritage site by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN). The place was the scene of the coronation of Maria Sêrgia de Santana (1898-2003), known as D. Mariú, queen of the Maracatu Nação Estrela Brilhante.

Referência / Reference:

COSTA, Augusto Pereira. O folclore pernambucano. *Revista IHGB*, tomo 50, Parte 1, 1907.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO – LAGARTO – SE

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Vila do Lagarto teve seu compromisso enviado à Mesa de Consciência e Ordens em 1771; mas, provavelmente, foi criada em período anterior. O início da construção da Igreja do Rosário remonta ao final do século XVIII. Através do compromisso da irmandade foi possível identificar a presença de africanos.

Consultores / Consultants: Magno Francisco de Jesus Santos e Ane Luíse Silva Mecnas Santos

The statutes of the Brotherhood of Our Lady of the Rosary of the Black Men of Vila do Lagarto were sent to the Board of Conscience and Orders in 1771, but it was probably created at an earlier date. Construction of the Church of the Rosary began at the end of the 18th century. The brotherhood's statutes revealed the presence of Africans.

Referência / Reference:

SANTOS, Joceneide Cunha dos. *Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, província de Sergipe (1850-1888). Dissertação de Mestrado*. UFBA, Salvador, 2004. Disponível em: http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/ENTRE_FARINHADAS_PROCISSOES_E_FAMILIAS.pdf Acessado em: 28-07-2012.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PRETOS – LARANJEIRAS – SE

A Igreja de Nossa Senhora dos Pretos de Laranjeiras é o principal palco das celebrações afro-católicas de Sergipe. O local recebe todos os anos o encerramento da festa dos Santos Reis, na qual se apresentam as taieiras e se realiza a coroação de sua rainha, líder do terreiro nagô Santa Bárbara Virgem. Diversos grupos de Laranjeiras e demais municípios sergipanos também se apresentavam com cacumbis, guerreiros, samba de pareia e o São Gonçalo. A igreja foi construída por duas irmandades de africanos: a de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito.

Consultor / Consultant: Beatriz Góis Dantas

The Church of Our Lady of the Black Men of Laranjeiras is the main location for Afro-Catholic celebrations in Sergipe. Every year the feast of the Holy Kings ends here, with the presentation of “taieiras” (folkloric dance of African origin) and the coronation of their queen, leader of the Nago temple Virgin Saint Barbara. Various groups from Laranjeiras and other municipalities of Sergipe performed songs and dances such as the “cacumbis”, “guerreiros”, “samba de pareia” and the São Gonçalo. The church was built by two brotherhoods of Africans: Our Lady of the Rosary and Saint Benedict.

Referências / References:

DANTAS, Beatriz Góis. *A taieira de Sergipe*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1974.

DANTAS, Beatriz Góis. O sagrado e o profano na festa de São Benedito em Laranjeiras. In: NASCIMENTO, Bráulio (org) *Anais do Simpósio do Folclore, o sagrado e o profano*. Aracaju: SEC, 1999.

IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE SÃO CRISTÓVÃO – SE

A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário da cidade de São Cristóvão foi fundada em 1686. A Igreja, financiada pela Irmandade, foi concluída em 1746. Através da composição da mesa administrativa de seu compromisso, foi possível identificar a presença de angolas e crioulos. Além da irmandade

do Rosário dos Homens Pretos, a referida Igreja abrigou, no século XIX, outras duas irmandades de africanos e seus descendentes: Senhor das Misericórdias e São Benedito.

Consultores / *Consultants*: Magno Francisco de Jesus Santos e Ane Luíse Silva Mecnas Santos

The Brotherhood of the Black Men of the Rosary of the city of São Cristóvão was founded in 1686. The church's construction, funded by the Brotherhood, was completed in 1746. The composition of the administrative board of its statutes revealed the presence of Africans from Angola and "crioulos". As well as the Brotherhood of the Rosary of the Black Men, the church was also used by two other brotherhoods of Africans and their descendants: Our Lord of Mercy and Saint Benedict.

Referências / *References*:

OLIVEIRA, Vanessa dos Santos & SOGBOSSI, Hippolyty Brice. Devoção com diversão: a festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de São Cristóvão (1860-1880). *Revista do IHGSE*. Nº 37. Aracaju, 2007, p. 51-69. Disponível em: <http://www.ihgse.org.br/revistas/37.pdf> Acessado em: 27-01-2012.

OLIVEIRA, Vanessa dos Santos. A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário: etnicidade, devoção e caridade em São Cristóvão-SE, século XIX. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, 2008.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS – PELOURINHO – SALVADOR – BA

Localizada na Praça José de Alencar, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi erguida às Portas do Carmo, atual Pelourinho, no ano de 1685. Africanos da nação angola estiveram presentes desde a fundação e dividiam com os crioulos a direção da Irmandade.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

Located in Praça José de Alencar, the Church of Our Lady of the Rosary of the Black Men was built in the Portas do Carmo, present-day Pelourinho, in 1685. Africans of the Angola nation were members since its foundation and shared the leadership of the Brotherhood with "crioulos".

Referência / *Reference*:

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DA RUA JOÃO PEREIRA – SALVADOR – BA

O compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Rua João Pereira foi aprovado no ano de 1768. Escravos angola e crioulos dividiam os cargos administrativos de juizes, mordomos e procuradores. Os cargos de tesoureiro e escrivão eram exclusivos dos brancos; porém, no ano de 1784, o padre Joaquim Álvares denunciou às autoridades que os irmãos planejavam ocupar esses cargos.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

The statutes of the Brotherhood of Our Lady of the Rosary of the Black Men of Rua João Pereira was approved in 1768. Angolan and “crioulos” slaves shared the administrative positions of judge, steward and attorney. The positions of treasurer and clerk were reserved for whites. However, in 1784, the priest Joaquim Álvares denounced to the authorities that the Brothers were planning to occupy these positions.

Referência / *Reference*:

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011.

IGREJA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE CACHOEIRA – CACHOEIRA – BA

A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário de Cachoeira (BA) foi fundada no início do século XVIII. Entre seus membros havia africanos nagôs, conforme consta em sua documentação. Em 1796, os irmãos dessa irmandade solicitaram à rainha D. Maria I (1734-1816) licença para construírem a Igreja do Rosário dos Homens Pretos. Em anexo à Igreja, conhecida como Rosarinho, existe até os dias atuais o cemitério dos pretos, fundado pelos irmãos do Rosário e assim denominado pela comunidade. A igreja está localizada no Largo do Rosarinho, s/n, bairro do Rosarinho, em Cachoeira.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

The Brotherhood of the Black Men of the Rosary of Cachoeira (BA) was founded at the beginning of the 18th century. Its documents that its members included Nagô Africans. In 1796 the brothers of this brotherhood asked Queen D. Maria I (1734-1816) for permission to build the Church of the Rosary of the Black Men. The Brothers of the Rosary founded the cemetery of the black men, as it is known by the community, in a church annex called Rosarinho, and which still exists to this day. The church is located in the Largo do Rosarinho, district of Rosarinho, in Cachoeira.

Referência / *Reference*:

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SANTO AMARO – SANTO AMARO – BA

A capela de Nossa Senhora do Rosário de Santo Amaro foi construída pela Irmandade do mesmo nome em 1784. Através da análise de seu estatuto, foi possível identificar a presença de africanos de nação angola e também crioulos nos quadros administrativos, como juízes e procuradores. A referida Igreja localiza-se na Praça Comendador Sampaio, em Rosário, município de Santo Amaro (BA).

Consultor / *Consultant*: Livia Nascimento Monteiro

The chapel of Our Lady of the Rosary of Santo Amaro was built by the Brotherhood of the same name in 1784. An analysis of its statutes showed the presence of Africans of the Angola nation and “crioulos” in administrative positions, such as judges and attorneys. The church is located in Praça Comendador Sampaio, in Rosario, municipality of Santo Amaro (BA).

Referência / *Reference*:

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista*. São Paulo: Alameda, 2011.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE DIAMANTINA – DIAMANTINA – MG

Localizada no Largo do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Diamantina é a mais antiga da cidade de Diamantina. Foi fundada por volta de 1731 pela Irmandade do Rosário, constituída por cativos crioulos e de diferentes procedências africanas, destacando-se principalmente os minas.

Consultor / *Consultant*: Fernanda Pires Rubião

Located in the Largo do Rosário, the Church of Our Lady of the Rosary of the Black Men of Diamantina is the oldest of the city of Diamantina. It was founded in around 1731 by the Brotherhood of Rosário, composed of captive “crioulos” of different African origins, especially “minas” from the Gold Coast.

Referência / *Reference*:

SCARANO, Julieta. *Devoção e Escravidão. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura – Companhia Editora Nacional, 1975.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE MARIANA – MARIANA – MG

No século XVIII, após a descoberta do ouro na região de Minas Gerais, muitos africanos, de diferentes procedências, foram trabalhar nas minas e organizaram irmandades do Rosário. Em Mariana, a

Irmandade do Rosário teria sido formada por minas, sudaneses, angolas e benguelas, como registra o livro de entrada de irmãos de 1753. A Igreja está localizada na Rua do Rosário.

Consultor / *Consultant*: Fernanda Pires Rubião

After the discovery of gold in the region of Minas Gerais in the 18th century, many Africans of different origins went to work in the mines and organized brotherhoods of the Rosary. The Brotherhood of the Rosary in Mariana was composed Africans from the Gold Coast (Minas), and members of the Sudan, Angola and Benguela nations, as recorded in the brothers' entry book of 1753. The church is located in the Rua do Rosário.

Referência / *Reference*:

BORGES, Célia Aparecida Resende Maia. Devoção branca de homens negros: As Irmandades do Rosário em Minas Gerais no século XVIII. *Tese de doutorado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Programa de Pós Graduação em História. Niterói, 1998.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE SÃO JOÃO DEL REI – SÃO JOÃO DEL REI – MG

Em 1708, foi instituída a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, cujos devotos se reuniam na antiga capelinha de Nossa Senhora do Pilar. Em 1719, a Irmandade recebeu autorização para erguer templo próprio, o que de fato ocorreu a partir de 1720, na Praça Embaixador Gastão da Cunha. Em 1753, a Igreja sofreu alguns acréscimos e remodelações, adquirindo suas dimensões atuais. Nos livros de entradas de irmãos, do final do século XVIII e início do XIX, encontram-se registros de escravos e libertos de diversos grupos de procedência, além de crioulos: minas, angolas, congos e, principalmente, benguelas.

Consultor / *Consultant*: Silvia Brügger

The Brotherhood of Our Lady of the Rosary and Saint Benedict of the Black Men was founded in 1708 and its devotees met in the former chapel of Our Lady of the Pillar. In 1719 the Brotherhood received the authorization to build their own temple and construction began in 1720 in Praça Embaixador Gastão da Cunha. In 1753, some additions were made and the church was partly remodeled, attaining its present size. As well as "crioulos", the books of entry of the end of the 18th and beginning of the 19th centuries contain records of slaves and freed men of various origins: the Minas from the Gold Coast and members of the Angola, Congo and Benguela nations.

Referência / *Reference*:

BRÜGGER, S.M.J. e OLIVEIRA, A.J.M. de. "Os Benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX)". *Revista Tempo*, vol.13, n.26, Depto. de História da UFF, Niterói, 2009. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/v13n26a10.pdf. Acesso em: 08 de novembro, 2012.

IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA OU DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO ALTO DA CRUZ – OURO PRETO – MG

Atribui-se a construção da Igreja de Santa Efigênia a Chico Rei. Segundo a tradição oral, muito presente nas cidades mineiras, Chico Rei, líder de uma nação africana, teria conseguido enriquecer a partir do trabalho na Mina Encardideira em Ouro Preto, primeiro como cativo e depois como proprietário. Nesta Igreja realizam-se até hoje as coroações de reis negros, festejos conhecidos como congados, que relembram a história de Chico Rei e de reinos africanos. Está localizada à rua Santa Efigênia, no bairro de Alto da Cruz.

Consultor / *Consultant*: Fernanda Pires Rubião

The construction of the Church of Santa Ephigenia is attributed to Chico Rei. According to oral tradition, very widespread in the cities of Minas Gerais, Chico Rei, leader of an African nation, managed to acquire wealth from his work in the Encardideira mine in Ouro Preto, first as a captive and afterwards as owner. The coronation of negro kings, in festivities known as “congados”, are performed in the church to this day, and recall the history of Chico Rei and African kingdoms. It is located in Rua Santa Ephigênia, in the district of Alto da Cruz.

Referências / *References*:

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista. História de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Depoimento de Pedrina de Lourdes Santos, liderança do congado de Oliveira, cidade do interior mineiro. Entrevista realizada por Fernanda Pires Rubião. Oliveiras (MG), setembro 2007. In: RUBIÃO, Fernanda Pires. Os Negros do Rosário. Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009). *Dissertação de Mestrado*. PPGH História. UFF, 2010.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE SANTA LUZIA – LUZIÂNIA – GO

O arraial de Santa Luzia, atualmente Luziânia, no entorno do Distrito Federal, ficava na rota do ouro e na estrada do comércio de escravos africanos vindos da Bahia, Grão-Pará e Maranhão. Era a entrada para a Capitania de Goiás e passagem para as grandes regiões auríferas. A presença africana em Santa Luzia foi significativa no século XVIII e pode ser representada pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, entre 1760 e 1763. Hoje o edifício é sede do Museu Histórico e Geográfico do Planalto.

Consultor / *Consultant*: Antônio César Caldas Pinheiro

The village of Santa Luzia, present-day Luziânia, near the Federal District, lay on the gold route and the road used in the commerce of slaves coming from Bahia, Grão-Pará and Maranhão. It was the point of entry to the Captaincy of Goiás and a passage to the great gold-producing regions. There was a significant

African presence in Santa Luzia in the 18th century and this can be seen in the construction of the Church of Our Lady of the Rosary of the Black Men between 1760 and 1763. Today the building houses the Historical and Geographical Museum of the Planalto.

Referências / References:

ALVARES, Joseph de Mello. *História de Santa Luzia – Luziânia*. Brasília: Ed. Independência, 1979

BORGES, Ana Maria; PALACIN, Luiz. *Patrimônio Histórico de Goiás*. Ed. Ministério da Cultura, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Pró-Memória – Brasília, 2ª Ed. Revista – 1987.

IGREJA DE SÃO ELESBÃO E SANTA EFIGÊNIA – RIO DE JANEIRO – RJ

Inaugurada em 1754, a Igreja pertence ainda hoje à irmandade devota a Santo Elesbão e Santa Efigênia, que havia sido fundada um pouco antes, em 1740. Diferente da Irmandade do Rosário, foi sempre uma pequena congregação que reunia africanos vindos da Costa da Mina, os chamados negros minas. Para além do patrimônio arquitetônico, o templo representa a presença africana no conjunto da população escrava convertida ao catolicismo durante a vigência da escravidão. A Igreja tem como endereço a rua da Alfândega, número 219, no Centro do Rio de Janeiro.

Consultor / Consultant: Mariza Soares

Inaugurated in 1754, the church still belongs to the brotherhood devoted to Saint Elesban and Saint Ephigenia, which had been founded a little earlier in 1740. In contrast to the Brotherhood of the Rosary, it was always a small congregation composed of Africans coming from the Gold Coast, the so-called minas blacks. Apart from its architectural heritage, it also represent the African presence in the slave population converted to Catholicism during slavery period. The church is located at 219 Rua da Alfândega, in the center of Rio de Janeiro.

Referência / Reference:

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

IGREJA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO – RIO DE JANEIRO – RJ

As devoções do Rosário datam da primeira metade do século XVII e estão entre as mais antigas agremiações dos então chamados “homens pretos” (escravos e forros). No Rio de Janeiro, os devotos do Rosário se juntaram aos de São Benedito e inauguraram sua igreja em 1725. Durante a vigência da escravidão, a Igreja do Rosário foi um importante espaço de congregação da população africana, escrava e livre que frequentava as festas de Nossa Senhora do Rosário. Em 1967, a igreja sofreu um grande incêndio, que destruiu a parte interna do prédio. Localizada na Rua Uruguaiana, número 77, no cen-

tro do Rio de Janeiro, o espaço abriga hoje um pequeno museu com objetos e documentos relativos ao tempo da escravidão e à participação da Irmandade no movimento abolicionista.

Consultor / *Consultant*: Mariza Soares

The devotees of the Rosary date from the first half of the 17th century and are among the oldest associations of what were then known as “black men” (slaves and freed slaves). In Rio de Janeiro, the devotees of the Rosary joined those of Saint Benedict and inaugurated their church in 1725. During the slavery period the Church of the Rosary was an important space for congregating the African slave and freed slave population that frequented the feast of Our Lady of the Rosary. In 1967, the church was severely damaged by a fire that destroyed the internal part of the building. Located at 77 Rua Uruguaiana in the center of Rio de Janeiro, the space now houses a small museum with objects and documents relating to the slavery period and the participation of the Brotherhood in the abolitionist movement.

Referência / *Reference*:

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS PRETOS DE TAUBATÉ – TAUBATÉ – SP

A Irmandade do Rosário dos Pretos de Taubaté teria começado em um pequeno altar na Igreja Matriz. No início do século XVIII, a Igreja foi construída e existe até hoje na Rua do Rosário, a pouca distância da catedral de São Francisco de Assis. A documentação – livros dos termos de mesa e livro de entrada de irmãos, principalmente do século XIX – encontra-se depositada na Divisão de Museus e Patrimônio Histórico de Taubaté. As atas da eleição que se fez no ano de 1805/1806 indicam a presença de africanos, entre eles Miguel Monjolo e Miguel Congo. No Vale do Paraíba de São Paulo ainda foram construídos outros templos ligados aos escravos e africanos recém-chegados, como a Capela do Rosário de Bananal e a Igreja do Rosário de Guaratinguetá; hoje, entretanto, destruídas.

Consultores / *Consultants*: Cristina Wissenbach e Fábيا Barbosa Ribeiro

The Brotherhood of the Rosary of the Black Men of Taubaté is said to have begun in a small chapel in the Parish Church. The Church was built at the beginning of the 18th century and still exists in Rua do Rosário, near the cathedral of São Francisco de Assis. The documentation—statutes and brothers’ entry book, mainly from the 19th century—is in Taubaté’s Museum and Historical Heritage Division. The minutes of the election held in 1805/1806 indicate the presence of Africans, including Miguel Monjolo and Miguel Congo. Other temples linked to slaves and recently-arrived Africans were built in the São Paulo Paraíba Valley, such as the Chapel of the Rosary in Bananal and the Church of the Rosary of Guaratinguetá, but are no longer standing.

Referência / *Reference*:

RIBEIRO, Fábيا Barbosa. Caminho da piedade, caminhos de devoção: as irmandades de pretos no Vale do Paraíba paulista – século XIX. *Tese de Doutorado*. História Social, USP, 2010.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE SÃO PAULO – SÃO PAULO – SP

Fundadas em 1715, a Igreja e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo foram transferidas do Largo do Rosário em 1904, quando o templo foi demolido e o logradouro rebatizado com o nome de Antonio Prado, prefeito de São Paulo entre 1900 e 1910. Hoje a área é ocupada por um prédio comercial, BM&Bovespa. A desapropriação iniciou-se na década de 1890 pelas residências dos irmãos forros e libertos e pelo cemitério da Irmandade, em terrenos limítrofes à Igreja. A justificativa para as demolições eram os batuques ocorridos após as missas. Transferida para o Largo do Paissandu desde o início do século XX, a Igreja e sua Irmandade mantêm-se como palcos de celebrações negras.

Consultor / Consultant: Jaime Rodrigues

Founded in 1715, the Church and the Brotherhood of the Black Men of São Paulo were transferred to the Largo do Rosário in 1904, when the temple was demolished and the location was renamed Antonio Prado, the mayor who governed São Paulo from 1900 to 1910. Today the area is occupied by a commercial building, the São Paulo stock exchange. Expropriation began in the 1890s with the houses of the freed slave and the cemetery of the Brotherhood in areas adjoining the church. The demolitions were justified by the apparent inconvenience caused by the drumming sessions that took place after masses. Transferred to the Largo do Paissandu at the beginning of the 20th century, the Church and its Brotherhood continue to promote negro celebrations.

Referências / References:

História das ruas de São Paulo. Arquivo Histórico de São Paulo. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>
Acesso em: 09 de novembro, 2012.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e a pobreza (1890 – 1915)*. São Paulo: Annablum e Fapesp, 1998.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO – FLORIANÓPOLIS – SC

Uma capela da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi erigida em meados do século XVIII no lugar onde hoje se encontra a Igreja de mesmo nome, na rua Marechal Guilherme, número 60. A Irmandade foi fundada na vila de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, pouco antes. A partir de 1841, tomou o nome de Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos. Fundada por africanos libertos e escravos, constituiu-se como a primeira associação de africanos e seus descendentes na Ilha de Santa Catarina. A Igreja, que permanece com suas características arquitetônicas originais, foi construída entre 1787 e 1830. A Irmandade, atualmente ativa, ainda possui os seus arquivos, com documentação a partir do final do século XVIII até hoje.

Consultor / Consultant: Henrique Espada Lima

A chapel of the Brotherhood of Our Lady of the Rosary of the Black men was built in the middle of the 18th century in the place where the church of the same name is located today, at 60 Rua Marechal Guilherme. The Brotherhood was founded in the town of Our Lady of Desterro, present-day Florianópolis, a few years before. In 1841 it took the name of Brotherhood of Our Lady of the Rosary and Saint Benedict of the Black Men. Founded by free and enslaved Africans, it was the first association of Africans and their descendants on the Island of Santa Catarina. The Church which has kept its original characteristics, was built between 1787 and 1830. The Brotherhood still has its archives with documents dating back to the end of the 18th century .

Referência / Reference:

Santa Afro Catarina. Programa de Educação Patrimonial sobre a presença de africanos e afrodescendentes em Santa Catarina. Roteiro “*Devoção ao Rosário e Festa de africanos na Ilha*”. Disponível em: <http://santaafrocatarina.blogspot.com.br/p/roteiros.html>. Acesso em: 08 de novembro, 2012.



Beco da Catarina Mina, (São Luís - MA), em 2003. Foto do Lyssuel Calvet

Beco da Catarina Mina, (São Luís - MA), in 2003. Photo by Lyssuel Calvet

TRABALHO E COTIDIANO

A presença de africanos de diferentes procedências marcou o cotidiano brasileiro nas mais diversas regiões e atividades no período colonial e ao longo do século XIX. Há registros de intenso movimento de africanos em inúmeros locais de trabalho das cidades, nas minas de ouro e nas fazendas. Sua atuação estendia-se pelas estradas, praças, feiras, mercados públicos e, até mesmo, em uma das poucas indústrias existentes no país, a Fábrica de Ferro Ipanema. Nos locais de trabalho em que se inseriram, criaram possibilidades de transformação da própria escravidão.

WORK AND DAILY LIFE

The presence of Africans of different origins made a mark on Brazilian daily life in the most diverse regions and activities of the colonial period and throughout the 19th century. Africans were to be found in countless places of work in cities, gold mines and on plantations. They could also be seen working on the roads, in city squares and public markets and even in one of the country's few industries, the Ipanema Iron Foundry. In the places of work occupied by them they created possibilities for the transformation of slavery itself.

BECO CATARINA DE MINA – SÃO LUÍS – MA

Com sua escadaria de 35 degraus em pedra de lioz, o Beco Catarina de Mina está localizado no Centro Histórico de São Luís. O local recebeu este nome em homenagem à Catarina Rosa Ferreira de Jesus, a Catarina Mina, uma famosa negra escrava da capital maranhense. Da região da Costa da Mina, Golfo da Guiné, na África, Catarina Mina conseguiu comprar sua alforria graças ao dinheiro conseguido com muito trabalho e serviços prestados aos comerciantes portugueses da Praia Grande. Liberta, tornou-se uma grande comerciante de farinha e senhora de escravos.

Consultor / *Consultant*: Carolina Martins

With its lioz marble 35 degree stairway, the Beco (Alley) Catarina de Mina is located in the historical center of São Luís. The place received its name as a tribute to Catarina Rosa Ferreira de Jesus, Catarina Mina, a famous negro slave of the capital of Maranhão. She came from the Gold Coast on the Gulf of Guinea and managed to buy her freedom with the money she earned working hard and providing many services for the Portuguese merchants of Praia Grande. After becoming free she became an important flour merchant and slave owner.

Referência / *Reference*:

LIMA, Carlos de. *História do Maranhão: a Colônia*. Vol. 1. São Luís: Instituto Geia, 2006.

PRAÇA DO PELOURINHO DE ALCÂNTARA – ALCÂNTARA – MA

A coluna de pedra que se ergue hoje no Centro Histórico de Alcântara, reconhecido como Patrimônio Histórico Nacional, é um marco da autonomia municipal e da aplicação da Justiça do período colonial. Construído em frente ao edifício da Câmara ou na Praça Municipal, ficou conhecido como local de castigo aos que infringiam as leis, especialmente africanos e escravizados. Após a Proclamação da República, o Pelourinho, entendido como símbolo do poder imperial e escravista, teria sido removido do local, retornando apenas muito tempo depois com objetivo de estabelecer um marco de memória sobre um período da História do Brasil.

Consultor / *Consultant*: Martha Abreu

The stone column which stands in the historical center of Alcântara, recognized as a National Historical Heritage, is a mark of municipal autonomy and the application of justice during the colonial period. Built in front of the Municipal Chamber building or Municipal Square, it was the place where those who had broken the law, especially Africans and slaves, were punished. After the Proclamation of the Republic, the pillory, understood as the symbol of imperial and slave regime power was removed and only put back many years later with the aim of establishing a mark of memory of a period of Brazilian history.

Referência / *Reference*:

PANDOLFO, Sergio Martins. Pelourinho de Alcântara (MA). *Relíquia da Memória Histórica*

Nacional. Disponível em: <http://www.sergiopandolfo.com/visualizar.php?id=2474582>. Acesso em: 12 de novembro, 2012.

ÁRVORE BAOBÁ – NÍSIA FLORESTA – RN

Sobre o Baobá que se destaca no centro da cidade de Nísia Floresta, antiga Papary, existe uma lenda que representa a presença africana na região, marcada no passado pelo movimento de muitos engenhos e pelo trabalho escravo. Contam que um navio negreiro vinha da África e afundou nas proximidades da Praia de Camurupim, em Papary. Um negro conseguiu se salvar, embrenhando-se na mata, acabando por chegar próximo à Igreja Matriz. Ali ele plantou uma semente que trazia em sua matula, dizendo: – “Aqui nascerá a árvore símbolo do meu país!”. O tempo passou e ali cresceu o Baobá, que está hoje em frente à rodoviária da cidade.

Consultor / Consultant: Beatriz Mamigonian

There is legend about the baobab tree that stands in the center of the city of Nísia Floresta, former Papary, that represents the African presence in the region, marked in the past by many sugar mills and slave labor. According to this legend, a slave ship coming from Africa sank near Camurupim Beach in Papary. A negro managed to escape into the bush and arrived near the parish church. There he planted a seed he had in his pouch, saying: – “A tree will be born here that is the symbol of my country!” The years passed and the baobab tree that is nowadays in front of the city’s bus station grew there.

Referências / References:

Luis Carlos Freire, <http://nisiastoreaportluiscarloshfreire.blogspot.com>

<http://chaopotiguar.blogspot.com/2010/08/nisia-floresta.html>

MERCADO DA PRAÇA DA PREGUIÇA – SALVADOR – BA

O Mercado da Praça da Preguiça localiza-se na Praia da Preguiça, onde passa atualmente a Avenida Contorno, na antiga freguesia da Conceição da Praia, no pé da ainda hoje chamada Ladeira da Preguiça. Na antiga feira livre, reuniam-se negras vendedoras, muitas delas africanas empregadas no comércio de peixe e outros produtos de alimentação ao longo do século XIX.

Consultor / Consultant: João José Reis

The Praça da Preguiça Market is located in Preguiça Beach, where the Avenida Contorno currently passes through, in the former parish of Conceição da Praia, at the bottom of what is still called the Ladeira da Preguiça. In the former market negro women used to sell fish and other foodstuffs during the 19th century.

Referência / Reference:

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro, Versal, 2005.

RUÍNAS DA SENZALA DO ENGENHO DA FREGUESIA – CANDEIAS – BA

O antigo Engenho Freguesia, atual Museu do Recôncavo, hoje fechado, está localizado na enseada do Caboto, à margem da Baía de Todos os Santos. Reúne expressivo patrimônio construído e natural. De meados do século XVIII, o conjunto é constituído pela Casa Grande e pela Capela anexa. A edificação da Fábrica está em ruínas e há vestígios da senzala. Ali trabalharam diversos escravos trazidos da África para a próspera região de Candeias. O Engenho da Freguesia, considerado, no século XIX, um dos mais produtivos de todo o Recôncavo, foi um dos primeiros lugares no Brasil voltados para a economia açucareira.

Consultor / Consultant: João José Reis

The former Freguesia Sugar Mill, currently the Recôncavo Museum, now closed, is located in Caboto cove, on the edge of Todos os Santos Bay. It contains a significant built and natural heritage. Dating from the middle of the 18th century, it is composed of the Great House and a chapel. The mill itself is in ruins and there are some remains of the slave quarters. Various slaves brought from Africa to the prosperous region of Candeias worked there. In the 19th century the Freguesia Mill was considered to be one of the most productive of the whole Recôncavo region, which was one of the first places in Brazil to devote itself to the sugar economy.

Referência / Reference:

PINHO, Wanderley. *História de um engenho do Recôncavo*. 2ª Ed. São Paulo: CEN//Brasília, INL, 1982.

RUÍNAS DA SENZALA DO ENGENHO VITÓRIA – CACHOEIRA – BA

Em 1812, período de plena expansão da economia açucareira, inicia-se a construção do Engenho Vitória por Pedro Bandeira, abastado negociante, senhor de engenhos da região e um dos introdutores da navegação a vapor na Bahia. No grande engenho movido à água, trabalhavam centenas de escravos, muitos deles africanos, que tinham que se dividir em duas pequenas senzalas. Em 1827, o engenho foi palco de uma revolta de escravos, na qual morreram o feitor e seu irmão. A casa grande e a fábrica do engenho estão em ruínas. O local das antigas senzalas forma hoje uma pequena vila.

Consultor / Consultant: João José Reis

In 1812, a period when the sugar economy was undergoing rapid expansion, Pedro Bandeira, a prosperous merchant, owner of sugar mills in the region and one of the pioneers of steam navigation in Bahia, began building the Vitória sugar mill. Hundreds of slaves, many of whom were Africans, worked in the big water-driven sugar mill, and were housed in two small slave quarters. In 1827, there was a slave revolt at the mill in which the foreman and his brother died. The great house and the sugar plant are in ruins. The place where the slave quarters used to stand is now a small hamlet.

Referência / Reference:

Stuart Schwartz. *Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

MINA DE OURO DO CHICO REI – OURO PRETO – MG

A mina de ouro Encardideira é conhecida como Mina de Chico Rei. Segundo a memória popular, Chico Rei teria sido um rei africano antes de ser vendido com sua família para o Brasil. Tornou-se escravo do Major Augusto de Andrade Góis, proprietário da Encardideira. Uma versão da tradição oral sobre Chico Rei registra que, depois de cinco anos, ao conseguir juntar algumas pepitas de ouro, comprou sua alforria; a de 35 cativos, inclusive seu filho; e a própria mina, que passou a explorar com seus companheiros. Com os recursos, construiu a Igreja do Alto da Cruz em Vila Rica, onde aconteciam as coroações do rei Congo.

Consultor / Consultant: Fernanda Pires Rubião

Encardideira gold mine is known as the Mine of Chico Rei. According to folk memory, Chico Rei was an African king before being sold along with his family to Brazil. He became a slave of Major Augusto de Andrade Góis, owner of the Encardideira. A version of the oral tradition regarding Chico Rei records that, after five years, he managed to accumulate some gold nuggets and bought his freedom, that of 35 captives, including his son, and the mine itself which he began to exploit with his companions. With the proceeds he built the Church of the Alto da Cruz in Vila Rica, where the coronations of king Congo took place.

Referências / References:

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista. História de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Depoimento com Pedrina de Lourdes Santos, liderança do congado de Oliveira, cidade do interior mineiro. Entrevista realizada por Fernanda Pires Rubião – Oliveiras (MG), setembro de 2007. In: RUBIÃO, Fernanda Pires. *Os Negros do Rosário. Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009)*. *Dissertação de Mestrado*. PPGH, UFF, 2010.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO MORRO DE SANTANA – MARIANA – MG

O Sítio Arqueológico do Morro de Santana é um expressivo lugar de memória da escravidão em Minas Gerais composto por um sítio arqueológico e uma comunidade de afrodescendentes. O primeiro inclui uma vasta rede de galerias subterrâneas; tanques de lavagem; ruínas de casas e capela; objetos como cadinho, balança e antigos cachimbos. Essas relíquias são cuidadosamente mantidas pelos moradores tradicionais do morro, autodeclarados descendentes diretos dos africanos escravizados e antigos garimpeiros da região. Atualmente, tramita no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) um pedido de tombamento do sítio arqueológico. Tal pedido é acompanhado de um minucioso dossiê sobre o conjunto paisagístico dos morros de Santana e Santo Antônio.

Consultor / *Consultant*: Cláudia Damasceno Fonseca

The Morro de Santana Archeological Site is a significant place of memory of slavery in Minas Gerais, composed of an archeological site and a community of afro-descendants. The former includes a vast network of underground galleries, washing tanks, ruins of houses and a chapel, objects such as crucibles, scales and old pipes. These relics are carefully maintained by the traditional inhabitants of the hill, who claim to be direct descendants of enslaved Africans and former panhandlers of the region. The National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN) is currently examining a request to recognize the archeological site as a heritage site. This request is accompanied by a detailed dossier about the landscape features of the Santana and Santo Antônio hills.

Referência / *Reference*:

GONÇALVES, Andrea Lisly. OLIVEIRA, Ronald Polito. *O termo de Mariana: história e documentação*. vol. II, Ouro Preto, Imprensa da UFOP, 2004, p. 294-311.

SENZALA DA FAZENDA SANTA CLARA – SANTA RITA DE JACUTINGA – MG

O casarão de Santa Clara, construído na segunda metade do século XVIII, foi sede de uma das maiores propriedades rurais do século XIX. Suas construções impressionam o visitante ainda hoje. Além de grande produtora de café, a fazenda teria sido um ponto importante de comercialização de africanos escravizados. A senzala, na parte lateral da casa grande, ainda está de pé e apresenta janelas pintadas, que dão a idéia de continuidade com o casarão, enganando quem de longe avista a grande construção. O casarão ainda mantém uma sala de castigos, situada na parte de baixo, onde estão preservadas as correntes e objetos como pranchões de madeira usados para prender os escravos.

Consultores / *Consultants*: Eline Cypriano e Vanessa Gonçalves

The Santa Clara plantation's great house, built during the second half of the 18th century, was the headquarters of one of the largest rural properties of the 19th century. Its buildings still impress today's visitors. Besides being a big coffee producer, the plantation was an important place for the commercialization of enslaved Africans. The slave quarters, on one side of the great house are still standing and their windows are painted, giving the false impression that they are a continuation of the house. The plantation house still

keeps the punishment room located in the lower part of the house, with chains and objects such as large planks used to tie the slaves to.

Referências / References:

DVD *Memórias do Cativo*. Direção Acadêmica Hebe Mattos e Martha Abreu. Labhoi, 2005.
<http://ufftube.uff.br/video/M2GWDYGDYU7/Mem%C3%B3rias-do-Cativo>

Site consultado: <http://www.turismoaledocafe.com/2010/12/fazenda-santa-clara-santa-rita-de.html>.
Acessado em 10 de abril 2013.

CHAPADA DOS NEGROS – ARRAIAS – TO

Região ocupada originalmente pelo povo indígena Jê, a Chapada dos Negros foi invadida pelos bandeirantes paulistas, em busca de ouro a partir de 1730. Com a descoberta do minério, a migração foi intensa para a Chapada, que acolheu cerca de 10 mil pessoas entre senhores e escravos. Na cidade de Arraias, são diversas as construções que a tradição oral atribui ao trabalho dos cativos, na sua maioria africanos da Costa da Mina. O nome Chapada dos Negros deve-se ao grande contingente de mão de obra escrava africana e negra que trabalhava na exploração das minas de ouro da região.

Consultor / Consultant: Juciene Apolinário

A region occupied originally by the indigenous Jê people, the Chapada dos Negros was invaded by Bandeirantes (slave owners, explorers and fortune hunters) from São Paulo looking for gold after 1730. When it was discovered there was an enormous increase in migration to the Chapada, which received around 10 thousand people, comprising slave owners and their slaves. In the city of Arraias, there are various constructions which, according to oral tradition, were built by captives, mostly Africans from the Gold Coast. The region was called Chapada dos Negros because of the large number of African and negro slaves brought there to work in the region's gold mines.

Referência / Reference:

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Escravidão Negra no Tocantins Colonial. Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. Goiânia: Kelps, 2007.

CAMINHO DO OURO – PARATY – RJ

A Estrada Real é hoje um importante trajeto turístico dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Parte dela foi destruída, mas alguns segmentos ainda puderam ser recuperados para fins turísticos. O primeiro trajeto desta estrada foi aberto no final do século XVII. Por ali passaram os exploradores que subiram a Serra da Mantiqueira em direção a Minas Gerais, onde o ouro foi descoberto na última década daquele século. O caminho aberto foi então chamado Caminho do Ouro porque por ele descia o minério levado para o Rio de Janeiro, e de lá para Lisboa. Esse era ainda o caminho dos escravos que

subiam serra acima para trabalhar nas lavras e nos serviços auxiliares da mineração. A maioria desses escravos era formada por africanos desembarcados no porto do Rio de Janeiro e reenviados a Paraty para de lá subir a serra a pé, geralmente carregando mercadorias, até seu destino final.

Consultor / *Consultant*: Mariza de Carvalho Soares

Today the Royal Road is an important tourist route in the states of Rio de Janeiro and Minas Gerais. A part of it was destroyed but some sections were restored for touristic purposes. The first part of this road was opened at the end of the 17th century. It was used by the explorers who crossed the Mantiqueira mountain range heading towards Minas Gerais, where gold was discovered during the final decade of that century. The route opened up was called the Gold Trail because it was used to take the ore down to Rio de Janeiro and then on to Lisbon. The slaves also went up it to work in the mines and mining support services. Most of the slaves were composed of Africans disembarked in the port of Rio de Janeiro and sent on to Paraty, where they went up the mountains on foot, usually carrying goods, until reaching their final destination.

Referência / *Reference*:

Mariza de Carvalho Soares. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000. pp. 76-77.

FAZENDA DOS BENEDITINOS – DUQUE DE CAXIAS – RJ

A fazenda do Iguaçu integrava um complexo de propriedades rurais e urbanas pertencentes à Ordem de São Bento do Rio de Janeiro. Em 1591, Jorge Ferreira doou aos beneditinos uma ilha no rio Iguaçu e mais duzentas braças sertão adentro. Sua filha, Marquesa Ferreira, doou, em 1596, meia légua de terras em Iguaçu com fazenda, roças, pomares e casas de telhas. Nessa, como em outras propriedades da ordem, os monges empregavam a mão-de-obra mista, contando com índios e africanos. Na fazenda de Iguaçu, em 1653, os beneditinos possuíam 25 gentios da terra, que trabalhavam ao lado de 30 gentios da Guiné e crioulos mulatos, e 28 escravas da Guiné.

Consultor / *Consultant*: Denise Vieira Demétrio

The Iguaçu plantation was part of a complex of rural and urban properties that belonged to the Order to Saint Benedict of Rio de Janeiro. In 1591, Jorge Ferreira donated an island in the Iguaçu river and two hundred fathoms in the backlands to the order. In 1596 his daughter, Marchioness Ferreira, donated half a league of land in Iguaçu with a plantation, farmland, orchards and small houses. In this property, like in others of the order, the monks employed mixed labor, comprising Indians and Africans. In 1653 the Benedictines had 25 natives of the land, who worked alongside 30 natives of Guinea and mulatto “crioulos”, and 28 female slaves from Guinea.

Referências / *References*:

SOUZA, Jorge Victor de Araújo. Para além do claustro: uma história social da inserção beneditina na América Portuguesa, c. 1580-c. 1690. *Tese de doutorado*. Universidade Federal Fluminense –

Programa de Pós-Graduação em História. Niterói, 2011.

Roteiros do Museu Vivo do São Bento:

http://visiteduquedecaxias.com.br/roteiro/8919_roteiros-do-museu-vivo-do-sao-bento

FAZENDA LORDELO – SAPUCAIA – RJ

Propriedade particular situada em Sapucaia, no Vale do Paraíba, a fazenda Lordelo pertenceu a Honório Hermeto Carneiro Leão, um dos maiores estadistas do Império, e a sua esposa, respectivamente marquês e marquesa de Paraná. As terras foram adquiridas a partir de 1836 e foram utilizadas no cultivo de café. A mão de obra inicial foi composta por 26 africanos livres, cujos serviços tinham sido concedidos ao casal. Eram africanos resgatados de navios negreiros, emancipados e postos sob tutela do Governo Imperial. Depois o casal adquiriu escravos africanos, supostamente ladinos, mas provavelmente importados depois da proibição do tráfico em 1831. Embora tenha sempre explorado o trabalho compulsório de africanos livres e africanos importados por contrabando, o grande senhor explicava o enriquecimento pela eficiente administração da mão de obra, com trabalho por tarefa e remuneração das horas extras, e pelo seu senso de economia e sua vida sem luxo.

Consultor / *Consultant*: Beatriz Mamigonian

The Lordelo Plantation is a private property located in Sapucaia in the Paraíba Valley. It belonged to Honório Hermeto Carneiro Leão, one of the greatest statesmen of the Empire, and his wife, respectively Marques and Marchioness of Paraná. The land was acquired from 1836 onwards and used to grow coffee. The labor force was initially composed of 26 free Africans, whose services had been granted to the couple. They had been rescued from slave ships, emancipated and placed under the guardianship of the Imperial Government. Later, the couple bought African slaves, supposedly born in Brazil, but probably imported after the prohibition of the slave trade in 1831. Although he had always exploited the compulsory labor of free Africans and Africans imported illegally, the great master attributed his wealth to the efficient management of his labor force, using piecework and overtime pay, and his relatively frugal lifestyle.

Referência / *Reference*:

El-Kareh, Almir Chaiban, “O marquês de Paraná: o político e o fazendeiro”. In: *O Marquês de Paraná*. Brasília: FUNAG, 2004, 15-30

SENZALA DA FAZENDA MACHADINHA – QUISSAMÁ – RJ

As terras da Fazenda Machadinha foram adquiridas em meados do século XVIII por João Carneiro da Silva, contratador de diamantes da Coroa Portuguesa. No local, foram construídos engenhos de açúcar. A Fazenda Machadinha é formada pela casa grande, que está em ruínas, e por antigas senzalas preservadas pelos próprios moradores, descendentes de africanos e escravos que permaneceram no local após a Abolição, em 1888. Em 2001, a Prefeitura de Quissamã desapropriou todo esse conjunto,

restaurou as antigas senzalas e criou o Memorial sobre a origem dos negros de Quissamã e a Casa das Artes. As ações fazem parte do Projeto Raízes do Sabor. O fado, o jongo e o boi malhadinho são expressões culturais dos descendentes de antigos escravos da fazenda.

Consultor / Consultant: Livia Monteiro

The lands of the Machadinha Plantation were acquired in the middle of the 18th century by João Carneiro da Silva, a diamond contractor of the Portuguese crown, who built sugar mills there. The Machadinha plantation is composed of the great house, now in ruins, and the former slave quarters preserved by the current residents, descendants of Africans and slaves who remained there after Abolition in 1888. In 2001 the Mayor of Quissamã expropriated the site, restored the former slave quarters and created the Memorial of the origin of the negroes of Quissamã and the House of the Arts. These actions are part of the “Roots of Taste” project. The “fado”, “jongo” and “boi malhadinho” – folkloric songs and dances – are cultural expressions of the descendants of the former slaves of the plantation.

Referências / References:

MACHADO, Fábio da Silva (2005). Fazenda Machadinha: memória e tradições culturais em uma comunidade de descendentes de escravos. *Dissertação de Mestrado*, Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais/PPHPBC-CPDOC.

Site consultado: <http://www.quissama.rj.gov.br/index.php/turismo/complexo-cultural-fazenda-machadinha>.

ZUNGÚ – RIO DE JANEIRO – RJ

A casa de número 13 do Largo da Prainha, até hoje visível, parece ter abrigado reuniões conhecidas como zungús. Em 1883, a polícia da Corte teria ali prendido diversos trabalhadores portuários, participantes de zungús. As casas de zungú eram espaços coletivos improvisados ou alugados, frequentados por africanos e seus descendentes, nos quais procuravam reproduzir suas práticas musicais e religiosas. Ali eram preparadas as refeições com angu, que serviam para alimentação dos trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro. Como indicam as posturas municipais, desde o início do século XIX, os zungús foram proibidos e reprimidos pela polícia, mas conseguiram resistir. Nas reuniões de zungús, os africanos ocupavam posições estratégicas de liderança.

Consultor / Consultant: Martha Abreu

The house at 13, Largo da Prainha, still standing today, appears to have been the location for meetings known as zungús. It was there that, in 1883, the police of the Court apparently arrested various port workers who were taking part in zungús. The zungú houses were improvised or rented communal spaces, frequented by Africans, in which they sought to engage in their musical and religious practices. Here they prepared their meals with “angu”, an ingredient introduced by African slaves, which was used as food by the workers of the city of Rio de Janeiro. As, The zungus were forbidden from the beginning of the 19th century onwards and repressed by the police but managed to survive. Africans occupied strategic leadership positions in the zungu meetings.

Referências / References:

SOARES, Carlos Eugênio L. *Zungú: rumor de muitas vozes*. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

ARANTES, Erika Bastos. O Porto Negro: cultura e trabalho o Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX. *Dissertação de Mestrado*, Unicamp, 2005.

ESTRADA VELHA DE SÃO PAULO – SANTOS – SP

A partir do início do século XIX, para facilitar o trânsito entre São Paulo e a cidade portuária de Santos, começaram a ser reformados trechos de um antigo caminho. Em suas primeiras fases, a construção da estrada contou com o trabalho de escravos alugados de particulares, libertos, escravos da nação, além de colonos suíços, alemães e portugueses. A partir de 1851, grupos grandes de africanos livres foram transferidos da Casa de Correção do Rio de Janeiro para as obras em São Paulo. No alto da serra, surgiu um povoado habitado majoritariamente por africanos livres, denominado Zanzalá. Nas encostas da Serra do Cubatão também surgiram quilombos. A estrada entre São Paulo e Santos serviu, desde o começo, como rota de fuga de escravos que procuravam abrigo nos diversos quilombos existentes em Cubatão e Santos. Dentre os mais famosos, destacaram-se o do Jabaquara, organizado por abolicionistas, e o de Pai Felipe, organizado por escravos.

Consultores / Consultants: Enidelce Bertin e Maria Helena Pereira Toledo Machado

At the beginning of the 19th century, in order to facilitate the transportation of goods between São Paulo and the port city of Santos, work began on the renovation of sections of an old route. During the first phases the construction of the road was performed by slaves leased from their owners, freed slaves, slaves of the nation as well as Swiss, German and Portuguese settlers. As from 1851, large groups of free Africans were transferred from the Court Penitentiary in Rio de Janeiro to the works in São Paulo. A settlement was created, called Zanzalá, in the upper reaches of the mountain range, whose inhabitants were mainly free Africans. "Quilombos" were also created on the slopes of the Cubatão mountain range. From the very beginning the road between São Paulo and Santos served as an escape route for slaves who sought shelter in the various "quilombos" that existed in Cubatão and Santos. The most famous were the Jabaquara quilombo, organized by abolitionists, and the Pai Felipe quilombo, organized by slaves.

Referências / References:

ENIDELCE Bertin, "Reivindicações e Resistências: o não dos africanos livres". *AfroÁsia*, 40, 2009. Disponível em: http://www.fea.usp.br/feaecon//media/fck/File/EnidelceBertin_Reivindicacoes%20e%20Resistencia.1.pdf. Acesso em: 11 de novembro, 2012.

MACHADO, Maria Helena P. T., *O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição*. 2ª. edição, São Paulo:EDUSP, 2010.

FLORESTA NACIONAL DE IPANEMA (REAL FÁBRICA DE FERRO) – IPERÓ – SP

Administrada pelo Instituto Chico Mendes do Ministério do Meio Ambiente, a Floresta Nacional de Ipanema inclui reserva ecológica, fazenda e prédios históricos da Real Fábrica de Ferro de Ipanema, siderúrgica fundada em 1810 por D. João VI. Nela trabalhavam especialistas e oficiais europeus, mas também escravos da nação e, a partir de 1835, africanos livres, resgatados do tráfico ilegal e emancipados com base na legislação de repressão ao tráfico. Na Fábrica de Ferro de Ipanema, em 1837, havia 121 escravos da nação e 48 africanos livres. Em 1851, eram 152 africanos livres, boa parte deles casados, e 17 na condição de filhos. Em 1860, muitos dos escravos da nação e africanos livres que trabalhavam na Fábrica de Ferro foram transferidos para a recém-fundada Colônia Militar de Itapura, o que desativou o trabalho da Fábrica.

Consultor / Consultant: Beatriz Mamigonian

Administered by the Ministry of the Environment's Chico Mendes Institute, the National Forest of Ipanema includes an ecological reserve, plantation and historical buildings of the Royal Ipanema Iron Foundry, an iron foundry founded in 1810 by D. João VI. European specialists and officers worked there as well as slaves of the nation and, after 1835, free Africans who had been rescued from the illegal trade and emancipated under the terms of the anti-slave trade legislation. In the Ipanema Iron Foundry, 1837, there were 121 slaves of the nation and 48 free Africans. In 1851, there were 152 free Africans, most of whom were married, and 17 children. In 1860, many of the slaves of the nation and free Africans who worked in the Iron Foundry were transferred to the recently founded Military Colony of Itapura, thus deactivating the foundry.

Referência / Reference:

FLORENCE, Afonso Bandeira. Resistência Escrava em São Paulo: a luta dos escravos da Fábrica de Ferro de São João Ipanema, 1828-1842”, *Afro-Ásia*, Salvador, v.18, p. 7-32, 1996. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n18_p7_ocr.pdf. Acesso em: 12 de novembro, 2012.

PRAÇA DA LIBERDADE (ANTIGO LARGO DA FORÇA) SÃO PAULO – SP

A atual Praça da Liberdade já foi conhecida como Largo da Força, onde foram suplicados muitos escravos e africanos sentenciados. Atualmente, a Igreja de Santa Cruz dos Enforcados e a Capela de Nossa Senhora dos Aflitos são representantes de um complexo cultural afro-brasileiro de religiosidade. A edificação da Igreja dos Enforcados, a partir de uma cruz e um velário, teria sido motivada pela execução do famoso soldado negro santista, cabo Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, em 20 de setembro de 1821. Chaguinhas teria liderado uma revolta por melhores soldos para os militares nacionais na época da Independência. Seu corpo foi sepultado no cemitério de Nossa Senhora dos Aflitos, erguido em 1779, em local bem próximo ao Largo da Força, dedicado a receber majoritariamente escravos e suplicados que não conseguissem enterramento nos adros das igrejas. No centro do cemitério ergueu-se a Capela dos Aflitos, que continua no mesmo lugar. Os terrenos do cemitério foram leiloados em 1885, sendo preservados apenas o Beco e a Capela dos Aflitos, que ainda hoje é um centro de romaria popular. O cemitério nunca foi escavado.

Consultor / Consultant: Maria Helena P. T. Machado

The present-day Praça da Liberdade was formerly known as the Praça da Forca (Square of the Gallows), where many condemned slaves and Africans were executed. Today, the Church of the Holy Cross of the Hanged and the Church of Our Lady of the Afflicted are part of an Afro-Brazilian religious cultural complex. The construction of the Church of the Hanged around a cross and a votive candle area was apparently motivated by the execution of the famous negro soldier from Santos, corporal Francisco José das Chagas, known as Chaguinhas, on September 20, 1821. Chaguinhas is said to have led a revolt for better pay for Brazilian soldiers at the time of Independence. His body was buried in the cemetery of Our Lady of the Afflicted, built in 1779 in a place near the Square of the Hanged to receive mainly slaves and people who had been executed and could not be buried in churchyards. The Chapel of the Afflicted was built in the middle of the cemetery and is still standing. The lands of the cemetery were auctioned in 1885 and only the Beco and the Chapel of the Afflicted were preserved. The latter is a center of popular pilgrimage to this day. The cemetery has never been excavated.

Referências / References:

AMARAL, Antonio Barreto do, *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1980, pp. 109, 125 e 230.

VILHENA, Maria Angela, “Os Mortos estão Vivos: Traços da Religiosidade Brasileira”, *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, n.3, 2004, pp. 103-131. Disponível : http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_vilhena.pdf. Acesso em: 11 de novembro, 2012.

COMUNIDADE QUILOMBOLA GUAJUVIRA – CARIÚVA – PR

A origem da comunidade remanescente de quilombos de Guajuvira vincula-se naturalmente à escravidão, mas por vias tortas. Efetivamente, sua origem decorre da trajetória de um casal de africanos livres, do qual descende a maior parte dos atuais membros da comunidade. Formado por Rita Francisca dos Impossíveis e Thomé Rodrigues Ferreira, o casal de africanos livres chegou ao Paraná na primeira metade do século XIX. Foram alocados no aldeamento de São Jerônimo, onde conviviam com índios, com outros africanos livres e com escravos da nação. Rita e Thomé, após sua emancipação, em 1864, receberam seus lotes em 1867. A comunidade foi certificada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombo em 2005. Atualmente, os quilombolas de Guajuvira tentam a certificação do território onde vivem há várias gerações.

Consultor / Consultant: Luiz Geraldo da Silva

The origin of the remnant quilombo community of Guajuvira is naturally linked to slavery, but in an indirect fashion. It began with a free African couple from whom most of the current members of the community are descended. Formed by Rita Francisca dos Impossíveis and Thomé Rodrigues Ferreira, the free African couple arrived in Paraná during the first half of the 19th century. They were allocated to the São Jerônimo settlement where they lived with Indians, other free Africans and slaves of the nation. After their emancipation in 1864, Rita and Thomé received their plots of land in 1867. The community was certified

by the Fundação Cultural Palmares as a remnant “quilombo” community in 2005. The members of the Guajuvira “quilombo” are trying to obtain the communal property rights to the land where they have been living for several generations.

Referência / Reference:

PORTO, Liliana; KAISS, C.; COFRE, I. Quilombolas, Agentes Estatais e Proprietários. Impactos da Compreensão da Alteridade em Disputas Políticas em Guajuvira. In: 26ª. *Reunião Brasileira de Antropologia*, 2008, Porto Seguro. Anais da 26a. Reunião Brasileira de Antropologia, 2008.

INVERNADA PAIOL DA TELHA – GUARAPUAVA – PR

No século XIX, a Invernada Paiol da Telha era parte da fazenda Capão Grande, distrito de Pinhão, Guarapuava – PR. A Invernada foi doada por sua proprietária, Balbina Francisca de Siqueira, aos seus escravos e agregados articulados por laços familiares, em testamento de 1860 e inventário de 1865. A maioria desse grupo era formada por crioulos, mas havia também, entre eles, homens e mulheres africanos. Ao tomarem posse das terras em 1866, iniciou-se paralelamente o processo de expropriação. Atualmente, os descendentes dos libertos reivindicam a titulação de suas terras como remanescentes de quilombo, as quais se acham apropriadas no âmbito da Fazenda Fundão, de propriedade da Cooperativa Agrária Mista Entre Rios. A antiga invernada localiza-se no Distrito de Pedro Lustosa, Município de Pinhão.

Consultor / Consultant: Luiz Geraldo Silva

During the 19th century, the Paiol da Telha Winter Pasture was part of the Capão Grande plantation, in the district of Pinhão, Guarapuava – PR. The Winter Pasture was donated by its owner, Balbina Francisca de Siqueira, to her slaves and non-family members of the house hold in a will of 1860 and in her estate of 1865. This group was composed mainly of “crioulos” but also included African men and women. The expropriation process began as they were taking control of the land. The descendants of the freed slaves are currently claiming the right to communal ownership of their lands, which are currently part of the Fundão farm, owned by the Entre Rios Agricultural Cooperative. The former winter pasture is located in the Pedro Lustosa district of the municipality of Pinhão.

Referências / References:

HARTUNG, M. F. *O sangue e o espírito dos antepassados. Escravidão, herança e expropriação no grupo negro Invernada Paiol de Telha* – PR. Florianópolis: NUER, 2004.

PORTO DE DESTERRO E MERCADO PÚBLICO – FLORIANÓPOLIS – SC

Africanos escravizados desembarcaram no Porto de Desterro, nas primeiras décadas do século XIX, vindos principalmente do Rio de Janeiro. Ali também trabalhavam cativos e libertos africanos, carregando e descarregando os navios de passagem. Em janeiro de 1851, foi inaugurado o primeiro Mercado Público de Desterro, no alinhamento da Rua do Príncipe, atual Conselheiro Mafra, junto ao

mar. Era um prédio retangular térreo, com portas nos quatro lados, que davam acesso ao espaço onde os vendedores alugavam 12 “casinhas” nos nichos cobertos. O aluguel das casinhas do Mercado era proibido aos escravos, que, no entanto, podiam atuar como quitandeiros e quitandeiras entre os vãos de suas colunas. Luiz Congo, Esperança Cabinda, Josefa Caçange, Zeferida Calabá, e Maria Mina, entre outros, deixaram seus nomes para a posteridade nos livros de registro da Câmara Municipal ao pagar os devidos impostos pela venda de produtos de quitanda no Mercado.

Consultores / *Consultants*: Vitor Hugo Cardoso e Fabiane Popinigis

During the first decades of the 19th century enslaved Africans disembarked in the Port of Desterro, coming mainly from Rio de Janeiro. Captives and freed Africans also worked there, loading and unloading ships. January 1851 saw the inauguration of the first Public Market of Desterro where Rua do Príncipe, now Rua Conselheiro Mafra, met the seafront. It was a rectangular low-lying building with doors on all sides and where vendors leased 12 “little houses”. Slaves were forbidden to rent “little houses” in the market but they could work as greengrocers in the spaces between its pillars. Luiz Congo, Esperança Cabinda, Josefa Caçange, Zeferida Calabá, and Maria Mina, amongst others, left their names for posterity in the registers of the Municipal Chamber when paying taxes on sales of products in the market.

Referências / *References*:

Santa Afro Catarina. *Programa de Educação Patrimonial sobre a presença de africanos e afrodescendentes em Santa Catarina*. Disponível em: <http://santaafrocatarina.blogspot.com.br/>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

Popinigis, F. “Africanos e descendentes na história do primeiro mercado público de Desterro.” In Mamigonian, B.G., Vidal, Joseane Zimmerman (org.). *História diversa – africanos e afrodescendentes na ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2013.

CAPELA DE SANT’ANNA – FLORIANÓPOLIS – SC

A capela de Sant’Anna foi construída na praia da Armação, em 1772. Desde então, apesar de ter sofrido varias alterações, mantém-se como templo religioso. Atualmente, também se destaca como atração turística. Integrava o conjunto de construções da Armação de Sant’Anna da Lagoinha para caça e beneficiamento de óleo de baleia na costa leste da Ilha de Santa Catarina. A mão de obra da Armação era composta por trabalhadores livres e escravizados que partilhavam tarefas no mar e em terra. Os documentos da Armação Baleeira da Lagoinha registram que dezenas de africanos lá trabalharam, provenientes de diferentes regiões da África como o Congo, Moçambique, Mina, Benguela, Magume, Agumi, Quisamia, Rebolo, Cabinda, Camundá, Molumbo, Mogume. Muitos desses africanos e seus filhos foram batizados na Capela de Sant’Anna entre o final do século XVIII e o início do século XIX.

Consultor / *Consultant*: Andréa Ferreira Delgado

The chapel of Sant’Anna was built on Armação beach in 1772. Although it has undergone various changes, it has remained a religious temple and is now a tourist attraction. It used to be part of a group

of buildings of the whaling station of Sant'Anna da Lagoinha located on the east coast of the Island of Santa Catarina, used to hunt whales and process their oil. The labor force of the station was composed of free and enslaved workers who shared tasks at sea and on land. The documents of the Lagoinha Whaling Station recorded that dozens of Africans worked there and came from different regions of Africa such as the Congo, Mozambique, Gold Coast, Benguela, Magume, Agumi, Quisamia, Rebolo, Cabinda, Camundá, Molumbo, Mogume. Many of these Africans and their children were baptized in the Chapel of Sant'Anna between the end of the 18th and the beginning of the 19th centuries.

Referências / References:

VEIGA, Eliane Veras da (Org). *Guia digital Florianópolis*. Florianópolis: IPUF, 2003.

ZIMMERMAN, Fernanda. O funcionamento da Armação baleeira na Lagoinha: hierarquia do trabalho e controle de escravos na caça à baleia (Ilha de Santa Catarina, 1772-1825). UFSC. *Trabalho de Conclusão do curso de História*. Florianópolis, 2006.

FAZENDA DA TAPERA DA BARRA DO SUL – FLORIANÓPOLIS – SC

A propriedade compreende parte de um conjunto histórico-arqueológico datado de fins do século XVIII e início do XIX. A casa de fachada portuguesa, que ainda existe, integrava um complexo arquitetônico com engenhos de farinha, açúcar e café, alambiques, ranchos de canoa, olaria, senzala, capela, cemitério e porto. Um dos primeiros moradores da propriedade foi o capitão das tropas de auxiliares, Antonio José da Costa, importante senhor de escravos e negociante da Praça do Desterro, atual Florianópolis. A mão de obra utilizada nessas atividades agrícolas era de escravos africanos e de seus descendentes.

Consultor / Consultant: Vitor Hugo Cardoso

The property is part of a historical and archaeological site dating back to the end of the 18th and beginning of the 19th centuries. The great house, with its Portuguese façade, still exists and was one of several buildings, including flour, sugar and coffee mills, distilleries, canoe sheds, brick factory, slave quarters, chapel, cemetery and port. One of the residents of the property was the auxiliary troop captain, Antonio José da Costa, an important slave owner and merchant of the Praça do Desterro, present-day Florianópolis. The labor used in these agricultural activities was composed of African slaves and their descendants.

Referência / Reference:

SILVA, Oswaldo Paulino da. Arqueologia dos engenhos da Ilha de Santa Catarina, parte sul. *Dissertação em História*, Porto Alegre: PUC-RS, 1996.

SÍTIO DAS CHARQUEADAS – PELOTAS – RS

O Sítio das Charqueadas, tombado pelo Patrimônio Cultural do Estado em 2003, situa-se às margens do arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo. Ali foram estabelecidas cerca de 30 charqueadas,

todas elas utilizando trabalho escravo até 1850. A metade destes trabalhadores era de africanos, pelo que se pode observar pelos batismos nos livros da Igreja. Nestas charqueadas, os escravos trabalhavam seis meses por ano nas matanças de animais e demais atividades com a carne. Nos outros seis, eram empregados na construção civil na cidade ou em olarias. Mesmo nas charqueadas preservadas, há poucos vestígios das senzalas. Apenas na de São João existe uma parede que pertenceu a uma delas.

Consultor / *Consultant*: Beatriz Loner

The Sitio das Charqueadas, recognized as a heritage site by the State Cultural Heritage Institute in 2003, is located on the banks of the Pelotas creek and the São Gonçalo canal. Around 30 “charqueadas” – slaughterhouses and dried-meat processing plants – were established there and all used slave labor until 1850. According to the baptismal records of the local church, half of these workers were Africans. In these “charqueadas” the slaves worked six months of the year in the slaughterhouses and meat processing activities. During the other six months they were employed in the city’s construction sector or in brick factories. There are few remains of slave quarters even in the “charqueadas” that have been preserved, with the exception of the São João “charqueada”, where there is a wall that belonged to one of them.

Referências / *References*:

GUTIERREZ, Ester J.B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2ª Edição. Pelotas. Editora Ufpel, 2001.

GUTIERREZ, Ester J.B. *Bairro e Sangue: mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Ed. Ufpel, 2004.



Largo do Pelourinho (Salvador – BA) – Foto de Pierre Verger, s/d

Largo do Pelourinho (Salvador – BA) – Photo by Pierre Verger, undated

REVOLTAS E QUILOMBOS

Se Palmares foi o maior símbolo da resistência contra a escravidão na sociedade colonial, variadas foram as formas de luta direta contra o sistema escravista. Fugas, organização de quilombos e revoltas aconteceram em quase todos os locais em que houve escravidão. Mesmo que não tenham tido êxito completo, esses movimentos transformaram a dominação e deixaram notícias das ações e caminhos dos africanos rumo à liberdade, ao longo do período colonial e do século XIX.

REVOLTS AND QUILOMBOS

Although Palmares was the greatest symbol of the resistance against slavery in colonial society, the struggle against the slave system took various forms. Escapes, organization of “quilombos” and revolts occurred in nearly all places where there was slavery. Even though they were not completely successful, these movements transformed domination and provided examples of the actions undertaken and paths followed by Africans in their quest for freedom during the colonial period and the 19th century.

LARGO DO PELOURINHO – SALVADOR – BA

Localizado no Centro Histórico de Salvador, na antiga freguesia da Sé, o Largo do Pelourinho foi, durante o período colonial, palco de suplício de homens livres e, sobretudo, de africanos escravizados que tivessem cometido crimes individuais ou participado de revoltas.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

Located in the Historical Center of Salvador in the former parish of the Sé, the Largo do Pelourinho (Pillory Square) was the place where free men and especially enslaved Africans were punished during the colonial period for having committed crimes or taken part in revolts.

Referência / *Reference*:

REIS, João José Reis. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos Malês, 1835*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

NEGRO COSME / BALAIADA – VALE DO ITAPECURU – MA

A revolta do Cosme, durante a Balaiada, é a maior insurreição de negros da história do Império do Brasil. Entre dois a três mil quilombolas acompanharam Cosme Bento das Chagas (?-1842) no auge de sua luta pela liberdade dos escravizados e pelos direitos dos camponeses e vaqueiros pobres. Dom Cosme era nativo do Sobral, no Ceará, e forro. Apesar dele e de muitos quilombolas serem crioulos, havia entre eles também muitos africanos, como se observa pelas listas dos presos. Eram Angolas, Congos, Cambindas, Mandingas e Nagôs. Desde antes da Balaiada, escravos fugidos tinham se aqui-lombado nas “matas de Codó”, no vale do rio Itapecurú, Maranhão, em lugares ainda não identifi-cados. Durante a Balaiada, Cosme estabeleceu seu quartel general na fazenda da Lagoa Amarela, próximo ao rio Munim. Ele foi preso com os últimos remanescentes do seu exército no dia 7 de fevereiro 1841. Cosme foi condenado à forca por um tribunal na vila do Itapecuru-Mirim, Maranhão, e executado na Praça do Mercado, em setembro 1842.

Consultor / *Consultant*: Matthias Röhrig Assunção

The revolt of Cosme, during the Balaiada, is the biggest insurrection of negroes in the history of the Empire of Brazil. Between two and three thousand quilombolas (inhabitants of “quilombos”) accompanied Cosme Bento das Chagas (?-1842) at the height of his struggle in favor of the freedom of the enslaved and the rights of peasants and poor cowboys. Dom Cosme was from Sobral, in Ceará and a freed slave. Although he and many quilombolas were “crioulos”, there were also many Africans in their ranks, as shown by the list of prisoners, and included “Angolas”, “Congos”, “Cambindas”, “Mandingas” and “Nagôs”. Long before the Balaiada, fugitive slaves had formed “quilombos” in the “woods of Codó”, in the valley of the river Itapecurú, Maranhão, in places that have not yet been identified. During the Balaiada, Cosme established his headquarters in the Lagoa Amarela plantation, near the Munim river. He was captured with the last remaining members of his army on February 7, 1841. Cosme was condemned to the gallows by a tribunal in the town of Itapecuru-Mirim, Maranhão and executed in the Praça do Mercado in September, 1842.

Referências / References:

ARAUJO, Maria Raimunda, *Em busca de Dom Cosme Bento das Chagas – Negro Cosme, Tutor e Imperador da Liberdade*. Imperatriz, MA: Ética, 2008.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig, “Cabanos contra Bem-te-vis: A construção da ordem pós-colonial no Maranhão (1820-1841)”. In: *Os senhores dos rios. Amazônia, margens e histórias*. Mary del Priore & Flávio dos Santos Gomes, editores. Rio de Janeiro: Campus, Elsevier, 2003, pp. 195-225.

QUILOMBO DO CATUCÁ / MALUNGUINHO – RECIFE – PE

O quilombo do Malunguinho começava nas imediações de Recife e margeava a fronteira agrícola da zona da mata norte entre 1817 e 1835. Com evidente organização, os quilombolas dividiam-se em vários grupos espalhados pelas matas do Catucá, agindo em conjunto ou separadamente. Malungo é palavra de origem banta, tronco linguístico de ampla área da África centro-ocidental, e poderia significar “meu barco” ou “camarada de embarcação”. Malunguinho foi o nome atribuído ao líder do quilombo, provavelmente africano, e tornou-se designação para todo escravo insurreto, assim como entidade sagrada nos cantos da Jurema.

Consultor / Consultant: Marcus Carvalho

The quilombo of Malunguinho began near Recife continued along the edge of the agricultural frontier of the northern part of the Zona da Mata region between 1817 and 1835. Evidently well-organized, the quilombolas split into various groups that spread throughout the woods of Catucá, acting together or separately. Malungo is a bantu word, from a family of languages that are spoken in a wide area of Central and West Africa, and can mean “my boat” or “boat comrade”. Malunguinho was the name of the leader of the “quilombos”, who was probably African, and was also used to designate any rebel slave as well as a sacred entity in the chants of Jurema.

Referências / References:

CARVALHO, Marcus. *Liberdade. Rotinas e Rupturas*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 1998;

CARVALHO, Marcus. O Quilombo de Malunguinho. O Rei das Matas de Pernambuco. In: REIS, João José e GOMES, Flavio Santos. *Liberdade por um Fio. Histórias dos Quilombos no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

QUILOMBO DOS PALMARES – UNIÃO DE PALMARES – AL

No sítio arqueológico da Serra da Barriga, em Alagoas, onde se localizava o antigo quilombo, hoje se situa o Parque Memorial Quilombo dos Palmares As primeiras referências históricas aos mocambos dos Palmares datam de princípios do século XVII, período de consolidação da produção de açúcar no Brasil e do uso de mão-de-obra escrava africana. A influência de formas de organização

de reinos africanos da região do Congo-Angola na estrutura política de Palmares tem sido aventada por historiadores. As negociações de paz entre o governador de Pernambuco, Pedro de Almeida, e o líder de Palmares, Ganga-Zumba, em 1678, seguiram o protocolo político das guerras travadas pelos portugueses com os reinos africanos vizinhos à colônia portuguesa em Luanda. Zumbi teria sido o último chefe militar dos mocambos e acabou sendo derrotado pelas tropas do sertanista Domingos Jorge Velho, em 1695. Desde então, ainda que com diferentes ênfases, Palmares e Zumbi transformaram-se em ícones da resistência negra à escravidão, mesmo que o quilombo fosse marcado por intensa troca cultural entre africanos, seus descendentes, os povos nativos da América e os colonos moradores dos povoados vizinhos ou foragidos da guerra entre portugueses e holandeses. Desde o final do século XX, 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, foi transformado em Dia Nacional da Consciência Negra.

Consultor / Consultant: Hebe Mattos

The Quilombo dos Palmares Memorial Park is situated on the archaeological site of the Barriga mountain range in Alagoas, where the former “quilombos” was located. The first historical references to the small huts of Palmares date from the beginning of the 17th century, a period that witnessed the consolidation of sugar production in Brazil and the use of African slave labor. The possible influence of forms of organization of the African kingdoms of the Congo-Angola region on the political structure of Palmares has been put forward by historians. The peace negotiations between the governor of Pernambuco, Pedro de Almeida, and the leader of Palmares, Ganga-Zumba, in 1678, followed the protocol of the wars fought by the Portuguese with African kingdoms next to the Portuguese colony in Luanda. Zumbi was probably the last military leader of the quilombo and was defeated by the troops of the backwoodsman Domingos Jorge Velho, in 1695. Since then, although with different emphases, Palmares and Zumbi have been transformed into symbols of the negro resistance to slavery, despite the fact that the quilombo was marked by an intense cultural exchange between Africans, their descendants, the native peoples of America and the settlers who lived in neighboring villages or had fled from the war between the Portuguese and the Dutch. Since the end of the 20th century, November 20, the day of Zumbi’s death, is used to celebrate the National Day of Negro Consciousness.

Referências / References:

GOMES, Flavio. *Palmares*. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

LARA, Silvia H. Marronnage et pouvoir colonial. Palmares, Cucaú et les frontières de La liberté au Pernambouc à La fin du XVIIe siècle. *Annales*(Paris), v. 67, p. 639-662, 2007.

<http://serradabarriga.palmares.gov.br/>.

QUILOMBO DO BURACO DO TATU – SALVADOR – BA

O Quilombo do Buraco do Tatu, destruído em 1763, era habitado por duas centenas de escravos. Muito bem protegido, possuía fossas e caminhos falsos. Os quilombolas sobreviviam de agricultura e pesca, mas também de assaltos nas estradas e do saque a fazendas vizinhas. Essas ações levavam grande instabilidade às áreas agrícolas próximas e provocavam, frequentemente, forte reação repressiva. Pro-

vavelmente, localiza-se hoje em sítio do mesmo nome, na atual Estrada Velha do Aeroporto, que liga a BR 324 ao bairro de São Cristóvão.

Consultor / Consultant: João José Reis

The Quilombo do Buraco do Tatu, destroyed in 1763, was inhabited by two hundred slaves. It was very well protected and had moats and false trails. The “quilombolas” lived off agriculture and fishing but also highway robberies and pillaging of local plantations. These actions caused a great deal of instability in neighboring agricultural areas and were often fiercely repressed by the authorities. Today it is probably located in a farm of the same name on the Estrada Velha do Aeroporto, that links the BR 324 highway to the district of São Cristóvão.

Referências / References:

SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, camponeses e rebeldes*. Bauru, EDUSC, 2001

REIS, João José Reis & GOMES, Flavio Gomes (orgs.). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

ENGENHO SANTANA – ILHÉUS – BA

O Engenho Santana localiza-se nas margens do Rio do Engenho, no município de Ilhéus. Os escravos desse grande engenho se levantaram em duas ocasiões, 1789 e 1824, em ambas formando quilombos. No primeiro episódio, os rebeldes submeteram ao senhor um tratado com as condições sob as quais retornariam ao trabalho. Dentre elas, o reconhecimento de direitos ligados às condições de trabalho e de vida: diminuição do volume de tarefas, cultivo de roças de subsistência, eleição do feitor e celebração de festa, sem que fosse necessário pedir licença.

Consultor / Consultant: João José Reis

The Santana Sugar Mill is located on the banks of the Engenho river in the municipality of Ilhéus. The slaves of this big sugar mill rebelled in 1789 and 1824, forming “quilombos” on both occasions. During the first episode, the rebels presented the master with a treaty stipulating conditions for a return to work. These included the recognition of their rights regarding work and living conditions: reduction of the number of tasks, cultivation of subsistence plots, election of the foreman and celebration of feasts without having to ask for permission.

Referências / References:

SCHWARTZ, Stuart B. “Resistance and Accommodation in Eighteenth-Century Brazil”. *Hispanic American Historical Review*. v 57, n. 1 (1979), 69-81.

REIS, João José Reis & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1989.

BAIRRO DE ITAPUÁ – SALVADOR – BA

Um dos mais importantes levantes de escravos africanos na Bahia, levado a cabo principalmente por escravos de origem haussá, muçulmanos na sua maioria, teve como epicentro a vila de Itapuá, então cercada por fazendas e armações de pesca de baleia. Localizada no litoral norte da cidade de Salvador, Itapuá foi atacada pelos rebeldes, em 28 de fevereiro de 1814. Em seguida, eles rumaram para o Recôncavo, com o objetivo de expandirem a revolta. Um contingente da cavalaria e milicianos controlaram os revoltosos, depois de grande combate às margens do Rio Joanes.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

One of the most important revolts of African slaves in Bahia, undertaken mainly by Haussá slaves who were mostly Muslims, centered around the district of Itapuá, which, at that time, was surrounded by plantations and whaling stations. Located on the northern coastline of the city of Salvador, Itapuá was attacked by rebels on February 28, 1814. They then proceeded to the Recôncavo with the aim of expanding the revolt. A contingent of cavalry and militia managed to control the rebels after fierce fighting on the banks of the Joanes River.

Referência / *Reference*:

SCHWARTZ, Stuart. Cantos e Quilombos numa conspiração de escravos Haussás. Bahia, 1814. In: REIS, João José e GOMES, Flavio Santos (ogs.). *Liberdade por um Fio: histórias dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LADEIRA DA PRAÇA – SALVADOR – BA

Próximo ao pé da ladeira da Praça, em frente ao atual Quartel General do Corpo de Bombeiros, na casa de dois libertos nagôs, teve início, na madrugada do dia 24 para 25 de janeiro de 1835, a Revolta dos Malês, que é considerada a mais importante feita por escravos urbanos nas Américas. Foi organizada por africanos iorubás (chamados nagôs no Brasil), adeptos do Islã (os malês), mas contou com a participação de negros não muçulmanos, escravos e libertos, e alguns de outras nações que não os nagôs. Estima-se que os rebeldes tenham sido em torno de seiscentos. Cerca de cinquenta morreram em combate e nove pessoas foram mortas por eles.

Consultor / *Consultant*: João José Reis

The Revolt of the Malês, considered the most important undertaken by urban slaves in the Americas, began in the early hours of January 25, 1835 in the house of two freed Nagô slaves. The house was located near the bottom of the Ladeira da Praça in front of the present-day General Headquarters of the Fire Brigade. It was organized by Yoruba Africans (known as Nagôs in Brazil) who were adepts of Islam (the Malês). Non-Muslim enslaved and freed negroes together with members of other non-Nagô nations also took part. It is estimated that there were about six hundred rebels. Around fifty of them died in combat and they killed nine people.

Referência / Reference:

REIS, João José Reis. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos Malês, 1835*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

CAMPO DA PÓLVORA – SALVADOR – BA

Em 14 de maio de 1835, no Campo da Pólvora, quatro africanos foram fuzilados, cumprindo-se assim a pena de morte a que tinham sido condenados por participação na Revolta dos Malês, ocorrida em janeiro do mesmo ano. Os corpos de Jorge da Cruz Barbosa, nome africano Ajahi, nagô, liberto, carregador de cal; Pedro, nagô, carregador de cadeira, escravo do comerciante inglês Joseph Mellors; Gonçalo, nagô, escravo de Lourenço de tal e Joaquim, nagô, escravo de Pedro Luis Mefre, foram enterados numa cova comum de um cemitério vizinho, destinado a indigentes escravos e livres.

Consultor / Consultant: João José Reis

Four Africans, were shot by firing squad on May 14, 1835 at the Campo da Pólvora. They were sentenced to death for their participation in the Revolt of the Malês that took place in January of that same year. The bodies of Jorge da Cruz Barbosa, African name Ajahi, Nagô, freed slave, lime carrier; Pedro, Nagô, litter bearer, slave of the English merchant Joseph Mellors; Gonçalo, Nagô, slave of Lourenço and Joaquim, Nagô, slave of Pedro Luis Mefre, were buried in the common grave of a neighboring cemetery reserved for slave and free paupers.

Referência / Reference:

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos Malês, 1835*. 2ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

CARRANCAS – CRUZÍLIA – MG

A revolta de Carrancas eclodiu nas propriedades da família Junqueira, na freguesia de Carrancas, em 13 de maio de 1833. Sob a liderança do escravo Ventura Mina, o movimento começou na Fazenda Campo Alegre, que não existe atualmente, e alastrou-se para a fazenda Bela Cruz, onde escravos das procedências crioula, “mina”, “cassange”, “angola”, “benguela”, “congo” e “moçambique”, invadiram a casa grande e mataram diversos membros da família Junqueira. As principais lideranças da revolta foram os escravos Joaquim Mina, Jerônimo, Roque Crioulo e Damião. Dezesete escravos foram presos e condenados à pena de morte por enforcamentos e outros quatro por açoites e ferros.

Consultor / Consultant: Silvia Brugger

The revolt of Carrancas broke out on the lands of the Junqueira family in the parish of Carrancas on May 13, 1833. Under the leadership of the slave Ventura Mina, it began on the Campo Alegre Plantation, which no longer exists, and spread to the Bela Cruz plantation, where “crioulo”, “mina”,

“cassange”, Angola, Benguela, Congo and Mozambique slaves invaded the great house and killed several members of the Junqueira family. The main leaders of the revolt were the slaves Joaquim Mina, Jerônimo, Roque Crioulo and Damião. Sixteen slaves were captured and sentenced to death by hanging and four others to lashings and irons.

Referência / Reference:

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites Regionais e a formação do Estado Imperial Brasileiro. Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

SÍTIO HISTÓRICO DO PATRIMÔNIO CULTURAL KALUNGA – CAVALCANTI, MONTE ALEGRE E TEREZINA – GO

Em 1722, os bandeirantes Bartolomeu Bueno e João Leite da Silva Ortiz deram início ao ciclo minerador no cerrado. A mão de obra africana foi o motor propulsor dessa empreitada. Os africanos que chegaram à região vinham do porto de Santos (SP), Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ), provenientes da região do Congo, Angola e outras localidades próximas da costa oeste da África. Muitos desses escravos fugiram do trabalho das minas e estabeleceram quilombos. A população Kalunga é uma comunidade negra rural formada por descendentes desses quilombolas. Localizado no nordeste goiano, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga possui 237 mil hectares. A comunidade Kalunga ocupa as áreas periféricas da Chapada dos Veadeiros e abriga mais de quatro mil pessoas, sendo a maior comunidade remanescente de quilombo do Brasil.

Consultor / Consultant: Daniela Yabeta

In 1722, the Bandeirantes (slave owners, explorers and fortune hunters) Bartolomeu Bueno and João Leite da Silva Ortiz began the mining cycle in the Brazilian savannah. African labor was the driving force behind this undertaking. The Africans who arrived in the region disembarked at the ports of Santos (SP), Salvador (BA) and Rio de Janeiro (RJ), and came from the region of the Congo, Angola and others places close to the west coast of Africa. Many of these slaves fled from the work in the mines and established “quilombos”. The Kalunga population is a rural negro community formed by descendants of these “quilombolas”. Located in the northeast of the state of Goiás, the Historic Site of the Kalunga Cultural Heritage covers 237 thousand hectares. The Kalunga community occupies the peripheral areas of the Chapada dos Veadeiros. It has more than four thousand members and is Brazil’s largest remnant “quilombos” community.

Referência / Reference:

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: Povo da Terra*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás (GO), 2006.

MANOEL CONGO – VASSOURAS / PATY DO ALFERES – RJ

Em 5 de novembro de 1838, nas terras do Capitão-mor Manuel Francisco Xavier, um grupo de aproximadamente 80 escravos fugiu para as matas próximas, conhecidas como matas de Santa Catarina. No percurso, roubaram mantimentos e equipamentos e uniram-se a escravos de outras fazendas. Pretendiam construir comunidades quilombolas. A maior parte dos fugitivos era composta por africanos. O pânico entre autoridades e fazendeiros motivou uma rápida organização do aparato militar. Ainda em novembro de 1838, muitos fugitivos tinham sido mortos, presos e castigados. Manoel Congo, escravo com ofício de ferreiro, foi denunciado como o líder da revolta e o único a ser condenado à morte. Seu enforcamento foi em Vassouras, em 6 de setembro de 1839, em local conhecido como Largo da Pedreira e hoje transformado em memorial.

Consultor / *Consultant*: Martha Abreu

On November 5, 1838, a group of around 80 slaves fled from the lands of Captain Manuel Francisco Xavier and hid in the nearby woods, known as the Santa Catarina woods. During their escape they stole food and equipment and joined up with slaves from other plantations. Their intention was to form “quilombolas” communities. Most of the fugitives were composed of Africans. The panic that gripped authorities and plantation owners motivated a rapid organization of their military forces. By November 1838 many fugitives had been killed, captured or punished. The slave Manoel Congo, who was a blacksmith, was denounced as the leader of the revolt and was the only rebel condemned to death. He was hanged in Vassouras on September 6, 1839 in a place known as the Largo da Pedreira which is now a memorial.

Referência / *Reference*:

GOMES, Flavio dos Santos. *Histórias de Quilombolas. Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro*. Século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

QUILOMBO MARIA CONGA – MAGÉ – RJ

Identificada e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares em 2007, a comunidade que se identifica como Remanescente de Quilombo Maria Conga forma um bairro bem próximo ao centro de Magé, cidade localizada no fundo da Baía da Guanabara. Registros oficiais da prefeitura reconhecem a importância histórica do local para o município, pois Maria Conga, que teria chegado ao Brasil no início do século XIX e fundado ali uma comunidade de fugitivos, representa a luta pela liberdade dos africanos e seus descendentes. Ao longo do século XIX, a região do Recôncavo da Guanabara foi marcada pela presença de muitos quilombolas que mantinham intensa relação com escravos de plantações, taberneiros e remadores de cidades próximas, formando uma complexa rede social de apoio a fugas.

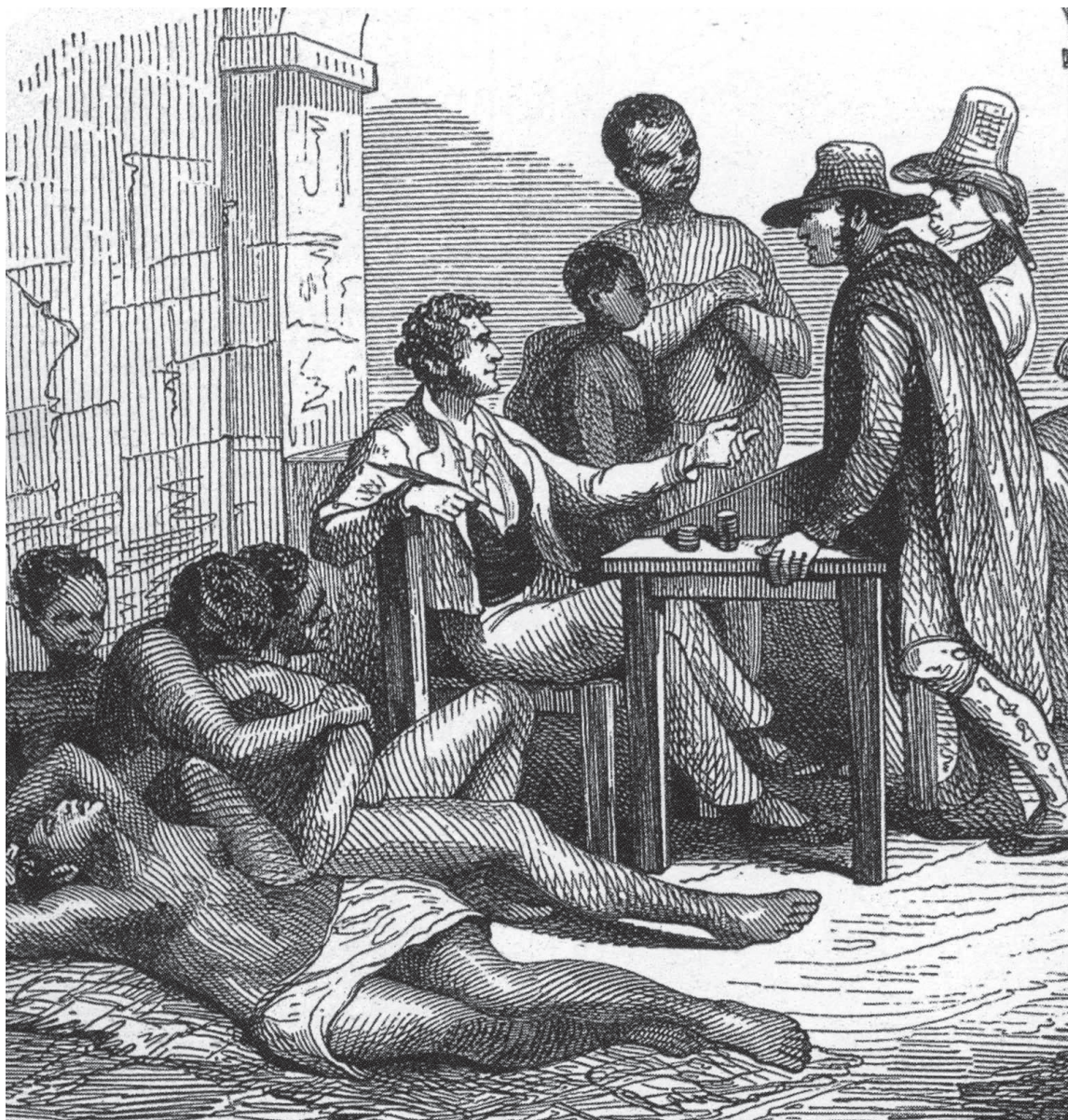
Consultor / *Consultant*: Martha Abreu

Identified and recognized by the Cultural Palmares Cultural Foundation in 2007, the community which identifies itself as the Maria Conga Remnant Quilombo Community forms a district near the center of Magé, a city located in the upper reaches of Guanabara Bay. Official city hall records recognize the place's historical importance for the municipality, as Maria Conga, who is said to have arrived in Brazil at the beginning of the 19th century and founded a community of fugitives there, represents the struggle for freedom of Africans and their descendants. During the 19th century, the region of the Guanabara Recôncavo was marked by the presence of many quilombos which maintained close relations with plantation slaves, tavern owners and rowers of neighboring cities, forming a complex social network of support for escapes.

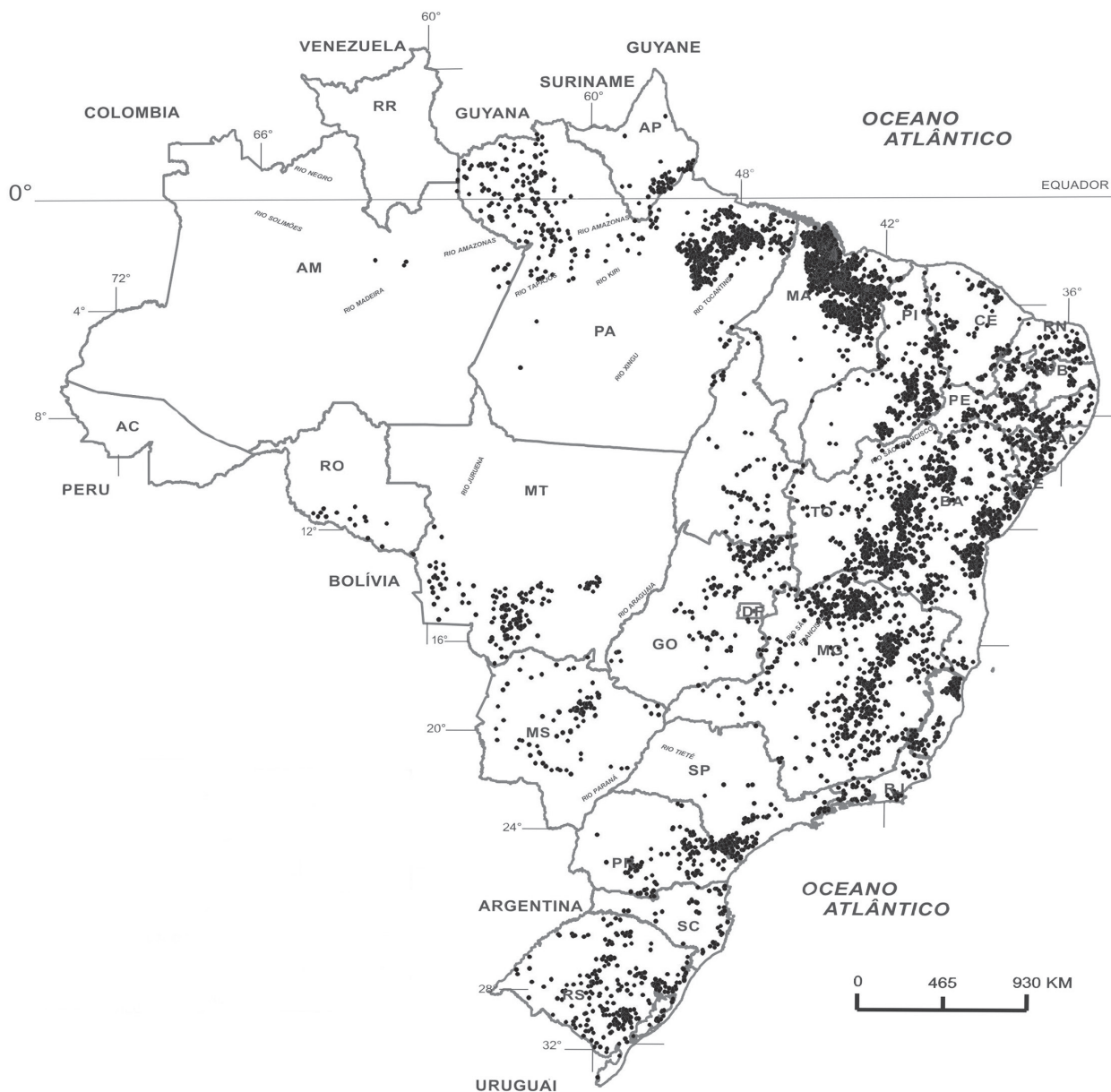
Referências / References:

<http://mapadecultura.rj.gov.br/mage/quilombo-maria-conga>

GOMES, Flavio. *Histórias de Quilombolas. Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro. Século XIX*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.



Venda de Negros (detalhe), Andrew W. Best, in: Moura, Carlos Eugênio Marcondes de, 2000. *Travessia da Calunga Grande – Três Séculos de Imagens sobre o Negro no Brasil (1637 – 1899)*, São Paulo: Imprensa Oficial / Edusp, p. 338



Cartografia dos Territórios Quilombolas – Geógrafo Rafael Sanzio A. dos Anjos.
 Projeto GEOAFRO / CIGA – UnB – Brasília DF – Email: cartografia@unb.br

Map of Quilombola Territories – Geographer Rafael Sanzio A. dos Anjos.
GEOAFRO / CIGA Project – University of Brasilia – Brasilia DF – Email: cartografia@unb.br

PATRIMÔNIO IMATERIAL

A presença dos africanos no Brasil contemporâneo pode ser identificada na vivência de um patrimônio cultural, expresso em memórias, músicas, versos, cantos, danças e performances. A valorização recente do patrimônio imaterial por políticas públicas culturais tem proporcionado maior visibilidade à herança africana no Brasil, assim como maior reconhecimento do passado escravo e negro. O patrimônio imaterial africano é reconstruído por diversas comunidades e torna-se bandeira de luta por direitos e afirmação da identidade negra.

INTANGIBLE CULTURAL HERITAGE

The presence of Africans in contemporary Brazil can be identified in a cultural heritage expressed in memories, music, verses, songs, dances and performances. The recent valorization of the country's intangible heritage by public cultural policies has conferred greater visibility on Brazil's African legacy, as well as a greater recognition of its slave and negro past. The intangible African heritage has been reconstituted by various communities and become a banner in the struggle for rights and the affirmation of negro identity.

COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO

Até o ano de 2012, a Fundação Cultural Palmares certificou, desde a Constituição de 1988, mais de 1.500 comunidades quilombolas, consideradas hoje patrimônio cultural e imaterial do Brasil. Essas comunidades, formadas por descendentes das últimas gerações de africanos trazidos como escravos para o Brasil, lutam pela titulação de territórios ocupados coletivamente. Seus direitos estão garantidos pela Constituição Federal de 1988, através do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), e pelo Decreto 4887, de 2003. Este último regulamentou “a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos” a partir da “autodefinição da própria comunidade”, entendendo-as como “grupos étnico-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. A memória da escravidão, do tráfico, da África e do pós-abolição fortalece as reivindicações pela garantia do território.

Consultor / *Consultant*: Daniela Yabeta

Since the promulgation of the 1988 Constitution, the Palmares Cultural Foundation in 2012 had certified more than 1.500 “quilombolas” communities, nowadays regarded as a cultural and intangible heritage of Brazil. These communities, formed by descendants of the last generations of Africans brought over to Brazil as slaves, claim their right to the communal ownership of the land they occupy. Their rights are guaranteed by the Federal Constitution of 1988, through article 68 of the Act of Transitory Constitutional Provisions (ADCT), and by Decree 4887, 2003. The latter established “the characterization of the remnant “quilombos” communities” based on the “self-definition of the community itself”, considering them to be “ethno-racial” groups with their own historic trajectory, endowed with specific territorial relations, with presumption of negro ancestry related to resistance to the historic oppression suffered”. The memory of slavery, the slave trade, Africa and the post-abolition period strengthens their claims to these territories.

Referências / *References*:

O'DWYER, Eliane Cantarino . Terras de Quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. Tomo (UFS), v. 11, p. 43-58, 2008.

<http://www.palmares.gov.br/quilombola/>

Observatório Quilombola. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/oq/>.

TAMBOR DE CRIOLA – MA

O tambor de crioula é uma manifestação cultural afro-maranhense que combina música, dança e devoção a São Benedito. Para sua execução, usa-se uma parelha de três tambores de tronco de madeira (meião, crivador e tambor grande) e a matraca, que é opcional. A dança, exclusiva das mulheres, é caracterizada por uma coreografia com muitos giros e a umbigada denominada “punga”. Em alguns municípios do interior, os homens praticam a “punga dos homens”, na qual um homem dança, parado num lugar, enquanto o outro tenta derrubá-lo. As origens do tambor de crioula remontam aos

batuques do tempo da escravidão, mencionado por cronistas como Frei Francisco dos Prazeres. Uma descrição mais pormenorizada, destacando suas principais características, encontra-se no Pantheon Maranhense de 1873-75. O Tambor de Crioula foi reconhecido em 2007 como patrimônio da cultura imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Consultor / Consultant: Matthias Röhrig Assunção

The Tambor de Crioula is an Afro-Maranhense (from the state of Maranhão) cultural manifestation which combines music, dance and devotion to Saint Benedict. It uses a set of three drums made from tree trunks (medium sized drum, “crivador” drum and bass drum) and rattle which is optional. It is danced exclusively by women and is characterized by a choreography with many turns and the “umbigada” (in which dancers’ bellies touch, from the Portuguese “umbigo”, meaning navel) known as “punga”. In some municipalities of the interior, men perform the “punga dos homens”, in which a man dances in the same place while another tries to knock him over. The origins of the Tambor de Crioula lie in the drumming sessions performed in slavery times, mentioned by chroniclers such as Frei Francisco dos Prazeres. A more detailed description, highlighting its main characteristics, can be found in the Pantheon Maranhense of 1873-75. Tambor de Crioula was recognized in 2007 as an intangible material heritage of Brazil by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN).

Referências / References:

FERRETTI, Sergio F. Tambor de Crioula: festa de preto. *Revista Universitária*, São Luís, v. 2, n.2, p. 83 - 93, UFMA, 1979.

RAMASSOTE, Rodrigo Martins (Org.). *Tambores da Ilha*. São Luís, , 2006. Disponível em: <http://portal.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=719>. Acesso em: 06 de novembro, 2012.

MARACATU – RECIFE – PE

De acordo com o folclorista pernambucano Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923), o maracatu era a expressão que mais evidentemente reunia “usos e costumes africanos”. Na segunda metade do século XIX, os maracatus, representando cortejos régios, começaram a marcar presença nos carnavais através de suas associações festivas. Em Recife (PE), no Pátio do Terço, situava-se a Casa das Tias do Terço (Sinhá, Yayá e Badia), importante terreiro da religião nagô. D. Santa, uma importante rainha do Maracatu Elefante, costumava passar na casa de Badia durante o carnaval para prestar-lhe as devidas homenagens. É ainda no Pátio do Terço, local da Igreja de Nossa Senhora do Terço, que são realizadas as apresentações dos grupos de maracatus na Noite dos Tambores Silenciosos, realizada toda segunda-feira de carnaval em homenagem aos ancestrais escravizados.

Consultor / Consultant: Isabel Guillen

According to the folklore expert from Pernambuco, Francisco Augusto Pereira da Costa (1851-1923), the Maracatu was the cultural form that most clearly congregated “African practices and customs” During the second half of the 19th century, the Maracatus, representing royal processions began to appear in carni-

vals through their festive associations. The House of the Tias do Terço (Sinhá, Yayá and Badia), an important “terreiro” (temple) of the Nagô religion, was located in the Pátio do Terço in Recife (PE) D. Santa, an important queen of the Elefante Maracatu, used to visit Badia’s house during the carnival to pay due tribute. In the Pátio do Terço, where the Church of Our Lady of the Rosary is located, there are also presentations of Maracatu groups on the “Noite dos Tambores Silenciosos” (Night of the Silent Drums), which take place every carnival monday as a tribute to slave ancestors.

Referência / Reference:

LIMA, Ivaldo Marciano França. Entre Pernambuco e a África. Histórias do Maracatu Nação do Recife e a espetacularização da cultura popular. *Tese de doutorado*. Universidade Federal Fluminense (UFF). Programa de Pós-Graduação em História. Niterói, 2010.

SAMBA DE RODA – RECÔNCAVO – BA

O Samba de Roda é uma manifestação cultural afro-baiana que reúne música, dança e performance. É no Recôncavo baiano, antiga zona açucareira e de grande concentração de população africana e afrodescendente, que encontramos os mais tradicionais grupos de samba de roda. Seus integrantes, em geral, possuem laços familiares e de convivência cotidiana em espaços de trabalho e moradia. Preservado pelos sambadores e sambadeiras, o samba de roda possui um repertório musical e coreográfico próprio, que conta e canta a trajetória das populações negras na Bahia. Seus ritmos enchem as ruas das cidades e vilas do Recôncavo durante festas religiosas do calendário afro-brasileiro. O samba de roda é parte do patrimônio da cultura imaterial do Brasil, com o reconhecimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Consultor / Consultant: Wlamyra Albuquerque

The Samba de Roda is an Afro-Bahian cultural manifestation that combines music, dance and performance. The most traditional Samba de Roda groups are found in the Bahian Recôncavo region, a former sugar-producing area with a large population of Africans and Afro-descendants. Their members are usually linked by their family ties or daily coexistence in places of work or residence. Preserved by the “sambadores” (male samba practitioners) “sambadeiras” (female samba practitioners), the “samba de roda” has its own musical and choreographic repertoire, which describes the trajectory of negro populations in Bahia through song. Its rhythms fill the streets of the cities and small towns of the Recôncavo region during the religious feasts of the Afro-Brazilian calendar. The “samba de roda” has been recognized as part of Brazil’s intangible cultural heritage by the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN).

Referência / Reference:

Secretaria da Cultura, Governo Federal. Samba de roda do Recôncavo baiano – *Dossiê de Registro do samba de roda do Recôncavo baiano*.: Brasília, 2004. Disponível em: <http://portal.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=723>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

CAPOEIRA – RIO DE JANEIRO / SALVADOR – RJ

Durante o século XIX, no Rio de Janeiro, maltas de capoeiras marcavam a vida de diversos locais da cidade, acompanhavam as procissões, as eleições, faziam-se presentes nas ruas estreitas, nos largos e praças e no cotidiano urbano. Embora pudessem ser encontrados portugueses e brancos pobres na capoeira, 70% dos indivíduos presos por capoeira no início do século XIX eram africanos e, em sua maioria esmagadora, escravos. As mais importantes maltas eram as das freguesias do Santíssimo Sacramento e do Campo de Santana, no centro da cidade. Jogos de combate entre africanos, escravos e negros também são atestados na Salvador oitocentista por artistas como Rugendas e viajantes como Wetherell. Em 1856, este último registra “pretos brigando com suas mãos abertas”, mas sem sérios danos. As marcas da luta eram os saltos, além dos braços e pernas em movimento.

Consultores / *Consultants*: Suzana Barbosa e Matthias Röhrig Assunção

During the 19th century in Rio de Janeiro, “maltas de capoeiras” (institutionalized groups of capoeira – a ritualized form of combat of African origin – practitioners) were a characteristic feature of various places in the city. They accompanied processions and elections and could be seen in the narrow streets and squares and in daily urban life in general. Although Portuguese and poor whites could be found practicing “capoeira”, 70% of the individuals arrested for doing so at the beginning of the 19th century were Africans, an overwhelmingly majority of whom were slaves. The most important “maltas” were those of the parishes of the Sacred Sacrament and Campo de Santana, in the center of the city. Games of combat between Africans, slaves and negroes were also witnessed in nineteenth century Salvador by artists such as Rugendas and travelers like Wetherell. In 1856, the latter records seeing “blacks fighting with open hands” but without causing serious harm. The combat was characterized by leaps as well as movements of the arms and legs.

Referências / *References*:

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2. ed. rev. ampl. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

ABREU, Frederico José de. *Capoeiras. Bahia, século XIX. Imaginário e documentação*. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005.

CONGADO – MG, RJ, SP

A coroação de reis e rainhas negras é uma expressão cultural e devocional dos africanos e seus descendentes que marcou a vida colonial e do Brasil nos séculos XIX e XX. Atualmente, as coroações dos reis congos, conhecidas como Congados, são mais evidentes nas cidades mineiras. A festa da cidade de Ouro Preto, que celebra a história de Chico Rei, acontece no mês de outubro, e é organizada pelas irmandades de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz, herdeiras do patrimônio construído pelos africanos. Diversos elementos dos congados expressam uma identidade católica que se relaciona ainda hoje com tradições centro-africanas.

Consultor / *Consultant*: Fernanda Pires Rubião

The coronation of negro kings and queens is a cultural and devotional expression of Africans and their descendants which marked the life of the colonial period and Brazil in the 19th and 20th centuries. Nowadays, the coronations of Congo kings, known as “congadas”, are mainly found in cities of the state of Minas Gerais. The feast of the city of Ouro Preto, which celebrates the history of Chico Rei, takes place in October and is organized by the brotherhoods of Saint Ephigênia and Our Lady of the Rosary of Alto da Cruz, who have inherited the legacy built by Africans. Various elements of the “congados” express a Catholic identity which to this day still has ties with traditions of central Africa.

Referência / Reference:

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista. História de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

TICUMBI – SÃO MATEUS E CONCEIÇÃO DA BARRA – ES

Também conhecido como baile de congo, o Ticumbi é o mais tradicional folguedo em comemoração a São Benedito. Na região norte do Espírito Santo, os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, mantém há mais de 200 anos a tradição do Ticumbi. Durante os bailes, as danças e encenações remetem à história de reis africanos, dramatizando suas guerras e rememorando as tensões sociais nas lutas pela liberdade. A festa começa dia 30 de dezembro e termina dia 1º de janeiro com uma apresentação em frente à Igreja de São Benedito.

Consultor / Consultant: Adriana Pereira Campos e Sandro Silva

Also known as the “baile do congo”, the Ticumbi is the most traditional Folgado (a popular dance) performed during feasts of Saint Benedict. The municipalities of São Mateus and Conceição da Barra, located in the northern region of Espírito Santo, have maintained the tradition of Ticumbi for over two hundred years. During the balls, the dances and stagings recall the history of African kings, dramatizing their wars and recalling the social tensions involved in their struggles for freedom. The feast begins on December 30 and ends on the 1st of January with a presentation in front of the Church of Saint Benedict.

Referências / References:

NEVES, Guilherme S. - Ticumbi. *Série Cadernos de Folclore nº 12*, Rio, Funarte, 1976.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. 9ª edição. São Paulo: Global, 2000.

JONGO – RJ, SP, MG, ES

Em 2005, o Conselho Consultivo do Instituto Histórico do Patrimônio Artístico e Nacional (IPHAN), aprovou o registro do jongo como patrimônio cultural do Brasil por considerá-lo representante do legado dos povos africanos de língua bantu escravizados no sudeste. Reunido dança em roda, desafios, tambores e fogueira, o jongo é praticado por diversas comunidades de descendentes de

africanos. Na comunidade remanescente de quilombo de São José da Serra (Valença – RJ), realiza-se, nos meses de maio e novembro, um dos mais importantes encontros de jongueiros do sudeste.

Consultor / *Consultant*: Martha Abreu

In 2005, the Consultative Council of the National Historic and Artistic Heritage Institute (IPHAN), recognized the “jongo” (a dance of African origin) as a cultural heritage of Brazil, constituting an important example of the legacy of enslaved African peoples of the “bantu” language in the country’s southeast. Combining round dance, challenges, drums and bonfires the “jongo” is practiced by various communities of descendants of Africans. In the remnant “quilombos” community of São José da Serra (Valença – RJ), one of the most important meetings of “jongueiros” (Jongo performers) of the southeast is realized in the May and October.

Referências / *References*:

LARA, Silvia Hunold & PACHECO, Gustavo (orgs). *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein. Vassouras, 1949*. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT, 2007.

Pontão de Cultura Jongo/Caxambu. História, Memória e Patrimônio. Disponível em: <http://www.pontaojongo.uff.br/historia-memoria-e-patrimonio>. Acesso em: 05 de novembro, 2012.

COORDENAÇÃO DE PESQUISA / ORGANIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO *RESEARCH COORDINATION / ORGANIZATION OF PUBLICATION*

Hebe Mattos é professora titular de História do Brasil do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense e coordenadora do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF), onde desenvolve projetos de pesquisa sobre memória e história da escravidão e do pós-abolição no Brasil, com o apoio de diversas agências de pesquisa, como o CNPq (pesquisadora 1) e FAPERJ (Cientista do Nosso Estado, entre outras linhas de financiamento).

Hebe Mattos is a Full Professor of Brazilian History in the Department of History of the Federal Fluminense University and coordinator of the Oral History and Image Lab (LABHOI/UFF), where she develops research projects on the memory and history of slavery and the post-abolition period in Brazil, with the support of various research funding agencies such as the CNPq (National Council for Scientific and Technological Development (Researcher level 1) and FAPERJ (Rio de Janeiro State Funding Agency) – Scientist of our State, among other research funding lines.

Martha Abreu é professora Associada do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do CNPq e Cientista de Nosso Estado/Faperj. É autora de diversos trabalhos sobre cultura popular, música negra e patrimônio cultural.

Martha Abreu is an Associate Professor in the Department of History and the Post-Graduate Program in History of the Fluminense Federal University, CNPq researcher and Scientist of our State/FAPERJ. She is the author of various studies of popular culture, black music and cultural heritage.

Milton Guran é doutor em Antropologia (EHESS – França, 1996) e mestre em Comunicação Social (UnB, 1991). Autor de *Agudás – os brasileiros do Benim* (Ed. Nova Fronteira, 2000), e de *Linguagem fotográfica e informação* (Ed. Gama Filho, 2002, 3ª ed), dentre outros títulos, e é pesquisador associado ao LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense. Membro do Comitê Científico Internacional do Projeto Rota do Escravo da Unesco.

Milton Guran has a PhD in Anthropology (EHESS – France, 1996) and a Master's Degree in Social Communication (UnB, 1991). He is the author of Agudás – os brasileiros do Benim (Ed. Nova Fronteira, 2000), and Linguagem fotográfica e informação (Ed. Gama Filho, 2002, 3ª ed), amongst other works, and an associate researcher at the LABHOI – Oral History and Image Lab of the Fluminense Federal University. He is also a member of the International Scientific Committee of the UNESCO Slave Route Project.

CONSULTORES / CONSULTANTS

Adriana Pereira Campos é professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Pesquisadora do CNPq. Publicou diversos trabalhos entre eles “Escravidão, reprodução endógena e criouliização: o caso do Espírito Santo no Oitocentos” (Topoi, v.12, 2011) e a organização do livro *Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português* (Vitória-ES/Lisboa: EDUFES/IICT, 2006).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1013756650302841>

Adriana Pereira Campos is an associate professor at the Federal University of Espírito Santo, UFES and a CNPq (National Council for Scientific and Technological Development) researcher. She has published various studies, including “Escravidão, reprodução endógena e criouliização: o caso do Espírito Santo no Oitocentos” (Topoi, v.12, 2011) and organized the book Nas rotas do Império: eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português (Vitória-ES/Lisboa: EDUFES/IICT, 2006).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1013756650302841>

Andréa Ferreira Delgado é professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina. Publicou diversos trabalhos, entre eles: “Museu e memória biográfica: um estudo da Sociedade e Cultura” (Goiânia, v. 8, n.2, 2005).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9688767556206700>

Andréa Ferreira Delgado is an assistant professor at the Federal University of Santa Catarina. She has published various studies, including: “Museu e memória biográfica: um estudo da Sociedade e Cultura” (Goiânia, v. 8, n.2, 2005).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9688767556206700>

Ane Luíse Silva Mecnas Santos é mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é coordenadora de projeto do Centro de Inclusão Social Emília Jesus, professora da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, secretária da Associação Nacional de História – Seção Sergipe e diretora do Museu Galdino Bicho. Publicou diversos trabalhos, entre eles: “Sobre o Divino Manto de Maria: Mulheres africanas na procissão da Boa Morte em São Cristóvão oitocentista” (Histórica [São Paulo. Online], v. 49, 2011).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5086611569752849>

Ane Luíse Silva Mecnas Santos has a master's degree in History from the Federal University of Paraíba (2011). She is currently coordinator of the Emilia Jesus Social Inclusion Center, professor of the State of Sergipe's Education Secretariat, secretary of the National History Association – Sergipe Section and director of the Galdino Bicho Museum. She has published various studies, including: “Sobre o Divino Manto de Maria: Mulheres africanas na procissão da Boa Morte em São Cristóvão oitocentista” (Histórica [São Paulo. Online], v. 49, 2011).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/5086611569752849>

Antônio César Caldas Pinheiro é mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (2003). Atualmente é diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central/PUC Goiás e técnico em documentação histórica da Sociedade Goiana de Cultura.
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4020602915634923>

Antônio César Caldas Pinheiro has a master's degree in History from the Federal University of Goiás (2003). He is currently director of the Brasil Central Historical Research and Studies Institute /Pontifical Catholic University of Goiás, and a technician in historical documentation at the Goiânia Society of Culture. Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/4020602915634923>

Beatriz Gallotti Mamigonian é professora associada II do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do CNPq. Autora de diversos trabalhos, entre eles: “Em Nome da Liberdade: Abolição do Tráfico de Escravos, o Direito e o Ramo Brasileiro do Recrutamento de Africanos (Brasil Caribe Britânico, 1830-1850)”, (*Revista Mundos do Trabalho*, v. 3, 2011) e uma das organizadoras de *História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina* (Florianópolis: Editora da UFSC, 2013).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8943310836584608>

Beatriz Gallotti Mamigonian is an associate professor II in the Federal University of Santa Catarina's History Department and a CNPq researcher. She is the author of various studies, including: “Em Nome da Liberdade: Abolição do Tráfico de Escravos, o Direito e o Ramo Brasileiro do Recrutamento de Africanos (Brasil Caribe Britânico, 1830-1850)”, (Revista Mundos do Trabalho, v. 3, 2011) and one of the organizers of História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis: Editora da UFSC, 2013). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/8943310836584608>

Beatriz Góis Dantas é mestre em Antropologia Social pela UNICAMP é pesquisadora, escritora e professora emérita da UFS. Publicou, entre outros trabalhos: *Vovó nagô e papai branco* (Rio de Janeiro: Graal, 1988).

Beatriz Góis Dantas has a master's degree in Social Anthropology from the University of Campinas and is a researcher, writer and emeritus professor of the Federal University of Sergipe. She has published various studies, including: Vovó nagô e papai branco (Rio de Janeiro: Graal, 1988).

Beatriz Loner foi professora associada da Universidade Federal de Pelotas, atualmente estando aposentada. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*, (Pelotas: Ed. Universitária, 2001) e co-autora “Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas” (*Estudos Ibero-Americanos* [PUCRS. Impresso], v. 35, 2009).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0738629122633840>

Beatriz Loner was formerly an associate professor at the Federal University of Pelotas and is now retired. She has published various studies, including: Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande

(1888-1930), (*Pelotas: Ed. Universitária, 2001*) and co-authored “*Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas*” (*Estudos Ibero-Americanos [PUCRS. Impresso], v. 35, 2009*).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/0738629122633840>

Camilla Agostini é arqueóloga e pós-doutoranda no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Publicou diversos trabalhos, entre eles é organizadora e uma das autoras de *Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6716606894732728>

Camilla Agostini is an archaeologist and post-doctoral student in Federal Fluminense University's History Department. She has published various studies and is the organizer and one of the authors of *Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado* (Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/6716606894732728>

Carolina Martins é graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (2013) e graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2009). Atualmente é mestranda em História da Universidade Federal Fluminense.
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5466532892615835>

Carolina Martins has a bachelor's degree in History from Federal Fluminense University (2013) and a bachelor's degree in Philosophy from the Federal University of Maranhão (2009). She is currently studying for a Master's Degree in History at Federal Fluminense University.
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/5466532892615835>

Cláudia Damasceno Fonseca é professora da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 e pesquisadora do CREDA (Centre de Recherches et de Documentation des Amériques). É autora de *Arraiais e vilas del Rei. Espaço e poder nas Minas setecentistas* (Ed. UFMG, 2011).

Cláudia Damasceno Fonseca is a professor at the Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 and a researcher at CREDA (Centre de Recherches et de Documentation des Amériques). She is the author of *Arraiais e vilas del Rei. Espaço e poder nas Minas setecentistas* (Ed. UFMG, 2011).

Cláudio Honorato é mestre em História Social Moderna pela Universidade Federal Fluminense (2008). Professor de História da África da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Duque de Caxias - FFCLDC/FEUDUC. Diretor de pesquisa Histórica do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - IPN. Autor de “O mercado do Valongo e o comércio de Africanos - RJ (1758 – 1831)”. In: Mariza de Cavallo Soares e Nielson Rosa Bezerra. (Org.). *Escravidão Africana no Recôncavo da Guanabara (Séculos XVII - XIX)*. (Niterói: EDUFF - Editora da UFF, 2011).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6916991582465063>

Cláudio Honorato has a master's degree in Modern Social History from Federal Fluminense University

(2008). *He is a professor of African History at the Duque de Caxias University of Philosophy, Science and Letters FFCLDC/FEUDUC and Director of Historical Research at the Pretos Novos Institute of Research and Memory - IPN. He is the author of "O mercado do Valongo e o comércio de Africanos - RJ (1758 - 1831)". In: Mariza de Cavalo Soares e Nielson Rosa Bezerra. (Org.). Escravidão Africana no Recôncavo da Guanabara (Séculos XVII - XIX). (Niterói: EDUFF - Editora da UFF, 2011).*

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/6916991582465063>

Cristina Wissenbach é professora do Departamento de História FFLCH / USP. Pesquisadora do CNPq. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Sonhos africanos, vivências ladinas. Escravos e forros em São Paulo (1850-1880)*, (São Paulo: HUCITEC, 2009).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0482641180722186>

Cristina Wissenbach is a professor in the History Department of the University of São Paulo and a CNPq researcher. She has published various studies, including: Sonhos africanos, vivências ladinas. Escravos e forros em São Paulo (1850-1880), (São Paulo: HUCITEC, 2009).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/0482641180722186>

Daniela Yabeta é mestre em História das Instituições pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO-2009). Atualmente doutoranda em História da Universidade Federal Fluminense (UFF-2010). Co-autora de “Memória, cidadania e direitos de comunidades remanescentes (em torno de um documento da história dos quilombolas da Marambaia)”, (*Afro-Ásia*, v. 47, 2013).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5470472472078915>

Daniela Yabeta has a master's degree in the History of Institutions from the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO-2009). She is currently a doctoral student in History at Federal Fluminense University (UFF-2010). She is co-author of "Memória, cidadania e direitos de comunidades remanescentes (em torno de um documento da história dos quilombolas da Marambaia)", (Afro-Ásia, v. 47, 2013).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/5470472472078915>

Denise Vieira Demétrio é doutora em História pela Universidade Federal Fluminense Atualmente é professora do curso de pós-graduação Lato Sensu em História do Brasil Colonial da Faculdade São Bento do Rio de Janeiro. Publicou diversos trabalhos, entre eles: “A família escrava em Jacutinga, 1686-1721”. In: Mariza de Carvalho Soares; Nielson Rosa Bezerra. (Org.). *Escravidão Africana no Recôncavo da Guanabara*. (Niterói: EdUFF, 2011).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9749753725443397>

Denise Vieira Demétrio has a doctorate in History from Federal Fluminense University. She is currently a professor of the lato sensu post-graduate course in the History of Brazil at the São Bento do Rio de Janeiro University. She has published various studies, including "A família escrava em Jacutinga, 1686-1721". In: Mariza de Carvalho Soares; Nielson Rosa Bezerra. (Org.). Escravidão Africana no Recôncavo da Guanabara. (Niterói: EdUFF, 2011).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9749753725443397>

Eline Cypriano é graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (2013).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2868518158919902>

*Eline Cypriano has a bachelor's degree in History from Federal Fluminense University (2013).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/2868518158919902>*

Enidelce Bertin é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (2006). Atualmente leciona na Universidade Nove de Julho. Publicou entre outros trabalhos: *Os meias-caras. Africanos livres em São Paulo no século XIX* (Salto, SP: Schoba, 2013) e *Alforrias na São Paulo do Século XIX: liberdade e dominação* (São Paulo: Humanitas, 2004).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4031640029516694>

*Enidelce Bertin has a doctorate in Social History from the University of São Paulo (2006). She is currently teaching at Nove de Julho University. She has published various studies, including: Os meias-caras. Africanos livres em São Paulo no século XIX (Salto, SP: Schoba, 2013) e Alforrias na São Paulo do Século XIX: liberdade e dominação (São Paulo: Humanitas, 2004).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/4031640029516694>*

Fábia Barbosa Ribeiro é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (2010). Atualmente é pesquisadora da UNIFESP, realizando pós-doutorado na USP e investigadora associada ao Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Caminho da piedade, caminhos de devoção: as irmandades de pretos no Vale do Paraíba paulista – século XIX* (São Paulo: Alameda Editorial/FAPESP, 2013).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2055857582251511>

*Fábia Barbosa Ribeiro has doctorate in Social History from the University of São Paulo (2010). She is currently a researcher at UNIFESP, post-doctoral student at the University of São Paulo and a researcher associated with the Center for African Studies of Eduardo Mondlane University in Mozambique. She has published various studies, including: Caminho da piedade, caminhos de devoção: as irmandades de pretos no Vale do Paraíba paulista – século XIX (São Paulo: Alameda Editorial/FAPESP, 2013).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/2055857582251511>*

Fabiane Popinigis é professora adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É autora, entre outros trabalhos: *Proletários de casaca – empregados no comércio carioca (1850-1911)*, (ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9405954571177231>

*Fabiane Popinigis is an assistant professor at the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). She is the author of various studies, including: Proletários de casaca – empregados no comércio carioca (1850-1911) (ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9405954571177231>*

Fernanda Pires Rubião é mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (2010). É doutoranda em História pela mesma Universidade. Publicou, entre outros trabalhos: “A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica entre os anos de 1950 aos dias atuais” (In: *Religião, Cultura e Política no Brasil: Perspectivas Históricas*. São Paulo: UNICAMP, 2012) e “As lutas políticas dos congadeiros de Oliveira-MG (1950-2009)”, (*Espacialidades*, v. 6, 2013). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9830894282642746>

Fernanda Pires Rubião has a master's degree in History from Federal Fluminense University (2010). She is currently a doctoral student in History at the same university. She has published various studies, including: "A relação dos congadeiros com representantes da Igreja Católica entre os anos de 1950 aos dias atuais" (In: Religião, Cultura e Política no Brasil: Perspectivas Históricas. São Paulo: UNICAMP, 2012) and "As lutas políticas dos congadeiros de Oliveira-MG (1950-2009)", (Espacialidades, v. 6, 2013). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9830894282642746>

Hebe Mattos é professora titular da Universidade Federal Fluminense e atualmente é professora visitante na Columbia University (Cátedra Ruth Cardoso, 2013-2014). Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Das Cores do Silêncio. Os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, Séc. XIX* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998) e co-autora do *Memórias do Cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2719300158070968>

Hebe Mattos is a full professor at Federal Fluminense University and currently visiting professor at Columbia University (Ruth Cardoso Chair, 2013-2014). She has published various studies, including: Das Cores do Silêncio. Os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, Séc. XIX (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998) and co-author of Memórias do Cativo: Família, trabalho e cidadania no pós-abolição (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/2719300158070968>

Henrique Espada Lima é professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq e pesquisador associado do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (CECULT-UNICAMP). Publicou diversos trabalhos, entre eles: “Trabalho e lei para os libertos na Ilha de Santa Catarina no século XIX: arranjos e contratos entre a autonomia e a domesticidade” (*Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (UNICAMP), v. 14, 2009). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4683812161044022>

Henrique Espada Lima is a professor in the History Department of the Federal University of Santa Catarina, a CNPq researcher and researcher at the Center for Research in the Social History of Culture (CECULT-UNICAMP). He has published various studies, including "Trabalho e lei para os libertos na Ilha de Santa Catarina no século XIX: arranjos e contratos entre a autonomia e a domesticidade" (Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), v. 14, 2009). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/4683812161044022>

Isabel Guillen é professora associada da Universidade Federal de Pernambuco. Publicou diversos trabalhos, entre eles é co-autora de *Cultura afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós* (Recife: Bagaço, 2007).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8822901286294537>

Isabel Guillen is an assistant professor at the Federal University of Pernambuco. She has published various studies and is co-author of Cultura afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós (Recife: Bagaço, 2007).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/8822901286294537>

Jaime Rodrigues é professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Publicou, entre outros trabalhos: *De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*, (São Paulo: Cia. das Letras, 2005) e *O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*, (Campinas: Editora da Unicamp / CECULT, 2000).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1528186404909984>

Jaime Rodrigues is an assistant professor in the History Department of the Federal University of São Paulo (UNIFESP). He has published various studies, including: De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860), (São Paulo: Cia. das Letras, 2005) and O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850), (Campinas: Editora da Unicamp / CECULT, 2000).

Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1528186404909984>

João José Reis é professor titular do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Pesquisador do CNPq. Publicou diversos trabalhos, entre eles é co-autor de *O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro* (São Paulo: Companhia das Letras, 2010) e *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1969687480215585>

João José Reis is a full professor in the History Department of the Federal University of Bahia and a CNPq researcher. He has published various studies and is co-author of O Alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (São Paulo: Companhia das Letras, 2010) and Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX (São Paulo: Companhia das Letras, 2008).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1969687480215585>

Juciene Apolinário é professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande. É coordenadora geral do projeto histórico-documental de âmbito nacional, Catálogo Geral de Documentos de História Indígena e Escravidão Negra no Brasil. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias* (Goiânia: KELPS, 2000).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6938937338148950>

Juciene Apolinário is an assistant professor at the Federal University of Campina Grande. She is general coordinator of the nation wide historical and documental project entitled General Catalogue of Documents of Indigenous History and Negro Slavery in Brazil. She has published various studies, including: Escravidão Negra no Tocantins Colonial: vivências escravistas em Arraias (Goiânia: KELPS, 2000). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/6938937338148950>

Keila Grinberg é professora associada do Departamento de História da UNIRIO. Pesquisadora do CNPq. Entre seus principais livros estão *Liberata: a lei da ambiguidade* (RJ, Relume Dumará, 1994), *O Fiador dos Brasileiros: escravidão, cidadania e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças* (RJ, Civilização Brasileira, 2002) e *Slavery, Freedom and the Law in the Americas*, com Sue Peabody (Boston / NY, Bedford Books, 2007), e a organização da coleção *Brasil Imperial* (RJ, Civilização Brasileira, 2009), com Ricardo Salles. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043294734454422>

Keila Grinberg is an associate professor in the History Department of the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO) and a CNPq researcher. Her main books include: Liberata: a lei da ambiguidade (RJ, Relume Dumará, 1994), O Fiador dos Brasileiros: escravidão, cidadania e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças (RJ, Civilização Brasileira, 2002) and Slavery, Freedom and the Law in the Americas, with Sue Peabody (Boston / NY, Bedford Books, 2007), and organized the collection entitled Brasil Imperial (RJ, Civilização Brasileira, 2009), with Ricardo Salles. Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9043294734454422>

Lisa Earl Castillo é pós-doutorada em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora da Fapesp. Publicou diversos trabalhos, entre eles: “O terreiro do Alaketu e seus fundadores: História e genealogia familiar, 1807-1867” (*Afro-Ásia*, v. 43, 2011) e *Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia* (Salvador: Edufba, 2008). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4174757211474558>

Lisa Earl Castillo has a post-doctorate Degree in Letters from the Federal University of Bahia and is a Fapesp researcher. She has published various studies, including: “O terreiro do Alaketu e seus fundadores: História e genealogia familiar, 1807-1867” (Afro-Ásia, v. 43, 2011) and Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia (Salvador: Edufba, 2008). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/4174757211474558>

Lívia Nascimento Monteiro é mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Atualmente é doutoranda em História na Universidade Federal Fluminense. Atua como professora-tutora do curso de História da UNIRIO, modalidade à distância. Publicou diversos trabalhos, entre eles é co-autora de “Uma posição que se afirma e se respeita no real serviço de Sua Majestade: os militares em Minas Gerais (1718-1759)”, (*Navigator* [RJ]), v. 10, 2009). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0668067809335427>

Livia Nascimento Monteiro has a master's degree in Social History from the Federal University of Rio de Janeiro – UFRJ. She is currently a doctoral student in History at Federal Fluminense University. She is a professor-tutor of the distance History course at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). She has published various studies and is co-author of “Uma posição que se afirma e se respeita no real serviço de Sua Majestade: os militares em Minas Gerais (1718-1759)”, (Navigator [RJ], v. 10, 2009). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/0668067809335427>

Luis Nicolau Parés é professor adjunto no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Pesquisador do CNPq. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *A formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia* (Unicamp, 2007) e “O processo de criouliização no Recôncavo baiano (1750-1800)”, (*Afro-Ásia* [UFBA], v. 33, 2005). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1081765950156079>

Luis Nicolau Parés is an assistant professor in the Anthropology Department of the Federal University of Bahia and CNPq researcher. He has published various studies, including: A formação do Candomblé: história e ritual da nação Jeje na Bahia (Unicamp, 2007) and “O processo de criouliização no Recôncavo baiano (1750-1800)”, (Afro-Ásia [UFBA], v. 33, 2005). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1081765950156079>

Luiz Geraldo Silva é professor visitante da Universidad Pablo de Olavide de Sevilla e da Universidad de Murcia. Professor associado do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Pesquisador do CNPq. É autor de *A Faina, a Festa e o Rito – Uma Etnografia Histórica das Gentes do Mar sécs. XVII ao XIX* (Campinas, Papirus, 2001) e “Religião e identidade étnica. Africanos, crioulos e irmandades na América portuguesa” (*Cahiers des Amériques Latines*, Paris, v. 44, n.3, 2003). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9210664785991199>

Luiz Geraldo Silva is a visiting professor at the Universidad Pablo de Olavide de Sevilla and the Universidad de Murcia, and an associate professor in the History Department of the Federal University of Paraná. CNPq researcher. Is the author of A Faina, a Festa e o Rito – Uma Etnografia Histórica das Gentes do Mar sécs. XVII ao XIX (Campinas, Papirus, 2001) and “Religião e identidade étnica. Africanos, crioulos e irmandades na América portuguesa” (Cahiers des Amériques Latines, Paris, v. 44, n.3, 2003). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9210664785991199>

Magno Francisco de Jesus Santos é mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é doutorando em História na Universidade Federal Fluminense e professor da Faculdade Pio Décimo. Publicou diversos trabalhos, entre eles: “Irmandades Negras de Sergipe: territórios de memória da diáspora atlântica” (*Revista História* [Rio de Janeiro], v. 4, 2013). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9046069221784194>

Magno Francisco de Jesus Santos has a master's degree in Education from the Federal University of Sergipe. He is currently a doctoral student in History at Fluminense Federal University and professor at Pio

Décimo University. He has published various studies, including: "Irmandades Negras de Sergipe: territórios de memória da diáspora atlântica" (Revista História [Rio de Janeiro], v. 4, 2013).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9046069221784194>

Marcio Soares é professor adjunto do Departamento de História do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (ESR/UFF). Pesquisador do CNPq. Publicou diversos trabalhos, entre eles *A Remissão do Cativo: a dívida da alforria e o governo dos escravos nos Campos dos Goytacazes, c. 1750 - c. 1830*. (Rio de Janeiro: Apicuri, 2009).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7387083373718425>

Marcio Soares is an assistant professor in the History Department of the Institute of Sciences of Society and Regional Development of Federal Fluminense University (ESR/UFF). CNPq researcher. He has published various studies, including A Remissão do Cativo: a dívida da alforria e o governo dos escravos nos Campos dos Goytacazes, c. 1750 - c. 1830. (Rio de Janeiro: Apicuri, 2009).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/7387083373718425>

Marcus Carvalho é professor titular de História da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do CNPQ. Publicou diversos trabalhos, entre eles *Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo*, (Recife: Editora da UFPE, 1998) e é co-autor de *O Alufá Rufino: Tráfico, Escravidão e Liberdade no Atlântico Negro (c. 1822 – c. 1853)*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2010).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3129308742912649>

Marcus Carvalho is a full professor of History at the Federal University of Pernambuco and a CNPQ researcher. He has published various studies, including Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo, (Recife: Editora da UFPE, 1998) and co-author of O Alufá Rufino: Tráfico, Escravidão e Liberdade no Atlântico Negro (c. 1822 – c. 1853), (São Paulo: Companhia das Letras, 2010).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/3129308742912649>

Maria do Carmo de Oliveira Russo é doutora em História Social pela USP. Autora da tese *A escravidão em São Mateus/ES: economia e demografia (1848-1888)*, (USP, 2011).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4580163322041744>

Maria do Carmo de Oliveira Russo has a doctorate in Social History from the University of São Paulo. She is the author of the thesis A escravidão em São Mateus/ES: economia e demografia (1848-1888), (USP, 2011).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/4580163322041744>

Maria Helena Pereira Toledo Machado é professora titular no Departamento de História da USP. Publicou, entre outros trabalhos: *O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição* (ed. São Paulo: EDUSP, 2010) e *Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas 1830-1888* (ed. São Paulo: Brasiliense, 1987).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2466501217380597>

Maria Helena Pereira Toledo Machado is a full professor in the History Department of the University of São Paulo. She has published various studies, including: O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição (ed. São Paulo: EDUSP, 2010) and Crime e escravidão: trabalho, luta e resistência nas lavouras paulistas 1830-1888 (ed. São Paulo: Brasiliense, 1987). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/2466501217380597>

Mariza de Carvalho Soares é professora do PPGH da UFF. Pesquisadora do CNPq e pesquisadora, colaboradora e curadora da coleção etnográfica africana do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XVIII)*, (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000) e organizadora do *Rotas Atlânticas da Diáspora Africana: da baía do Benim ao Rio de Janeiro* (Niterói: Editora da UFF, 2007). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1509168353330526>

Mariza de Carvalho Soares is a professor of the Federal Fluminense University's Post-Graduate History Program. She is a CNPq researcher and researcher, collaborator and curator of the African ethnographic collection at Rio de Janeiro's National Museum. She has published various studies, including: Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro (século XVIII), (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000) and organized Rotas Atlânticas da Diáspora Africana: da baía do Benim ao Rio de Janeiro (Niterói: Editora da UFF, 2007). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1509168353330526>

Martha Abreu é professora associada da Universidade Federal Fluminense nas áreas de História do Brasil e História da América. Atualmente é consultora do Museu de Arte Popular Casa do Pontal e do Pontão de Cultura do Jongo e pesquisadora do CNPq. Publicou, entre outros trabalhos: *O Império do Divino, Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999) e co-autora de *Passados Presentes* (Niterói: EDUFF, 2012). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0437999126739133>

Martha Abreu is an associate professor at Federal Fluminense University in the areas of the History of Brazil, and History of America. She is also consultant to the Casa do Pontal Museum of Popular Art and the Pontão de Cultura do Jongo and a CNPq researcher. She has published various studies, including: O Império do Divino, Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900 (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999) and co-author of Passados Presentes (Niterói: EDUFF, 2012). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/0437999126739133>

Matthias Röhrig Assunção é professor do Departamento de História da Universidade de Essex – Inglaterra e professor visitante da UFF. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Capoeira. The History of an Afro-Brazilian Martial Art* (London: Routledge, 2005). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3542429250701710>

Matthias Röhrig Assunção is a professor in the History Department of the University of Essex – England and visiting professor at UFF. He has published various studies, including: Capoeira. The

History of an Afro-Brazilian Martial Art (London: Routledge, 2005).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/3542429250701710>

Nilma Teixeira Accioli é historiadora e museóloga, doutoranda em História Comparada (UFRJ). É autora do livro *José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio* (Niterói: Edições Museu do Ingá, 2012) e realizou o documentário “Ibiri, tua boca fala por nós” (2009). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1849036224557639>

Nilma Teixeira Accioli is a historian and museologist, and a doctoral student in Comparative History (UFRJ). She is author of the book José Gonçalves da Silva à Nação Brasileira: o tráfico ilegal de escravos no antigo Cabo Frio (Niterói: Edições Museu do Ingá, 2012) and documentary “Ibiri, tua boca fala por nós” (2009).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1849036224557639>

Paulo Roberto Staudt Moreira é professor adjunto da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Pesquisador do CNPq. Publicou, entre outros trabalhos: *Os cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano* (EST, 2003) e *Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade* (Editora da UFRGS, 2004, em co-autoria). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7416066730700319>

Paulo Roberto Staudt Moreira is an assistant professor at the University of Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) and a CNPq researcher. He has published various studies, including: Os cativos e os homens de bem: experiências negras no espaço urbano (EST, 2003) and Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade (Editora da UFRGS, 2004, in co-authorship).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/7416066730700319>

Rafael Soares Oliveira é doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2005). Publicou, entre outros trabalhos: *Candomblé: diálogo fraternos contra a intolerância religiosa* (Rio de Janeiro: DP&A editora; KOINONIA, 2003). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6240990574994424>

Rafael Soares Oliveira has a doctorate in Social Sciences from the Federal University of Bahia (2005). He has published various studies, including: Candomblé: diálogo fraternos contra a intolerância religiosa (Rio de Janeiro: DP&A editora; KOINONIA, 2003).
Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/6240990574994424>

Rodrigo de Azevedo Weimer é doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2013). Publicou, entre outros trabalhos: *Os nomes da liberdade. Ex-escravos na serra gaúcha no pós-abolição* (São Leopoldo: Oikos / Editora Unisinos, 2008) e co-autor de *Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade* (Editora da UFRGS, 2004). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4040517638433590>

Rodrigo de Azevedo Weimer has a doctorate in History from Federal Fluminense University (2013). He has published various studies, including: Os nomes da liberdade. Ex-escravos na serra gaúcha no pós-abolição (São Leopoldo: Oikos / Editora Unisinos, 2008) and co-author of Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade (Editora da UFRGS, 2004). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/4040517638433590>

Sandro Silva é professor na Universidade Federal do Espírito Santo. Publicou entre outros trabalhos: “Quilombolas no Espírito Santo: identidade e territorialidade” (*Revista de História* [UFES], Vitória, v. 18, 2006). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9873497099288005>

Sandro Silva is a professor at the Federal University of Espírito Santo. He has published various studies, including: “Quilombolas no Espírito Santo: identidade e territorialidade” (Revista de História [UFES], Vitória, v. 18, 2006). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9873497099288005>

Sarah Calvi Amaral Silva é mestre (2010) e doutoranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicou entre outros trabalhos: “Uma nova perspectiva de ensino da história do Rio Grande do Sul: do mito do gaúcho e da imigração europeia à escravidão africana”. (*Ágora* [UNISC. Online], v. 15, 2009). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9145607194581022>

Sarah Calvi Amaral Silva has master's degree in History from the Federal University of Rio Grande do Sul (2010) and is currently a doctoral student in history at the same university. She has published various studies, including: “Uma nova perspectiva de ensino da história do Rio Grande do Sul: do mito do gaúcho e da imigração europeia à escravidão africana”. (Ágora [UNISC. Online], v. 15, 2009). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/9145607194581022>

Silvia Brügger é professora associada da Universidade Federal de São João Del-Rei. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *Minas patriarcal: família e sociedade* (São João del Rei -Séculos XVIII e XIX), (São Paulo: ANNABLUME, 2007). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1063769816210251>

Silvia Brügger is an associate professor at the Federal University of São João Del-Rei. She has published various studies, including: Minas patriarcal: família e sociedade (São João del Rei -Séculos XVIII e XIX), (São Paulo: ANNABLUME, 2007). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1063769816210251>

Suzana Barbosa é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Atualmente é mestranda em História na Universidade Federal Fluminense. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1970022418926922>

Suzana Barbosa has a bachelor's degree in Social Communication from the Federal University of Rio de Janeiro (2008). She is currently a master's student in History at Federal Fluminense University. Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/1970022418926922>

Thiago Campos é mestre em História pela UFF (2010). Atualmente doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor da rede pública de ensino do Rio de Janeiro. Publicou diversos trabalhos, entre eles: “O comércio negreiro na clandestinidade: as fazendas de recepção de africanos da família Souza Breves e seus cativos.” (*Afro-Ásia*, v. 47, 2013). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3845380921843358>

Thiago Campos has a master's degree in History from Federal Fluminense University. He is currently a doctoral student in Social History at the same university. He is a public school teacher in Rio de Janeiro. He has published various studies, including: “O comércio negreiro na clandestinidade: as fazendas de recepção de africanos da família Souza Breves e seus cativos.” (Afro-Ásia, v. 47, 2013). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/3845380921843358>

Vanessa Gonçalves é graduada em História pela Universidade Federal Fluminense (2013). Atualmente é mestranda em História na UFF. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2514088171843604>

Vanessa Gonçalves has a bachelor's degree in History from Federal Fluminense University (2013). She is currently a master's student in History at the same university. Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/2514088171843604>

Vinícius Pereira de Oliveira é mestre em História pela UNISINOS (2005). Atualmente é doutorando em História na UFRGS. Publicou, entre outros trabalhos: *De Manoel Congo a Manoel de Paula: um africano ladino em terras meridionais* (Porto Alegre/RS: EST Edições, 2006). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3431926935198063>

Vinícius Pereira de Oliveira has a master's degree in History from the Federal University of the Vale dos Sinos (2005). He is currently a doctoral student in History at the Federal University of Rio Grande do Sul. He has published various studies, including: De Manoel Congo a Manoel de Paula: um africano ladino em terras meridionais (Porto Alegre/RS: EST Edições, 2006). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/3431926935198063>

Vitor Hugo Cardoso é mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Desenvolve e conduz roteiros históricos junto ao programa de Educação Patrimonial “SantaAfroCatarina”. Atualmente trabalha com educação a distância na Universidade Aberta do Brasil (UAB). Publicou, entre outros trabalhos: “O comércio de escravos para a capitania de Santa Catarina (1815-1826): Notas preliminares” (*Revista Santa Catarina em História*, v. 1, 2010). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6986916974381652>

Vitor Hugo Cardoso has a master's Degree in History from the Federal University of Santa Catarina. He prepares and guides tours of historic sites under the auspices of the "SantaAfroCatarina" Cultural Heritage Education program. He is also currently working in distance education at the Open University of Brazil (UAB). He has published various studies, including: "O comércio de escravos para a capitania de Santa Catarina (1815-1826): Notas preliminares" (Revista Santa Catarina em História, v. 1, 2010). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/6986916974381652>

Wlamyra Albuquerque é professora adjunta da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora do CNPq. Publicou diversos trabalhos, entre eles: *O Jogo da Dissimulação- abolição e cidadania negra no Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2009) e é co-autora de *Uma História do Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Ministério da Cultura – Fundação Palmares; Salvador: CEAO, 2006). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2359566367659802>

Wlamyra Albuquerque is an assistant professor at the Federal University of Bahia. CNPq researcher. She has published various studies, including: O Jogo da Dissimulação- abolição e cidadania negra no Brasil (São Paulo: Companhia das Letras, 2009) and is co-author of Uma História do Negro no Brasil (Rio de Janeiro: Ministério da Cultura-Fundação Palmares; Salvador: CEAO, 2006). Lattes resumé: <http://lattes.cnpq.br/2359566367659802>

SUMÁRIO/ SUMMARY

Lugares de memória: inscrever a história do tráfico negreiro e da escravidão na geografia	5
Apresentação	11
PORTOS DE CHEGADA, LOCAIS DE QUARENTENA E VENDA / <i>PORTS OF ARRIVAL, PLACES OF QUARANTINE AND SALE</i>	13
Cais do Valongo – Rio de Janeiro – RJ	14
Cafua das Mercês – São Luís – MA	14
Rua do Bom Jesus (antiga Rua dos Judeus) – Recife – PE	15
Cais da Cidade Baixa – Salvador – BA	15
Porto de São Mateus – São Mateus – ES	16
Cemitério dos Pretos Novos – Rio de Janeiro – RJ	16
Lazareto da Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	17
Mercado do Valongo – Rio de Janeiro – RJ	18
Porto de Jaguarão – Jaguarão – RS	18
DESEMBARQUE ILEGAL / <i>ILLEGAL DISEMBARKATION</i>	21
Ilha de Itamaracá – Itamaracá – PE	22
Barra de Catuama – Goiania – PE	22
Praia de Porto de Galinhas – Ipojuca – PE	23
Baía de Camamu – Camamu – BA	24
Ilha de Itaparica – Pontinha/Vera Cruz – BA	24
Praia de Manguinhos e Buena – São Francisco de Itabapoana – RJ	25
Praia de José Gonçalves e Praia Rasa – Armação de Búzios – RJ	25
Catedral do Santíssimo – Campos dos Goytacazes – RJ	26
Ilha da Marambaia – Mangaratiba – RJ	27

Bracuí – Angra dos Reis – RJ	28
Sítio Arqueológico São Francisco – São Sebastião – SP	28
Ilha do Bom Abrigo – Cananéia – SP	29
Fortaleza da Ilha do Mel – Paranaguá – PR	30
Ilha do Campeche e Armação da Lagoinha – Florianópolis – SC	31
Praia do Barco (Capão Alto ou Capão da Negrada) – Capão da Canoa – RS	31
CASAS, TERREIROS E CANDOMBLÉS / <i>CANDOMBLÉ HOUSES AND TEMPLES</i>	35
Terreiro do Gantois – Ilê Iyá Omi Axé Iyamasse – Salvador – BA	36
Casa das Minas – Kwerebentan to Zomadonu – São Luís – MA	36
Terreiro do Pai Adão – Ilê Obá Ogunté – Recife – PE	37
Casa de Tio Herculano – Laranjeiras – SE	38
Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho – Ilê Axé Iyá Nassô Oká – Salvador – BA	38
Terreiro do Alaketu – Ilê Maroiá Laji – Salvador – BA	39
Terreiro do Bogum – Zoogodô Bogum Malê Hundó – Salvador – BA	40
Roça do Ventura – Terreiro Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé – Cachoeira – BA	40
Candomblé do Capivari – São Félix – BA	41
Ilê Axé Opô Afonjá – Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ)	41
Pedra do Sal – Rio de Janeiro – RJ	42
IGREJAS E IRMANDADES / <i>CHURCHES AND BROTHERHOODS</i>	45
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Recife – PE	46
Igreja e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Olinda – PE	46
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Igarassu – Igarassu – PE	47
Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Lagarto – SE	47
Igreja de Nossa Senhora dos Pretos – Laranjeiras – SE	48

Igreja do Rosário dos Homens Pretos de São Cristóvão – SE	48
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – Pelourinho – Salvador – BA	49
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Rua João Pereira – Salvador – BA	50
Igreja do Rosário dos Homens Pretos de Cachoeira – Cachoeira – BA	50
Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Santo Amaro – Santo Amaro – BA	51
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Diamantina – Diamantina – MG	51
Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Mariana – Mariana – MG	51
Igreja de Nossa Senhora do Rosário de São João del Rei – São João Del Rei – MG	52
Igreja de Santa Efigênia ou de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz – Ouro Preto – MG	53
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Santa Luzia – Luziânia – GO	53
Igreja de São Elesbão e Santa Efigênia – Rio de Janeiro – RJ	54
Igreja do Rosário e São Benedito – Rio de Janeiro – RJ	54
Igreja de Nossa Senhora dos Pretos de Taubaté – Taubaté – SP	55
Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo – São Paulo – SP	56
Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito – Florianópolis – SC	56
TRABALHO E COTIDIANO / <i>WORK AND DAILY LIFE</i>	59
Beco Catarina de Mina – São Luís – MA	60
Praça do Pelourinho de Alcântara – Alcântara – MA	60
Árvore Baobá – Nísia Floresta – RN	61
Mercado da Praça da Preguiça – Salvador – BA	61
Ruínas da Senzala do Engenho da Freguesia – Candeias – BA	62
Ruínas da Senzala do Engenho Vitória – Cachoeira – BA	62
Mina de Ouro do Chico Rei – Ouro Preto – MG	63
Sítio Arqueológico do Morro de Santana – Mariana – MG	64

Senzala da fazenda Santa Clara – Santa Rita de Jacutinga – MG	64
Chapada dos Negros – Arraias – TO	65
Caminho do Ouro – Paraty – RJ	65
Fazenda dos Beneditinos – Duque de Caxias – RJ	66
Fazenda Lordelo – Sapucaia – RJ	67
Senzala da Fazenda Machadinha – Quissamã – RJ	67
Zungú – Rio de Janeiro – RJ	68
Estrada Velha de São Paulo – Santos – SP	69
Floresta Nacional de Ipanema (Real Fábrica de Ferro) – Iperó – SP	70
Praça da Liberdade (antigo Largo da Forca) São Paulo – SP	70
Comunidade Quilombola Guajuvira – Cariúva – PR	71
Invernada Paiol da Telha – Guarapuava – PR	72
Porto de Desterro e Mercado Público – Florianópolis – SC	72
Capela de Sant’Anna – Florianópolis – SC	73
Fazenda da Tapera da Barra do Sul – Florianópolis – SC	74
Sítio das Charqueadas – Pelotas – RS	74
REVOLTAS E QUILOMBOS / <i>REVOLTS AND QUILOMBOS</i>	77
Largo do Pelourinho – Salvador – BA	78
Negro Cosme / Balaçada – Vale do Itapecuru – MA	78
Quilombo do Catucá / Malunguinho – Recife – PE	79
Quilombo dos Palmares – União de Palmares – AL	79
Quilombo do Buraco do Tatu – Salvador – BA	80
Engenho Santana – Ilhéus – BA	81
Bairro de Itapuá – Salvador – BA	82

Ladeira da Praça – Salvador – BA	82
Campo da Pólvora – Salvador – BA	83
Carrancas – Cruzília – MG	83
Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga – Cavalcanti, Monte Alegre e Terezina – GO	84
Manoel Congo – Vassouras / Paty do Alferes – RJ	85
Quilombo Maria Conga – Magé – RJ	85
PATRIMÔNIO IMATERIAL / INTANGIBLE HERITAGE	89
Comunidades remanescentes de quilombo	90
Tambor de Crioula – MA	90
Maracatu – Recife – PE	91
Samba de Roda – Recôncavo – BA	92
Capoeira – Rio de Janeiro / Salvador – RJ	93
Congado – MG, RJ, SP	93
Ticumbi – São Mateus e Conceição da Barra – ES	94
Jongo – RJ, SP, MG, ES	94
Coordenação de Pesquisa / Organização da Publicação <i>Research Coordination / Organization of Publication</i>	96
Consultores / <i>Consultants</i>	97

Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil

Coordenação Editorial / Editorial Coordination

Milton Guran

Design

Mel Guerra

Preparação dos Originais / Manuscript Preparation

Thaís Rocha

Tradução / Translation

Eric Letthbridge

Impressão / Printing

Sol Gráfica

Tiragem / Issue

2.000 exemplares /copies

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

Inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil / Hebe Mattos, Martha Abreu e Milton Guran (org.). – Niterói: PPGH-UFF, 2014.
120 p. ; il.

ISBN 978-856373

Livro bilíngue: português e inglês.

1. Tráfico de escravos. 2. Oceano Atlântico Sul. 3. Escravidão.
4. Memória. 5. Cultura afro-brasileira. 6. História do Brasil.
I. Mattos, Hebe. II. Título: Inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil.

CDD 326.0981

Inventory of sites of memory of the Atlantic slave trade and the history of enslaved Africans in Brazil / Hebe Mattos, Martha Abreu and Milton Guran (org.). – Niterói: PPGH-UFF, 2014.
120 p. ; il.

ISBN 978-856373

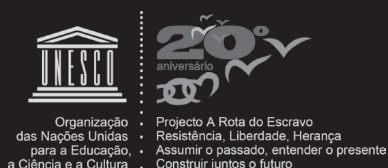
Bilingual book: English and Portuguese.

1. Slave traffic. 2. South Atlantic Ocean. 3. Slavery. 4. Memory.
5. African-Brazilian culture. 6. Brazil's history. I. Mattos, Hebe (org.). II. Title: Inventory of sites of memory of the Atlantic slave trade and the history of enslaved Africans in Brazil.

DDC 326.0981

Organizado pelas historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu, da Universidade Federal Fluminense, e pelo antropólogo Milton Guran, representante brasileiro no Comitê Científico Internacional do **Projeto Rota do Escravo – Resistência, Liberdade, Herança**, da Unesco, com a colaboração de dezenas de pesquisadores de todo o país, este **Inventário** se apresenta como um primeiro passo no sentido de darmos visibilidade aos lugares de memória da herança africana no Brasil. Assim sendo, está organizado a partir de sete categorias – Portos de chegada, locais de quarentena e venda; Desembarque ilegal; Casas, Terreiros e Candomblés; igrejas e Irmandades; Trabalho e Cotidiano; Revoltas e Quilombos; Patrimônio Imaterial – que englobam uma centena de locais em todas as regiões do país.

*Organized by the historians Hebe Mattos and Martha Abreu, of the Fluminense Federal University, and by the anthropologist Milton Guran, Brazil's representative on the International Scientific Committee of Unesco's **Slave Route Project – Resistance, Liberty, Heritage Project**, and with which dozens of researchers from all over the country collaborated, this **Inventory** constitutes the first step in creating greater awareness of the existence of the sites of memory of Brazil's African heritage. It is organized according to seven categories – Ports of Arrival, Places of Quarantine and Sale; Illegal Disembarkation; Candomblé Temples and Sacred Sites; Churches and Brotherhoods; Work and Daily Life; Revolts and Quilombos; Intangible Heritage – covering a hundred sites throughout the country.*



Realização



Edição



Apoio Cultural

